RECORD
chove sobre minha infância
ROMANCE
Miguel Sanches Neto

RECORD
chove sobre minha infância
ROMANCE
Miguel Sanches Neto

Miguel Sanches Neto

chove sobre minha infância

2ª edição

CIP-Brasil. Catalogação-na-
Sindicato Nacional dos Editores
RJ.

S191c

Sanches Neto, Miguel,

Chove sobre minha
[recurso eletrônico] /
Sanches Neto. - Rio de
Record, 2012.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema
Digital Editions

Modo de acesso: Wo
Web

ISBN 978-85-01
[recurso eletrônico]

1. Romance brasileiro.
eletrônicos. I. Título.

12-
3314

CDD: 869.93
CDU:
821.134.3(81

Texto revisado segundo o nov
Acordo Ortográfico da Língu
Portuguesa.

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio d
Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel

2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09033-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Este livro não é sobre mim, mas a partir de mim.

Helder Macedo, *in Partes de África*

Sumário

Chuva oblíqua

Chovia demais naquela manhã, uma chuva calma que molhava o piso de vermelhão da varanda da casa onde morávamos, naquela época já de aluguel. Uma casa velha de madeira, a varanda circundada pela mureta de alvenaria. A chuva alagando o território onde aquele que fui brincava de escorregar no piso. Depois, ao longo da infância, eu ia continuar preferindo estas brincadeiras em pisos molhados aos rios e às piscinas, sendo esta, inclusive, uma das razões de nunca ter aprendido a nadar.

Havia umas figurinhas de decalque a água, provavelmente presentes de meu pai, e comecei a molhá-las no chão e transferi-las para a parede da casa. A chuva continuava seu trabalho de limpeza lá fora, eu fazia minhas pequenas mágicas, deixando inscrita nas paredes uma mensagem qualquer.

Não sei do que tratavam aquelas figurinhas, não me lembro nem da cor, nem da quantidade, nem da procedência, mas tudo isso não importa, o que marcou como minha primeira lembrança foi este ato primitivo de desenhar nas paredes da caverna, de deixar uma mensagem. Meus três anos não permitiam mais do que o ato vazio de tentar uma comunicação. Sozinho na varanda, a chuva a me isolar dos amigos e da família, a sensação de abandono me punha a escrever nas paredes, náufrago do tempo lutando para estabelecer contatos.

Quem seria este interlocutor que o menino procurava?

Um amigo? Alguém da família? O pai sempre ausente, fazendo seus negócios no centro de Bela Vista do Paraíso? As meninas que moravam na casa ao lado? Talvez todos, mas principalmente o adulto que a criança se tornaria. Ela queria falar comigo, por isso a imagem me ficou tão nítida na lembrança. Havia um sorriso que não posso esquecer e nem ao menos imitar. A lembrança permanece, latente, daí eu tentar dar-lhe espessura de linguagem. Olhem, lá está o menino, ele brinca na varanda, molhando as figurinhas nas poças que se formam no piso de vermelhão e correndo alegre para transferi-las à parede. Depois se vira para nós (na verdade, está olhando para a chuva, mas o que é a chuva senão nossos olhos turvados de lágrimas?) e sorri. Está alegre, não precisa falar nada, apenas mostrar o seu rosto, mostrar o seu desejo de nos povoar.

O seu endereço?

Não, disso não me lembro e não vou perguntar à mãe dele porque não importa saber o nome da rua, o número da casa — nós não conhecemos Bela Vista.

Lembro-me, isso sim, de algumas imagens da rua que não consigo descrever. É melhor esquecer a geografia, ela não ficou arquivada em fotos — éramos pobres e não tínhamos o hábito de fotografar. De meu pai, por exemplo, restou apenas o retrato de casamento, o mesmo que está em seu túmulo. Odiava ser fotografado e isso deve ter definido a ausência de imagens de minha infância. Preciso fazer as vezes das fotos, desenferrujar a máquina da memória e trazer de volta algumas paisagens. Mas a da rua está perdida, lembro-me de um armazém grande numa esquina, a Casa Verde, de um portão que dava para um pátio, de algumas cercas de balaústre, e só. Não me recordo tampouco da casa, apenas que era pobre e de madeira, casa alugada, porque o pai já tinha perdido a que construíra antes de se casar.

Havia anos estava sem ganhar dinheiro, sem conseguir fazer nenhum negócio. Ia para os bares do centro, passava a manhã bebendo com os amigos, tentando em vão fazer corretagem de terra, datas ou café. Bêbado, chegava em casa para almoçar, comia uma grande quantidade de carne, comprada em contas já naquela época impagáveis, e depois dormia até o fim da tarde, quando novamente saía para trabalhar e voltava novamente bêbado e novamente sem ter feito nenhum negócio. Vinha sempre triste, procurando encrenca com a mãe do menino e com sua própria mãe, que morava junto. Irritadiço, quebrava uma ou outra coisa, batia no menino, mas nunca na menina.

— Em filha não se bate. Mulher já sofre muito.

Estes retornos noturnos eram sempre dolorosos, não tinha aparecido nenhuma possibilidade de exercer sua vocação para o comércio. Voltava vencido, desabando sua fúria e seu fracasso sobre alguém ou sobre alguma coisa. Depois dormia.

Na manhã seguinte, estava de pé com uma alegria e uma jovialidade que transformavam o outro pai, o noturno, em fantasma. Ele era dois. Tinha o dom de mudar, de se levantar de seu fracasso, entusiasmando a todos. O pai era um herói nestas artes de dar a volta por cima, de esquecer as derrotas, de acreditar na sua capacidade de superar os problemas. E era um homem alegre, que cultivava amigos, querido entre os comerciantes da cidade, financiadores de sua vida improdutiva. Comprava fiado em todos os lugares e, por mais que não pagasse, sempre tinha crédito. Pequeno deus da sobrevivência, ele só se deixava derrubar sob os efeitos da bebida, nos fins de noite, quando sua capacidade de acreditar numa mudança era desmentida pelo avançado da hora: não, naquele dia não conseguiria mais ganhar nenhum tostão. Era o desempregado, o desiludido que voltava para casa sem nada nos bolsos. Mas pela manhã, uma vez mais, ele estaria de posse de sua confiança, sairia impecavelmente limpo, a

cabeleira preta bem penteada.

É claro que eu queria conhecer apenas o pai matinal, que me enchia de sol as manhãs, mas eventualmente me deparava com o outro, vespertino ou já noturno, que não se intimidava diante de meus poucos anos e súbito me batia, para depois, recuperada sua outra metade, a verdadeira, correr para a farmácia, levando o filho que recebera algumas palmadas na mão, e que por isso as tinha inchadas. O farmacêutico, o melhor amigo do pai, passava uma pomada, ria de seu desespero e ainda dava um presente para o menino.

O pai era esta moeda de duas faces, sofrendo mais os fantasmas de suas frustrações do que predisposto a infernizar os outros. Coração bom, mas prisioneiro de suas misérias.

Nos momentos de alegria, levantava o menino no colo, colocava-o sobre uma cadeira, o palanque improvisado, e fazia um discurso em nome do filho que, para ele, era prefeito da cidade. Ele me queria prefeito, e inventava discursos em que eu figurava como eloquente orador.

O pai é a grande figura até meus quatro anos. Supersticioso, alegre, animado, bêbado, fracassado, amigável e irritadiço, ele foi um pouco de tudo para o menino, que muitas vezes era carregado para os bares.

Passava a maior parte de seu tempo em conversas fiadas. Quando, à noite, não estava bêbado, isto é, quando tinha ido a alguma fazenda durante o dia para comprar café, ele levava a mãe do menino aos botecos. Isso, em meados dos anos 60, numa cidadezinha provinciana, devia ser motivo de comentários. Só frequentavam bares as mulheres de vida fácil ou as moças mais saídas, não senhoras casadas, mas ele fazia questão de levar a esposa e, em homenagem a ela, bebia pouco e se divertia com os amigos.

Se o bar era o seu endereço habitual, tinha verdadeiro pavor de igreja e de religiosos. Homem bom de coração, que não deixava de ajudar os necessitados, não conseguia esconder o ódio ao clero. Para ele, todos os padres estavam apenas interessados nas mulheres, daí se queimar de ciúme quando a mãe do menino ia sozinha à missa. Não gostava também dos médicos, pelos mesmos motivos, mas idolatrava os comerciantes. Era no movimento do comércio que encontrava a sua cidade. Foi o comércio que o tirou da roça. O pai era comerciante não tanto pelo lucro, que raramente teve, mas pela possibilidade de levar a vida em palestras descontraídas, em horas de amizade, impondo suas ideias, sempre indiscutíveis, cultivando os amigos pela facilidade de se expressar, pela inteligência e pelo camaradismo, que compensavam a sua inabilidade empresarial.

Embora tivesse um caminhão, para buscar os cereais nos sítios, e mesmo sabendo dirigir, recusava-se a enfrentar as estradas na direção. Era seu irmão do meio quem conduzia o Chevrolet, enquanto ele ia ao lado, inconfundível em seu papel de negociante. O pai era dado a estas honrarias e tinha pavor dos trabalhos

manuais, que lhe traziam à memória os tempos da lavoura.

Mas tudo isso o menino viu pelos olhos dos outros, porque sua memória era frágil neste período.

Do que mais ele se recorda até os quatro anos? De poucas cenas. Ele entrando, nu, debaixo da cama, com uma das filhas da vizinha, o primeiro alumbramento sexual, a proximidade do corpo liso colado ao seu, um gosto de catarro sufocando sua respiração e a primeira ereção. Não se recorda como chegaram ao quarto, como tiraram a roupa, como saíram de lá — apenas as imagens do escuro apertado debaixo da cama, da pele macia contra a sua pele, dos sexos implumes se tocando levemente, numa carícia suave. E a fita se corta. Há apenas este episódio isolado, que se cola a outros retalhos do filme perdido da primeira infância.

A outra cena é um grande vazio, uma longa espera. O pai havia saído para negociar em cidades distantes. Ao contrário das outras vezes, não tinha levado o irmão como motorista, fora dirigindo, contra toda a sua aversão à boleia. Numa pasta, bastante dinheiro, conseguido em vários negócios feitos nos últimos meses. Novamente acreditando na possibilidade de voltar a ser um comerciante ascendente, se enfurnara no sertão com o plano de comprar café. O dinheiro numa pasta e o coração cheio de esperança.

Todos ansiosos em casa. Desde que eu havia nascido, fazia quatro anos portanto, ele nunca mais tinha conseguido ganhar dinheiro. Era o reinício. A mãe continuava com os serviços de casa, a avó ajudando. A irmã já estava com dois anos e era companhia para o menino solitário. Mas este ainda continuava procurando lugares isolados, querendo ver as coisas sozinho.

Esperavam o pai por aqueles dias. Sem telefone, não recebiam notícias. Mas era a época que ele marcara para a chegada. O menino passava o dia brincando na frente da casa, na calçada, acompanhando o movimento da rua. Queria ser o primeiro a ver o caminhão, a levar a notícia para a mãe e a comemorar o retorno do pai pródigo. A mãe mataria um frango, a comida de que ele mais gostava, e haveria um almoço ou um jantar em família, ele contando com a alegria de sempre tudo que fizera, os lugares por onde andara, os negócios, falando entre uma porção de comida e outra. Era o jeito dele; fazer tudo ao mesmo tempo, alegre com seu poder de sustentar a família, mesmo nos dias em que só trazia mantimentos comprados em suas várias contas pela cidade.

No fim de uma tarde, o menino viu o caminhão cruzar a rua e descer, carregado, rumo à região de armazéns. Avisou à mãe que o pai tinha ido descarregar, logo estaria de volta. A mãe preparou a comida, deu banho nos filhos e ficou aguardando. Mas ele não veio e todos foram dormir — devia ter sido engano do menino, uma mentira criada pela saudade.

E ele se recolheu triste por ter criado uma falsa expectativa. Foi o seu

primeiro grande fracasso, não conseguiu desempenhar o papel de vigia, se equivocou, deu alarme falso, criando ansiedade em todos.

No meio da noite alguém bate na porta. A mãe abre e o menino a segue. É o dono da farmácia pedindo para entrar um pouco, traz uma notícia: um acidente de caminhão em Formosa do Oeste. O caminhão havia caído no Rio Ivaí, na hora de atravessar a balsa, o corpo ficara três dias debaixo da carga, no fundo do rio. Os bombeiros tinham trabalhado duro para conseguir resgatar o cadáver, que já estava com a face comida pelos peixes.

A mãe chora, o amigo do pai fala com calma mostrando alguns pertences. Depois diz que havia sido encontrado pouco dinheiro na cabina do caminhão. Foi quando o menino saiu correndo para o quarto.

Guardei somente estas três imagens dos meus anos antes da orfandade, imagens que, embora mínimas, dizem tudo: a alegria solitária da escrita, a descoberta do sexo e da morte.

O meu pai tinha a cara comida pelos peixes, eu não queria mais recordar dela, para não ver a ferida roubando o seu bigode, os seus lábios, os seus olhos, a sua orelha. Que bom que ele não deixou outras fotos, assim não precisaria lembrar de seu rosto.

Deste tempo, no entanto, tinha ficado uma fotografia de monóculo do menino e de sua irmã, tirada meses antes da morte do pai. Era toda a sua infância retida na caixinha rosa do monóculo, minúsculo filme que precisava de uma lente para ser visto. Através dela, a gente olhava, muitos anos depois, aquele tempo como quem usa uma luneta, um telescópio. Tão longe, eu não era mais o menino; meu pai, só uma ausência. E para ver tudo isso a gente tinha que fechar um olho e fixar o outro na lente. Nesta caixinha cabia toda uma história que precisava ser libertada. Através dela soube que a casa onde morei era rosa e a varanda pequena, muito pequena. Mas nas reminiscências continua vasta, digna de todas as solidões.

Décadas depois de tudo, um mascate passou pela cidade onde minha mãe mora, oferecendo-se para transformar filmes de monóculo em fotos de papel. A mãe escolheu aquela em que apareço na varanda, segurando a mão de minha irmã.

— Filho — me disse quando recebeu a nova cópia —, acho que tenho que trocar os óculos, estou vendo esta foto tão fosca.

Olhei para a imagem resgatada, agora em tamanho grande. Com a ampliação, ela tinha perdido um pouco da nitidez. Mas ainda dava para divisar os traços de uma infância perdida. Fiquei olhando a foto e as imagens foram embaçando cada vez mais, até se tornarem um borrão rosa, com duas manchas brancas no centro, fantasmas toscos assombrando um pedaço de papel.

Olhei para a mãe e ela também chorava.

Filho do pai

A morte de meu pai é o início de minha história, mas havia uma longa e bem-narrada pré-história. Se eu não retornar a ela, talvez não seja compreendido. Por que mexer nestas coisas que doem?, me perguntaram. Descascar a ferida apenas para sofrer mais do que normalmente se sofre nesta vida em que nada cicatriza completamente?

Sofrer com a lembrança é um reconforto. Tudo passou e sobrevivemos, tivemos força para manter a sanidade, para seguir nosso caminho. A dor do passado, ao contrário da dor do presente, é uma espécie compungida de felicidade. Sim, sinto prazer olhando aquele tempo, me vendo sozinho no mundo, órfão em vários sentidos.

Mas vamos logo à pré-história, pelo menos a alguns trechos dela, porque esta não é uma obra de memórias, apenas de retalhos, alguns falsificados pela recordação e pela fantasia.

Sempre tive que pagar o preço de ter um sobrenome espanhol. Minha ascendência explicava todos os meus defeitos de caráter. Briguento, irritadiço, violento, orgulhoso, teimoso. Tudo isso era sinônimo de espanhol e estava em meu sobrenome. No começo, a força destas poucas letras me assustava, mas o seu poder foi tão reverenciado que acabei por aceitar a personalidade que me era imposta pelas pessoas com quem convivia. Fiz-me espanhol, mais espanhol do que de fato sou.

Filho do pai, diziam alguns que haviam conhecido o outro Sanches. Isso ora era elogio, ora agressão. Mas tomei tudo como algo positivo, puxara aos meus, saíra aos antepassados, era espanhol como meus avós e a permanência desta personalidade espinhosa só servia para comprovar a potência do sangue que explodia em minhas veias.

Além do mais, a reverência às raízes não foi algo que escolhi, ela veio na hora do registro. Recebi o mesmo nome de meu avô, responsabilidade que só mais tarde, bem mais tarde, fui compreender.

Não conheci o primeiro Miguel Sanches. Nem meu pai o conheceu direito. Boêmio por vocação e por gosto, ele pouco parava na colônia, onde a família tocava café como meeira. Em seu cavalo branco, é assim que meus tios-avós o

descrevem, desfilava pelas colônias vizinhas, paletó de linho, chapéu de aba larga, requisitando a atenção das moças disponíveis em suas janelas de madeira e solidão. Trabalhava na lavoura o menos possível, deixando o serviço para a esposa, a pequenina Carmen, também espanhola, que vai falecer aos 87 anos sem nunca ter ido a um médico. Ainda jovem, o marido morreu misteriosamente, de uma doença qualquer, deixando mais de uma viúva pelas colônias de Itapetininga, interior de São Paulo.

A sua viúva oficial ficou com quatro filhos, uma menina e três meninos, e alguns mil pés de café para tocar. Embora ainda crianças, José, Antônia, João e Antônio seguiam a mãe para a lavoura e passavam o dia inteiro sob o sol, enquanto a jovem viúva (tinha 25 anos) trabalhava com gosto. Todos desde cedo ajudavam a capinar o cafezal, com pequenas enxadas, enfrentando serviços dos quais meu avô fugira. Com a morte dele, nada mudou para a família que tirava o sustento da lavoura.

Saíam da colônia antes do sol nascer, depois da viúva ter acendido o fogo e preparado as marmitas, enroladas em um guardanapo alvo, feito de pano de saco de açúcar. Chegavam já noite e minha avó ainda tinha que cuidar da janta e fazer os serviços da casa. Neste período, cada um deles só possuía duas mudas de roupas. Assim, usavam uma durante toda a semana e trocavam no domingo, único dia em que não iam para a roça — era quando a viúva descia ao rio para lavar a roupa da semana, que só seria trocada no domingo seguinte.

Durante alguns anos depois da morte de Miguel, eles ficaram na mesma colônia, morando com os parentes de meu avô, dois irmãos e uma irmã. Era uma família de loucos, que infernizou a vida de minha avó durante muitos anos. Foram eles que, seduzidos pelas promessas de progresso do norte do Paraná e movidos pelo instinto andarilho, trouxeram todos para este estado.

Os tios-avós tinham uma verdadeira dificuldade de acomodação, principalmente porque jamais foram adeptos do trabalho pesado e, sem nenhuma inteligência especial, nunca se deram bem nos negócios. Um dia, colocaram todos os trastes da casa no caminhão, um baú com roupas, as poucas ferramentas de trabalho (não tinham nenhum tipo de habilidade), o cachorro que os acompanhava, de nome Labrador, e se atiraram para o Paraná. Pararam em vários vilarejos, em alguns ficavam semanas, em outros alguns meses ou apenas dias. Em um deles, mal chegaram, descarregaram a mudança em uma casa, o tio mais velho deu uma volta pela cidade, não gostou, e fez carregar, no mesmo caminhão e no mesmo dia, a mudança.

Acabaram, no início dos anos 50, com os pés no barro vermelho da zona agrícola de Bela Vista do Paraíso. Depois de morarem todos juntos por algum tempo, minha avó apartou casa. Agora era apenas ela e os filhos. Tio Zé e tio João logo já estavam moços e trabalhavam como homens; meu pai, o caçula, também. Tia Antônia arrumou um casamento e foi embora da cidade, tio Zé se

casou com uma italiana, mas permaneceu no sítio. A vida ficou mais fácil com o crescimento dos filhos, mas Toninho não se contentava em trabalhar na roça, fazia sempre um negócio ou outro e, em pouco tempo, já tinha juntado o que a família jamais ganhara em anos de trabalho — o que não era, na verdade, muita coisa. Em vez de cuidar dos cafezais para os fazendeiros, começou a negociar.

O dinheiro enfim chegava para eles, e o bom filho estava namorando firme, embora tivesse uma vida noturna intensa, com longas estadas na zona, fato normal entre moços de uma cidade sem outra diversão. Com o dinheiro, comprava e vendia automóveis. Construiu também uma casa na cidade. Tenho até hoje a planta daquela casa, porque foi ali que começou a minha história. Era uma confortável residência de madeira, não muito grande, mas um verdadeiro luxo para quem vinha de uma família de colonos. Nunca mais, até eu ter minha própria casa, há alguns poucos anos, voltei a morar numa casa tão boa, fruto da breve idade de ouro na vida de meu pai.

Minha mãe, quando se casou, foi morar nesta casa e jamais se esqueceu dela, mesmo tendo ficado pouco mais de dois anos lá. Casou não apenas com meu pai, mas também com minha avó e com o irmão do meio, que saíram do sítio para viver com o Toninho.

Nos sítios vizinhos e na cidade, meu pai era visto como um próspero cerealista, em ascensão com o café. Foi o café que deu tudo ao meu pai, mas foi também ele que tirou até a sua vida. Numa das quedas de preço, ele, que estocara muito produto, ficou com uma dívida imensa, nunca saldada. Tinha pouco mais de 30 anos e estava falido, ficaríamos sabendo depois que irremediavelmente.

Vendeu a casa e o carro, perdeu o capital, mas em compensação ganhou uma filha, que nasceu no tempo da falência, ao contrário do menino, fruto da fartura. Este tivera mimos que a menina jamais conheceria, porque a sua era uma outra época.

Falido. Sem serviço e sem profissão. A única coisa que sabia era negociar — isso era o que ele achava. No mais, um fracasso. Mas nem na miséria sua altivez se rendia. Numa das visitas do sogro, próspero fazendeiro em Peabiru, onde vivia com sua terceira mulher (enviuvara duas vezes o meu avô materno), recebeu a oferta de um sítio, próximo da fazenda. Poderia recomeçar a vida longe de Bela Vista, o que era o mesmo que matar os credores, com os quais se encontrava todos os dias. Meu pai sequer pensou, ou pensou muito rapidamente, ou já estava preparado para responder.

— O senhor fique sabendo que enquanto eu tiver dois braços sadios não preciso de esmola de ninguém.

Meu avô não esperou o jantar, partiu naquela mesma tarde em seu Jeep, deixando meu pai furioso mas em paz, alegre com a bravata. Não tinha se rebaixado.

A razão verdadeira da recusa deve ter sido bem outra. Se esforçara tanto para sair da roça, não voltaria para um sítio de forma alguma, pois os seus dois braços, apesar de musculosos, não haviam sido feitos para o trabalho. Era um boêmio, como o pai dele.

Quando, em família, eu recusava qualquer coisa que me davam como prêmio de consolação ou quando ficava dias trancado em casa, lendo, havia sempre alguém para acusar: filho do pai. Que eu traduzia rapidamente: espanhol vagabundo e orgulhoso.

Histórias de um nome

Nunca me casei de novo, Miguelzinho, não por falta de oportunidade mas pela memória de seu avô. Foi o melhor homem que conheci, era bonito e sabia conversar com a gente, ao contrário dos irmãos dele, uns matutos que se dizem descendentes de nobres mas que chegaram ao Brasil passando fome, como todos nós. O seu avô tinha os defeitos dele, mas quem é que não tem?, diga pra mim, filho, quem não faz besteiras de vez em quando? Um dia uma vizinha perguntou, achando que eu ia reclamar do meu marido, que todo mundo sabia que era mulherengo, se ele tinha sido bom companheiro.

— É claro que foi — respondi.

As pessoas têm cada ideia, acham que vou fazer como as mulheres de agora, que por qualquer coisinha já falam mal do marido, já brigam, já arrumam outro. Fui educada no respeito do pai e do marido, mas não sinto raiva de nada. Fiquei viúva muito cedo e nunca mais quis homem nenhum. Tinha que criar os quatro filhos sozinha, enfrentando a lavoura de café, mas o pior era viver com os irmãos do Miguel. Por isso a gente se separou. Depois o seu pai tirou a gente da roça e logo inventou de morrer. Só então eu me senti mesmo viúva, tinha perdido o filho amado, o que mais se parecia com o pai, o que mais me alegrava.

Fiquei todos estes anos na cidade, mas a cidade sem o Toninho não presta, por ele eu tinha deixado a minha vida, a minha casa, e de repente estou aqui sem ele, sem casa, sem rumo. Era um homem forte, honrado, mas deixou tantas dívidas, o nome sujo em Bela Vista, no Cerne e em Sertanópolis.

Você sabe, olhe bem pra sua avó, você sabe que tem que pagar essas dívidas. Quando você começar a trabalhar, pegue uma parte do dinheiro e guarde até conseguir limpar o nome de seu pai. Ele só não pagou porque morreu cedo. E agora que resta apenas a memória dele, quero que seja uma memória bonita, sem nada contra. Esta é a sua tarefa, não pode fugir dela.

Por que você está tão quieto? Parece que nem está ouvindo o que estou falando. Pare de olhar pela janela do ônibus, meu filho. Olhe aqui pra mim. Já vamos chegar em Bela Vista.

Está vendo aquele cafezal ali? Não é bonito? Acho que a coisa mais linda que vi em toda a minha vida foi o café florindo. A gente trabalhava muito, mas muito

mesmo, na lavoura. E em certos dias não sobrava comida pra mim. Então eu trabalhava com fome, carpindo, embandeirando café, abanando, ensacando. Eu trabalhava mais do que os preguiçosos dos irmãos do Miguel. E ainda cuidava das crianças. Está sentindo o cheiro do café? Vem daquela cerealista, este é o melhor perfume do mundo. Eu gosto, de manhã, do cheiro do café passado, mas o cheiro do café cru é bem melhor, o cheiro que tem uma máquina de limpar café, ah, filho! Aquela foi a minha vida, o resto é só esperar a morte, só lembrar os que se foram antes de mim. O duro de ficar velha é que você já não tem mais ninguém com quem conversar sobre o passado. A gente tem que ficar explicando tudo, as pessoas não conhecem ninguém daquele tempo, não sabem onde ficam os lugares.

Uma outra coisa, filho, quando você ganhar dinheiro, compra uma chácara de café pra mim, quero morrer trabalhando no cafezal. Foi a melhor época de minha vida.

Espera aí, não é necessário me segurar que eu consigo descer sozinha do ônibus, não preciso de ajuda de ninguém. Estou velha mas não inválida.

Quando a gente chegar na farmácia do Orlando, eu vou te apresentar. Foi o melhor amigo de seu pai e gostava tanto de você... Tinha duas filhas, mas queria um menino. E enquanto não chegava o menino, ele tratava você como filho. Depois, quando a gente foi embora, o Orlando teve um menino, que só deu desgosto pra ele, e olha que tinha de tudo. Dizem até, Miguelzinho, que... bem, é melhor nem falar nessas coisas. O Orlando queria você como filho.

Olha lá, é aquele atrás do balcão. Orlando! Sim, tudo bem. Fizemos boa viagem. Você não se lembra deste menino. Não, é o filho do Toninho. Sim, o Miguelzinho. Ele me disse que vai pagar a dívida do pai, já está até juntando dinheiro. É claro que precisa. Nem se tiver que esperar mais dez anos. Este é um menino responsável, Orlando. Vai pagar a dívida do pai. Vai, sim, ele me prometeu. Não é por causa de você, é pelo nome do pai.

Minha mãe tinha estudado até o segundo ano primário na escola do Cerne, com o professor Manduca. Aluna empenhada, aprendeu mais do que a escola exigia dela e escreve até hoje com uma letra boa, lê uma ou outra coisa e tem uma facilidade muito grande para interpretação. Meramente alfabetizada, lê mais e melhor do que muita gente com curso superior, não porque seja uma inteligência excepcional, mas porque hoje poucos se interessam por leitura.

Para meu pai, ela era uma mulher de letras. Ele, que nunca frequentara escola ou professores, filho, neto, sobrinho e irmão de analfabetos, tinha a mulher em alta conta. Além de costureira, havia sido trabalhadora rural, operária na cidade, e agora era apenas mulher. Mas sabia ler e escrever. E se sabia, podia ensinar.

Entusiasmado, sempre pronto para colocar o melhor de si em seus projetos,

ele transformou a mulher em sua professora. Saiu para o centro e voltou com toda a parafernália indispensável. Caderno, mais de um. Vários lápis. Caneta. Uma cartilha. Sentava-se à mesa da sala e ficava ouvindo a lição. Queria ser alfabetizado, quem sabe poderia depois colocar até um anel no dedo, para marcar a distinção.

A mulher lutava com as letras, tentava transmitir, sem nenhum jeito mas com muita vontade, o pouco que sabia. O pai se debruçava sobre as vogais e sofria com a longa lista das consoantes, que embaralhavam a sua vista, por ele sempre alardeada como excelente. Com muito esforço aprendia algumas letras, que desenhava com dificuldade no caderno, apertando a folha até furar.

Mas formar palavras era impossível. Estava ali como aluno, estudando à noite, para não correr o risco de ser flagrado aprendendo coisas tão banais e tão difíceis, uns sinais estranhos que juntos significam algo que ele conhecia de ouvido, mas que não reconhecia no papel. Logo no início desistiu. Tinha vivido até ali sem precisar da leitura e da escrita, sem ter que ficar agachado como mulher sobre uma mesa. Era um homem em pé, de ficar no balcão dos bares, de andar pelo centro, de falar sempre ereto. Não precisava se abaixar para ser desafiado e vencido por umas letrinhas miúdas e sem sentido.

Era demais!

No meio de uma lição se irritou e rasgou o caderno, estraçalhou a cartilha, quebrou em vários pedaços os lápis e quis virar a mesa. Decretava assim a sua inimizade definitiva com o mundo letrado — tinha vencido como analfabeto e era dessa forma que queria ser conhecido. De que adiantaria aprender a escrever *Ivo vê a uva*? Saiu irritado e voltou bêbado, tarde da noite.

A mãe achou que tinha acabado a sua breve carreira de professora com a revolta do aluno. Ela mesma, de mexer com caderno, cartilha e lápis, ficou com vontade de voltar a estudar, tirar algum diploma e ser professora. Poderia lecionar no Cerne ou em outro lugarejo qualquer. Mas logo lembrou que tinha que lavar a louça da janta e depois foi dormir, cansada como sempre, sem nem ver o momento em que o Toninho voltou.

No outro dia, ele saiu cedo e antes da hora habitual do almoço estava de volta com um pacote. Vinha feliz, tinha comprado só um caderno e alguns lápis. Não queria mais aprender a ler e a escrever. Queria aprender somente a assinar o próprio nome, para não precisar sujar o dedão de tinta toda vez que fizesse um negócio — negócios que ele já nem mais fazia.

A mãe retomou a sua atividade pedagógica, ensinando como pegar no lápis, dando o nome para cada uma das letras. Por mais que imitasse o seu nome, ele nunca parecia com o que tinha sido escrito pela mulher. Ficava todo tremido e ele perdia um tempão copiando o modelo. Sem este, não conseguia rascunhar as poucas letras do nome curto: Antônio Sanches.

Numa nova crise de revolta, jogou o caderno fora e foi para o bar em busca

de algum negócio. Nunca mais tentou, mas sempre se admirava quando via alguém escrevendo o nome rapidamente, sem nem parar para pensar. Para ele, aquilo era um verdadeiro mistério.

De uma certa forma, herdei aquele caderno em branco do pai. Desde que entrei na escola, alimentado por este episódio que a mãe não se cansava de repetir, eu me sentia na obrigação de preencher todos os meus cadernos. Não queria deixar nenhuma linha em branco e, por isso, odiava os professores que não davam lição. Eles estavam contribuindo para que meu pai, morto há anos, continuasse analfabeto.

Em nome do filho

Dez horas da manhã, a mãe ligou para Curitiba avisando: tua avó morreu e vai ser enterrada amanhã cedo. Eu não tinha carro e nem dinheiro para pagar uma passagem de avião para Londrina. E não encontrei passagem de dia para a cidade em que a avó passara, contrariada, os últimos anos de sua vida. À noite, tomei um ônibus para Apucarana, onde me apanharam para ir guardar o corpo da velha Carmen Escobar.

Era uma mulherzinha miúda, só rugas, que andava o dia todo impecavelmente arrumada. Não havia um fio de cabelo solto em sua cabeça, e sua roupa, quase sempre escura, símbolo de um luto eterno, permanecia invariavelmente bem-passada. Embora morando com os filhos do tio João, ela não escondia que eu era o seu neto predileto. Mais uma responsabilidade para quem tinha um nome com tantos significados dentro. Tratar-me como neto predileto era uma forma de me prender a um tempo do qual eu não havia participado.

Mas era também uma tentativa de manter-se ligada a marido e filho mortos. Eu era os dois para ela, e a consciência disso me prendia a um tempo repleto de vazios.

Abraçados, íamos à missa, saíamos para passear em minhas poucas visitas. Se eu não tinha o capital econômico para saldar a dívida paterna que ela assumira, tinha um capital afetivo que estava à disposição.

Cheguei ao velório sem sentir dor. Não chorei diante do caixão e me recusei a participar das rezas, irritando-me com o padre que proferiu umas palavras convencionais. O único momento em que realmente me emocionei no velório foi quando meu tio-avô, já velhinho, me abraçou.

— Está cada vez menor o número dos Sanches, Miguel!

Ele ficou preso a mim por alguns minutos, enquanto eu me lembrava da morte recente do irmão mais velho de meu pai, acontecida um ano antes. A lamúria do velho tio era também uma maneira de me prender à responsabilidade do nome. Eu tinha que agir como os meus. Tinha que ser um deles. Toda hora me lembravam deste compromisso.

Não senti dor e nem remorso por não sentir dor, principalmente depois que

soube das circunstâncias da morte da avó. Como em todos os domingos, depois de estender as camas e limpar os quartos, ela tomou banho e vestiu sua melhor roupa para ir à missa. Mas, na hora, avisou que não sairia mais por estar com dor de cabeça. Engoliu um comprimido antes de subir ao quarto. Encontraram-na morta na hora do almoço e nem foi preciso lavá-la ou trocá-la para o velório.

Durante seus quase 90 anos, dona Carmen não precisou de ninguém, independente até na hora de morrer. Não deu trabalho para os parentes, não chorou de dor, não promoveu escândalos. Morreu serena, esta que passou a conviver com a morte desde os 25 anos, ao perder o marido.

Uma vida inteira de luto, falando nas pessoas mortas. Nunca quis viver bastante e sempre pedia para ser levada logo. Talvez por isso tenha conquistado como prêmio morrer no pleno domínio físico e psicológico, com uma idade bonita.

Eu fiquei pela casa, conversando com os parentes, não comi, não dormi, não quis também receber os pêsames, mas fiz questão, na hora de levar o corpo para o cemitério, de segurar uma das alças do caixão. Na frente, tio João e eu, atrás um dos filhos de tia Antônia e outro do falecido tio Zé.

Era um corpo leve, não fizemos muito esforço para conduzi-lo ao jazigo dos Sanches, construído por um dos tios-avôs. Deixei a pequena multidão em torno do túmulo e saí para caminhar pelo cemitério. Não tinha outros parentes enterrados lá. Mas me deu vontade de fazer parte de um lugar onde tantas dores findavam, anônimas. Olhando os túmulos, lendo as inscrições, estudando as fotografias, algumas tão belas que chegavam a doer, passei mais de uma hora perambulando. Em uma de minhas paradas, encontrei uma inscrição que me transtornou: AQUI JAZ MIGUEL SANCHES, SAUDADES DA FAMÍLIA. Sem parar de ler esta frase, não conseguia sair da frente da lápide e nem olhar para outra coisa. Havia uma foto na cabeceira, mas não olhei, poderia encontrar, emoldurada por uma medalha de bronze, minha própria imagem.

Quando reuni forças suficientes para me libertar do fascínio de um futuro entrevisto, pude caminhar meio bêbado para o portão do cemitério. Muita coisa ficava enterrada naquele lugar. O meu próprio nome e tudo que ele evocava.

Na casa de tio João, ajudei a limpar a sujeira na sala em que o corpo foi velado. Tudo voltava novamente à normalidade. Restavam apenas uns poucos parentes.

Era hora de ver as despesas do velório. Toquei no assunto para ficar sabendo que o dinheiro que a avó tinha na poupança dava para pagar tudo e ainda sobrava. Durante décadas, ela guardara sua aposentadoria, vivendo com o mínimo recebido dos parentes.

— Não queria dar despesa na hora da morte, por isso tanta economia — disse alguém.

Talvez, pensei. Mas nada me tira da cabeça que durante todos estes anos ela estava tentando arranjar a soma necessária para pagar a dívida do filho, ou para me ajudar a pagá-la. O seu dinheiro ia para o grande projeto de sua vida — liquidar os saldos, pagar pelo menos o maior credor, o Orlando da Farmácia. Não falei nada disso para os demais parentes, apenas recusei, meses depois, a parte que me cabia das sobras da poupança.

À noite, tomei um ônibus para Curitiba, chegando pela madrugada em casa.

Só ao tirar a roupa percebi que havia perdido meu relógio de bolso. Era um velho Zenith, sem nenhum valor, que me acompanhava fazia anos. Como a calça não tinha passador, ele ficara solto no bolso, devendo ter caído no banco do ônibus.

Liguei para a agência, mas não consegui notícias do relógio. Sentado no sofá de casa, a sala escura, chorei a perda daquele objeto. Eu me afeiçoara tanto a ele, não sabia como seriam, daquele dia em diante, minhas aulas enfadonhas, que eu suportava apenas porque havia sempre o pretexto de olhar o velho relógio. Eu estava mais pobre e desfalcado, ficava faltando mais um pedaço em mim, este ser incompleto que, daquele dia em diante, e por vários anos, se recusaria a usar relógios. Não era possível que até um velho cebolão não pudesse me acompanhar por um largo período de tempo. Tudo tinha que ser tão inconstante assim? Não haveria como edificar uma margem de segurança, uma região protegida? Tínhamos que seguir perdendo as coisas pelo caminho, como eu perdera aquele relógio, aquele relógio que significava tanto para mim?

Sabia que não era só um relógio que estava perdendo, mas todo um tempo escorrido entre ponteiros impotentes.

O nome da mãe

Mais duas mulheres pintadas estão com minha mãe. Estas mulheres vivem entrando e saindo de casa e isso me inquieta. Chegam de táxi e toda a vizinhança fica observando. O taxista não sai do carro e as mulheres se trancam no quarto. Vêm de duas ou três, com sacolas e revistas. Riem bastante estas mulheres jovens. Não se parecem com minha mãe, que não usa pintura nem tem roupas coloridas. Minha mãe também é nova, mas as mulheres são mais bonitas. Eu vou atrás delas pela casa, depois fico na sala sentindo o cheiro bom no ar, enquanto se trancam no quarto.

Fiz isso quando estas duas chegaram, mas agora estou brincando no quintal. Um vizinho, que acompanhou toda a movimentação, me pergunta se sei quem são elas.

Não, eu não sei. Devem ser amigas de minha mãe, que agora tem muitas amigas. Quando meu pai era vivo, a gente morava sozinho, mas agora muita gente vem aqui em casa. Acho que é por causa do serviço de minha mãe.

O meu vizinho me olha bem nos olhos e não esconde um desprezo que não entendo.

São é putas. Elas vivem na zona, dormindo com homens sujos. Sua mãe é amiga das putas.

Ele fala isso e sai me provocando. Não sei muito bem a razão desta raiva, não sei o que é zona. Só sei que a vida aqui é melhor do que em Bela Vista, o quintal não tem cerca e eu posso andar pela rua à vontade. E há sempre tanta gente passando que fico sentado num toco qualquer, vendo as pessoas.

A mãe está trabalhando e minha irmã veio brincar comigo no quintal, mas a mãe não gosta, porque ela é ainda muito pequena. Brinquedo mesmo a gente quase não tem, mas quem é que precisa de brinquedo? Pego uma madeira e fico riscando a terra, finjo que um pedaço de caibro é um caminhãozinho, invento um rio na valeta onde corre a água de espuma do tanque e com gravetos e sabugo de milho faço pequenos bonecos.

Mas o meu principal brinquedo é o quintal e os terrenos vazios por perto. A gente imagina que uma árvore é um carro, que uma moita é uma caverna, que um cabo de vassoura é um cavalo.

Uma coisa que eu não consigo imaginar é o que as mulheres fazem lá dentro com minha mãe. A vó Carmen está lavando roupa pra algumas famílias e só volta à tarde. Ouço risos e a casa fica alegre. Os meninos da rua, quando tem mulher em casa, dizem que as putas são sujas.

Mas não tenho nojo, não. Elas cheiram bem, um cheiro doce, e me deixam mais animado.

Um dia, por uma briga qualquer, um dos meninos me chamou de filho da puta. Empurrei ele e fui contar pra mãe, que estava com as moças. Esperei sentado na sala, e logo elas saíram.

Perguntei, ao entrar no quarto ainda com o cheiro adocicado, por que a mãe é amiga das putas?

— Não são minhas amigas, filho, são freguesas.

É isso que vou dizer pros meninos, que as putas são freguesas de minha mãe e que eu não sou filho de nenhuma das freguesas, se eles não conhecem meu pai é porque ele morreu, eu não tenho culpa de meu pai ter morrido, ele morreu trabalhando e estava com bastante dinheiro, mas os bombeiros roubaram quando foram tirar o caminhão do fundo do rio, senão a gente não precisaria estar morando nesta casa velha.

Eu queria dizer tudo isso, mas não dizia. Na verdade, ficava esperando meu pai voltar, qualquer caminhão poderia ser o dele, talvez por isso eu passasse tanto tempo na rua, pra ser o primeiro a ver o pai chegando. De vez em quando, a mãe me levava ao cemitério e mostrava o túmulo, mas devia ser mentira que ele estava enterrado ali. Logo voltaria e os meninos iriam ficar sabendo que eu tinha pai.

Agora vejo uma moça bonita descendo do táxi, ela me passa a mão na cabeça e me dá uma bala com um gosto ardido e bom, mas o cheiro da moça é muito melhor. Me pergunta se a mãe está em casa e eu digo sim, olhando pras pernas rapadas. Acompanho a moça até o quarto, a mãe recebe a sacola que a moça trouxe e começa a conversar. Daí me olha e pede pra eu sair, mas a moça diz não precisa, já abrindo os botões do vestido enquanto a mãe mexe com alguma coisa na mesa. A moça está sem sutiã, e tem peitos pequenos e brancos. Quando tira todo o vestido, vejo a sua calcinha vermelha e o quarto é tomado por um cheiro mais forte. Fico olhando o corpo da moça, sentindo o meu coração latejar no calção. Tenho vontade de me esconder, mas a moça parece que nem me vê, está andando pelo quarto só de calcinha e a mãe tem algo na mão. Vejo que é um tecido rosa, mas súbito sinto vontade de mijar.

Saio correndo pela sala, passo pela cozinha e vou direto pra casinha no fundo do quintal. Tiro ele pra fora do calção e fico tentando urinar, só que não sai nada. Ou melhor, saem umas gotinhas. Tenho uma bruta vontade de mijar, mas não tenho urina, acho que é porque ele está inchado. Depois de um tempão ali, segurando, ergo o calção e vou brincar no quintal.

Se a mãe for puta, pra mim não tem nenhum problema, as putas são mulheres bonitas, estão sempre bem-arrumadas, com roupas novas e sandálias de salto alto. A mãe do Levi é uma mulher feia e gorda, anda com vestidos velhos e ele acha que a mãe dele é melhor do que as putas. Mas nunca que é. Eu não fiquei com vontade de urinar ao ver a mãe dele. Então as putas são melhores do que as mães dos meus amigos e eu prefiro que a minha mãe seja amiga das putas e não das vizinhas, que acho que nem usam calcinha pequena e nem rapam a perna.

Agora, se estou brincando no quintal e vejo alguma das amigas da mãe chegando, mesmo quando não são as mais bonitas, corro pra trás da casa, onde a parede de madeira tem algumas frestas. Fico olhando pelos buracos. As mulheres tiram a roupa e vestem outras, minha mãe está com a sua fita métrica em torno do pescoço e com alguns alfinetes espetados na blusa. Gasto um tempão vendo o corpo das mulheres, já conheço quase todas as partes, só não vi o que escondem debaixo da calcinha. Não sei por que elas não tiram a calcinha, é lá que deve estar a parte mais bonita.

Acho que descobri o que são as putas, são mulheres que ficam peladas. Que gostam de ficar peladas e que deixam a gente ficar pelado perto delas.

O amigo distante

Mal escureceu e estou dormindo no sofazinho de napa da sala. A mãe me acorda pra eu pegar água pra ela na cozinha. Não quero ir, mas a mãe fala com firmeza. Passo pela parede em arco que divide a sala de estar da de jantar e entro na cozinha. Tiro do balde que está numa mesa de canto uma caneca de água fresca. A caneca é feita de lata e isso dá à água um gosto estranho.

Quando volto à sala, a mãe ainda está falando com o homem que se diz amigo do pai. Ele veio pra recordar o tempo em que também morou em Bela Vista e me trouxe um presente, um carrinho de plástico, que deixei na caixa do poço. Não gosto deste homem todo arrumadinho, e acho que a vó Carmen também não gosta, porque ela pegou minha irmã e foi pra casa de uma conhecida. Fiquei sozinho com a mãe e me lembrei que um dia, quando a gente tinha mudado pra esta casa ao lado da rodoviária de Peabiru, minha mãe disse que eu cuidaria delas.

Entrego a caneca pra mãe e ela apenas rela a boca na água. Não está com sede. A mãe me abraça e ouço a conversa do homem.

— A senhora deve estar tendo dificuldade pra sustentar a família.

A mãe diz que ganha o suficiente com a costura e que suas freguesas são generosas.

— Mas está ficando falada, esse negócio de ter mulheres dentro de casa não é bom pra educação dos filhos.

— Elas não fazem nada de errado e me respeitam muito.

— O que a senhora está precisando é de um homem.

— Disso a mãe não precisa, não, não precisa mesmo, não é, mãe? Eu sou o homem da casa. A mãe não está precisando de mais ninguém, não.

A visita ficou ainda mais constrangida quando a mãe riu alto e me beijou, levantando-se pra abrir a porta.

— O senhor viu como estou bem-acompanhada; e obrigada pela visita.

O homem saiu e eu perguntei o que ele queria.

— Seja o que for, acho que agora não vai querer mais.

Mas a mãe estava enganada. Daí pra frente, todas as vezes que o homem me encontrava, e me encontrava tantas vezes que até parecia que estava sondando a

gente, ele vinha com alguma coisa, um doce, um brinquedo fajuto, algum dinheiro — dizendo como vai o hominho da casa?

Eu ia bem. No começo pegava o presente, mas quando vi que isso desagradava a mãe, comecei a recusar. Ele quis saber a razão.

— É que a gente não tem o costume de ganhar as coisas sem trabalhar.

E trabalhar a mãe trabalhava. A vó Carmen também. Das costuras pras putas sobravam sempre muitos retalhos, logo transformados em roupa pra mim e pra minha irmã. Nós sempre andávamos bem-vestidos, os tecidos que as mulheres compravam eram bons, mas as roupas saíam um pouco coloridas demais, não só pelos panos alegres, mas também por minha mãe usar mais de um tipo de retalho. Assim, uma camisa podia ter duas ou três cores diferentes.

A vó lavava roupa pra família do seu Anísio da Sorveteria e sempre chegava com alguns sorvetes pra gente. Fui entendendo que receber as coisas das pessoas pra quem a gente trabalha não é vergonhoso.

Um dia, ouvi a mãe falando que o amigo do pai queria me comprar. Eu não sabia bem como ele podia me comprar, mas tive medo que quisesse me levar embora e passei a dormir com a cabeça coberta pela colcha, porque os homens maus sempre aparecem na hora que estamos dormindo.

De dia não sinto medo. Passo o tempo todo no quintal, em minha ronda pelas árvores, procurando ninho de passarinho e olho de formigueiro, que se desmancha quando mijamos nele. O quintal é o grande mundo. Dentro de casa reinam a mãe e minha irmã, mas do lado de fora eu posso fazer explorações e só volto pra casa depois de ter lutado o dia inteiro.

Assim que escurece, sujo de terra vermelha, depois de ter subido em todas as árvores, de ter roubado amora silvestre dos quintais vizinhos, de ter se arrastado pelo chão pra tentar ouvir o que as formigas falam, o herói entra derrubado. Quer jantar e dormir. Mas a mãe já vem com o bacião de fundo de madeira, sabão e toalha, e o herói deve deixar na água a sujeira do dia. Aproveita ainda pra brincar de barquinho, pra imaginar que está no fundo de um rio e que pede pra que os peixes não comam o seu rosto.

Todo domingo agora levanto mais animado. A mãe não exige que a gente assista à missa, a vó Carmen vai sozinha, muitas vezes resmungando, e eu fico aqui dentro. Não vou pro quintal, porque não quero me sujar.

A mãe está limpando a casa, estendendo as camas, enquanto minha irmã ainda dorme no berço que já foi meu. Agora tenho uma cama grande, igual à da vó. Durmo ainda no quarto dela e minha irmã no da mãe. De vez em quando, principalmente quando chove, corro pra cama de casal e ocupo o lugar que era do pai. Vim pra proteger a senhora dos raios, digo, e cubro a cabeça, mesmo no calor, com o lençol.

Domingo de manhã a mãe é só pra mim. Mesmo que minha irmã acorde,

ela a deixa no sofá ou brincando no chão pra ficar comigo. Sentamos na cozinha e ela pega uma caixa de camisa guardada no meu armário. Dentro estão os lápis e os cadernos.

A mãe é uma grande professora e está me ensinando a escrever. Sofro bastante porque não consigo pegar direito no lápis e a mãe brinca que tenho o mesmo jeito desengonçado do pai, que também não sabia segurar corretamente o lápis.

— Mas você não vai ser como ele, não. Tem que aprender a manter o lápis deitado.

Não sabia que era tão difícil, ele fica em pé e a mãe diz que assim é pior e que eu nunca vou ter uma letra bonita.

— Pra ter letra redonda é preciso segurar levemente o lápis e deixar que ele fique inclinado sobre a abertura dos dedos.

Eu não aprendo a segurar o lápis, mas vou aprendendo as letras. A mãe escreve no caderno e eu copio. A letra dela é mais bonita, mas eu consigo, com minha letra feia, imitar as palavras. Hoje ela me pediu pra escrever a letra *esse* e eu fiz, depois a letra *cê* e o *agá*. Escrevi sem olhar, pois tinha decorado todo o alfabeto. A mãe então foi soletrando o meu nome e desenhei corretamente, as letras todas separadas umas das outras. Ela disse que não havia nenhum erro, que eu tinha escrito o meu nome inteiro.

Depois de virar a folha do caderno, ela repete meu nome e pede pra eu fazer o mesmo várias vezes. Enquanto vai pôr o feijão no fogo, fico envolvido com minha tarefa, encho toda a folha e a seguinte, não deixo nenhum lugar vazio.

A minha mão está doendo, só que sinto prazer. Descubro como cansa escrever, é mais difícil do que tirar água do poço, varrer a casa ou limpar o quintal. E no entanto é gostoso, porque a gente fica vendo o papel com aquelas letras como se estivesse olhando o próprio rosto no espelho. Dá pra descobrir a diferença entre o meu nome escrito pela mãe e os outros que eu escrevi. Cada um tem um jeito diferente, deve ser porque não consegui aprender a pegar no lápis.

Esta letra é a mãe, escreve redondo, com o mesmo cuidado com que costura. É como se a letra estivesse reta como a prega de uma saia, como a barra de uma calça. Eu já escrevo tremido, com as letras separadas, porque não consigo ficar muito tempo parado.

Só que pra aprender a escrever eu fico. Pergunto pra ela por que não para de costurar pra ser professora. Diz que não teve estudo.

— Mas, mãe, você não foi pra escola?

— Só por um pequeno período e aprendi muito pouco.

— A tua letra é tão bonita, mãe.

— Agora escreva meu nome.

E ela me soletra e eu vou montando, letra por letra, o nome da mãe. Em

seguida, ela copia o seu nome numa folha em branco e fico repetindo até a mão doer.

Saio correndo pro quintal pra ver se os filhotes de sabiá estão protegidos no ninho. O sol me cega, passei a manhã toda dentro de casa, preciso fechar um pouco os olhos pra poder ir me acostumando com a claridade. Logo estou subindo no pé de abacate pra ver o ninho. Os filhotes estão de boca aberta, esperando a comida que a mãe deles foi buscar. Eu passo o dedo de leve nas penugens. Ouço um passarinho cantando na árvore e me apresso em descer.

Fico muito pouco tempo no quintal e volto pra cozinha. Agora me dá mais prazer ainda retomar a lição. A mãe escreve algumas frases e acho fácil imitar aquelas letras. Na minha caixa há dois cadernos já cheios e este aqui está quase no fim. Quando ele acabar, a mãe disse que vai comprar outros. Eu tenho vontade de encher este logo só pra poder ter os outros, cada um com capa diferente. Quero também uma borracha de grudar em cima do lápis e peço isso pra mãe, que diz que quando receber umas costuras vai comprar mais cadernos, lápis e borracha. Aproveito pra pedir também lápis de cor. A mãe diz, tudo bem, se o dinheiro der.

Retomo meu serviço, as costas doem um pouco, tenho que aproveitar enquanto minha irmã está dormindo, porque senão ela vai querer pegar o lápis e riscar o caderno. E eu não quero desperdiçar folha com desenhos, quero escrever e começo a desenhar de novo meu nome, sem olhar o modelo que a mãe fez.

A mãe está escolhendo arroz na mesa e para pra me observar. Só depois de algum tempo percebo que ela tem os olhos úmidos.

— O seu pai ia gostar de ver você assim.

Então tento segurar melhor o lápis, como se fosse pra tirar uma fotografia a ser enviada pra alguém distante. Tão distante que nem se lembra de aparecer em meus sonhos.

Frutas ácidas

O centro de nossa vida agora é a mãe. Com a morte do pai ela tinha saído da sombra e se tornado a pessoa mais importante da família: é ela que ganha o dinheiro pro nosso pão com manteiga pela manhã, pro arroz, feijão, macarrão e carne de vez em quando. Verduras e lenha vêm da fazenda de meu avô. Não sei o porquê, mas meu avô não gosta de mim. Quase não tinha contato com este parente rico que fala alto, que é mais escuro do que nós, que cheira a gado. Mas depois que o poço aqui de casa desbarrancou com as chuvas, a mãe está indo lavar roupa na fazenda, anda cinco quilômetros a pé, com a trouxa de roupa na cabeça, me arrastando por uma estrada repleta de pedras. Depois da ponte do Saltinho as terras são do pai da mãe. Quando a gente chega à ponte, quero ficar tomando banho de rio junto com os moleques da cidade.

Mas a mãe me leva meio de arrasto pra fazenda.

Ninguém nos oferece comida, e já estamos acostumados com isso. A mãe traz um pedaço de pão pra mim e nada pra ela, que vai trabalhar a tarde toda no tanque, tirando água do poço. Eu fico no mangueirão, vendo meus tios na lida. O vô quase nunca está em casa, chega só de tarde, quando senta na varanda pra olhar o gado. Vó Carmen diz que ele é um miserável, que vai direto pro inferno. Hoje, estava chupando um abacaxi sozinho na varanda e quando me viu mandou a madrasta da mãe guardar a fruta na cozinha, porque não havia abacaxi pra todos.

O dinheiro que a mãe ganha é muito pouco e mal dá pra ela comprar comida. E agora que o poço desabou, as coisas vão ficar ainda mais difíceis. Ela tem que economizar pro poceiro, por isso veio lavar roupa na fazenda, perdendo um tempo que podia dedicar às costuras. Sei que ela não vai comprar abacaxi pra gente, mas mesmo assim não resisto e peço. Antes conto que o vô escondeu a fruta de mim.

— Teu avô é assim mesmo. Ele só vem almoçar depois que todo mundo comeu. Daí traz um quilo de carne e manda fritar só pra ele. Não é nada contra você, não.

Sei que o velho Zé-Zabé não gosta de mim — pelo jeito como me olha, parece que quer me bater. Por isso não faço bagunça, fico apenas observando as

coisas, não subo nas árvores nem na cerca. Este é um lugar estranho, nada aqui é meu e o vô não quer que me sinta em casa. Ele, quando está na fazenda, fica sempre longe de mim e da mãe.

É a mulher dele, dona Gasparina, que de vez em quando me faz um carinho, me dá algum trocado pra balas e esconde na sacola da mãe um pedaço de carne de porco ou de toucinho, pedindo pra não deixar o Zé ver. Dona Gasparina é miúda e fica muito estranha ao lado do homão que é meu avô. Ela, clara e meiga. Ele, meio mulato e desengonçado. Deve ser por isso que nunca vi os dois juntos. Cada um está num canto da casa e ela só chega perto quando é pra servir alguma coisa.

Algumas vezes a mãe volta animada do armazém de seu Gabriel, onde a gente faz compra. Vai buscar um pouquinho de arroz ou uma lata de margarina e retorna com várias coisas, até com bombom. Eu já sei que a dona Gasparina andou fazendo compra no armazém, porque daí ela deixa um crédito pra nós, escondido do vô, que nunca pode saber. A mãe gosta da Gasparina, que nem é nada dela, e despreza o próprio pai.

— Acho que odeio o vô.

A mãe pergunta se eu sei o que é odiar.

— É quando os olhos da gente enchem de água ardida olhando uma pessoa ou lembrando dela.

A mãe ri e diz que o avô é ruim porque sofreu muito, foi peão, boiadeiro, enviuvou duas vezes e enriqueceu vendendo a saúde e a juventude. E eu pergunto se um dia nós também seremos ruins como ele, porque é a senhora mesma quem diz que estamos sofrendo. A mãe não responde, apenas me abraça e sei que ela nunca vai ficar ruim, que eu nunca vou olhar pra ela com os olhos molhados de raiva.

Mas meu vô é mesmo uma peste. Atormenta todo mundo, principalmente a dona Gasparina. Um menino da minha rua, vendo uma mulher pintada entrando em casa, disse aquela é a amante de seu avô. Contei isso pra mãe e ela ficou em silêncio. O que mais me deixa pensativo é que a mãe tinha dito que o vô não amava ninguém, então como é que ele podia ter uma amante?

Depois que viemos da fazenda naquele dia em que ele tinha escondido o abacaxi de mim, comecei a ficar com vontade de comer abacaxi. A mãe não podia comprar mas eu não parava de pedir. A vó Carmen trabalhava na casa do dono da sorveteria e me disse que eles tinham bastante fruta pra fazer sorvete e que ia pedir pra descontar do salário dela.

Nunca tinha esperado tão ansioso a volta da vó no fim do dia. Não saí do quintal, não subi nas árvores, ficava com água na boca só de pensar no abacaxi que a vó traria pra mim. Mas antes da vó voltar com meu presente, chegou o tio Lívio, com uma carroça de lenha pra mãe. Ele sempre vinha por uma rua diferente da que a gente tomava pra ir à fazenda. Eu perguntei um dia pra mãe

se o tio morava em outro lugar.

— Não, filho, é que ele tem vergonha de passar de carroça pelo centro de Peabiru. O vô é um dos homens mais ricos da cidade, mas não deixa nenhum filho dirigir os carros e ainda obriga os teus tios a vender lenha pra ter algum dinheiro.

Ajudo o tio a descarregar a lenha que ele trouxe escondido pra gente, descobrindo que há também alguns litros de leite. Fico pensando no doce que a mãe vai fazer se tiver bastante açúcar em casa. Gosto de rapar a panela enquanto a mãe estende a massa mole na mesa, pra secar. Luto com os restos até a hora em que o doce esfria e a mãe corta os pedaços pra pôr na lata. Os cantos ficam sobre a mesa e são os primeiros que a gente come.

A visita do tio é sempre uma promessa de alegria e hoje ela vem em dobro, porque a vó já está chegando com um abacaxi que cheira de longe. Ele tem um jeito áspero, mas o cheiro promete tanto... Todos sentamos na cozinha e a mãe começa a descascar a fruta e a vó conta que o seu Anísio não quis cobrar nada, dizendo ser um presente pra nós. Eu vou roendo os pedaços de casca. A mãe ralha comigo, diz que vai arder minha boca. Nem ligo. Se a casca já é gostosa assim, imagina o sabor do resto.

A mãe reparte o abacaxi em fatias e dá a primeira pro tio Lívio. A vó emburra e vai varrer o quintal, sem experimentar nenhum pedaço. Só depois do tio recebo a minha fatia, a mãe divide uma com minha irmã enquanto o tio já está na segunda. Eu também me apresso e pego outro pedaço no justo momento em que o tio retira o terceiro. A mãe leva uma fatia pra vó, só que ela pede pra deixar no banco, vai comer depois. E a visita arremata o último pedaço.

A mãe conversa com o irmão dela e eu vou pros terrenos vizinhos desarmar as arapucas dos meninos da minha rua. Demoro algum tempo e quando volto é quase noite. Passo pelos fundos e vejo o pedaço de abacaxi da vó coberto de formiga. Com um graveto, tento limpar a fatia amarela, que escorre seu mel no banco. Está imprestável, daí jogo fora e lavo a meleca com um caneco de água, pra mãe não zangar com a vó. Foi ela que me matou a vontade de comer abacaxi, e amanhã haverá o doce de leite branco. Posso dormir animado, esperando o sol. Pensando bem, o sol parece uma imensa fatia de abacaxi.

Quem chegou com o sol foi o meu avô. Está bravo, só vem em casa pra reclamar de alguma coisa. Senta na mesa e toma café, comendo o meio pão que a mãe guarda pro meu lanche da tarde. Depois que a vó Carmen vai pro serviço, ele começa a brigar com a mãe, que se era pra fazer ele passar vergonha melhor ter ficado em Bela Vista, onde já se viu a filha do Zé-Zabé sair mendigando pela cidade. A mãe diz não estar entendendo, trabalha pra pagar as contas, e ainda sobra algum dinheiro, que será usado pra contratar o poceiro.

— Faz dois meses que estou sem água, pai. Pra beber e cozinhar, pego nos vizinhos, mas é a única coisa que peço.

— Não estou falando disso, estou falando do abacaxi que aquela espanhola ordinária foi pedir pro Anísio. O Lívio me contou tudo e eu já proibi o sorveteiro de dar esmola pra vocês. Nunca pedi as coisas, sempre trabalhei pra ter o que queria. Vocês não têm dinheiro pra comprar um abacaxi?

— É que estamos economizando pro poço, pai.

— Não precisam economizar mais. Amanhã mando alguém fazer a limpeza.

Com minha irmã no colo, ele ordena que eu o siga. Entramos na camioneta nova, é a primeira vez que ponho os pés num carro dele, e vamos pra sorveteria do Anísio. Sentamos numa mesa e o vô manda a gente pegar tudo que quiser. Olho demoradamente a vitrine do balcão, tem massa de muitas cores, sorvete de creme, um parece ser de milho verde, sorvete de chocolate. Há também, num outro balcão, todo tipo de doce, bombom, paçoquinha Amor, doce de leite em canudinho. É tão difícil escolher que peço sorvete de abacaxi.

Uma delícia!

Retratos de minha mãe

Por tio Lindolfo

Ninguém gostava muito do Zé-Zabé, não, mas homem trabalhador ele era. Chegou no Cerne com um casal de filhos, morenos como o pai. Não me lembro quem levou ele lá no sítio. Eram da mesma região de Minas e ele estava começando a vida no Paraná. Não queria mais ser boiadeiro, agora ia tocar roça, já tinha até arrendado um pedaço de chão perto de nossas terras.

— Vou direto ao assunto, dona Rita. Estou procurando uma moça pra casar, que a vida de viúvo não é pra mim, não. E soube que a senhora tem uma filha na idade. A Antônia.

A mãe não se intrometia na vida da gente. O seu primeiro casamento foi acertado, só conheceu meu pai no dia do noivado. Depois da morte dele, se casou por amor com o Horácio, que nunca gostou de mim.

A mãe não deu nenhuma resposta pro Zé-Zabé, prometendo que ia conversar com a filha primeiro. Era ela que ia decidir. A visita foi embora meio decepcionada.

A Antônia era a irmã que mais tinha puxado pra mãe: limpa, sempre arrumada e uns olhos meio tristes. Ninguém imaginava ela do lado daquele mulato magro e encardido, com jeito de matuto. Quando o Zé-Zabé saiu, fiquei tranquilo, a Antônia não aceitaria. Antes de falar com ela, a mãe me mandou tirar notícias do homem na região.

Trabalhador, honesto nos negócios, não era de esbanjar dinheiro, estava com uma roça limpa, sem dívidas. Fui ver a casinha onde ele morava e não gostei, era muito ruim. A gente morava numa casa grande, toda de alvenaria, com vários quartos. Minha irmã não podia ir praquele rancho de chão batido. Falei com a mãe, e ela disse que a casa não era problema, homem sozinho não dá valor a estas coisas e a Antônia saberia exigir um lugar melhor.

Ninguém entende bem a razão, mas minha irmã aceita e logo está casada com o Zé e logo esperando a primeira criança, que foi a sua mãe, Miguelzinho, e logo na dieta fica grávida de novo e logo morre depois do parto, alguns dias antes do bebê, outra menina.

Foi tudo tão ligeiro.

A mãe estava com a Antônia, ajudando na dieta. Ouviu da cozinha um barulho no quarto e correu pra ver o que era. A filha estendida no chão. O pescoço quebrado. O nenê morreria dias depois.

Fui avisar o Zé-Zabé na roça e ele ficou louco. Tentou se atirar no poço perto do casebre e tivemos que bater nele pra que se acalmasse. Chorava tanto que passamos a gostar um pouco dele, ninguém imaginava que pudesse amar Antônia, tratada com desprezo já nos primeiros dias de casamento.

Mais calmo, o meu cunhado só perguntava como é que ia fazer agora, sozinho com quatro crianças.

Enterramos a Antônia com o vestido do casamento, que ainda servia bem nela. A mãe não chorava. Ela já tinha sofrido demais no dia do casamento, e entre uma vida de escrava e a morte, preferia ver a filha descansando.

No dia do velório, todo mundo muito nervoso, cuidando do bebê que não parava de chorar, querendo um leite que devia estar empedrado no peito da mãe morta. Por isso ninguém se lembrou da outra menina. A Nelsa era quietinha e ficou o dia todo debaixo da mesa da cozinha, acho que até dormiu lá, sem comer nada. Só no outro dia a mãe deu pela falta dela e então encontramos minha sobrinha encolhida no chão.

Levamos ela pra casa, junto com o bebê. No dia seguinte, este morreu e foi enterrado num caixãozinho branco. O Zé-Zabé nem foi no enterro. E logo a mãe resolveu criar a Nelsa pra que o pai dela pudesse continuar a vida com os dois filhos do primeiro casamento. Antes, a mãe foi recolher no casebre as coisas da filha e da neta e, debaixo do colchão, encontrou o livro de São Cipriano. No livro de reza braba havia uma página toda suja de tanto o Zé rezar uma oração pra arranjar mulher. A mãe trouxe o livro e escondeu.

Dias depois, o meu cunhado veio em casa pra saber se a mãe tinha encontrado um livro dele. Ela falou que não, que não tinha visto livro nenhum, e quando o genro foi embora, depois de alguns minutos de prosa, pinchou o livro no fogo.

Ainda tinha duas filhas solteiras.

Por tia Ortência

A minha mãe criou a Nelsa como se fosse a filha mais nova, daí o ciúme que a Lula tinha dela. Logo vimos que a Antônia estava viva na menina, o mesmo asseamento, o mesmo rabicho com a mãe. Eu era a filha mais velha e tinha que ajudar na educação da sobrinha órfã, que se criava solta pelo sítio.

Dinheiro a gente tinha cada vez menos, os meus irmãos se casando aumentavam a família, e o lucro do sítio só diminuía. Eu já estava namorando o Estêvão, mas adiei o casamento pra ficar com a menina.

Que, rápido, deixa de dar cuidados, ajudando nos serviços e se impondo com

seu jeito amoroso. Misturou-se com as crianças do sítio e, depois de estudar algum tempo, acabou aprendendo a costurar com minha mãe. Mas também trabalhava no cafezal. Sempre disposta.

A Lula perseguia a Nelsa, falando mal, xingando, provocando, mas a mãe dava razão pra neta, incapaz de brigar com alguém.

Quando a mãe foi morar em Bela Vista pra cuidar da saúde, a Nelsa foi de companhia e se fez costureira. Saía com as amigas, ia ao cinema, andava sempre bem-vestida, graças à costura. Já moça, era namoradeira e tinha sempre alguém interessado nela. O teu pai se apaixonou logo, mas não quis casar em seguida.

Assim que se uniram, minha mãe ficou muito contente, a neta tinha casado com um homem alegre, que não trabalhava na lavoura, que possuía casa nova. Só não gostou quando soube que o irmão e a mãe do noivo iam morar com eles.

— Ela sempre viveu na casa dos outros, tinha que ter um teto só seu.

Mas tua mãe nem se importou, gostava de teu pai e queria ser feliz, mesmo com sogra e cunhado juntos.

É curioso como em nossa família tudo acontece rápido. Logo teu pai estava endividado, logo tua mãe morava em casa alugada, sem poder costurar pra fora porque o marido não permitia, e logo tornava-se viúva.

Ninguém sabe bem por qual motivo teu avô, que já estava rico em Peabiru, veio buscar vocês. O prefeito, com a morte de teu pai, tinha oferecido pra ela o emprego de professora numa escola primária, mas a Nelsa preferiu ir pra Peabiru, mesmo não gostando do Zé-Zabé.

Você sabe por que ela fez isso? Não foi pela ajuda que o velho prometeu e nunca deu. O teu pai tinha sido enterrado em Peabiru, ela talvez quisesse ficar perto dele. Foi por isso também que a dona Carmen seguiu vocês, não abandonou o filho nem depois de morto. Aceitaram morar na casa velha que o teu avô arranjou numa região suspeita da cidade. Mas todo domingo podiam ir ao cemitério.

Só bem mais tarde, com a morte de minha mãe, a Nelsa ficaria mais órfã ainda. Perdeu a segunda mãe e, quando eu morrer de câncer daqui a alguns anos, ficará sem a terceira.

Minhas filhas não me perdoam, mas a Nelsa é minha filha mais velha. Sempre desejei o melhor pra ela, nunca brigamos e permanecemos unidas mesmo depois de nossos casamentos terem nos distanciado, eu aqui em Terra Roxa, ela aí em Peabiru.

Depois de minha morte, ficará inconsolada. Órfã tantas vezes.

Por tia Lula

Eu queria que você me perdoasse, Nelsa. Não, não adianta dizer que não existe o que ser perdoado. Só diga que me perdoa. É mais fácil. Você talvez não entenda

como isso é importante pra mim.

Eu te odiei. Quando rezava os salmos, você era minha única e grande inimiga. Queria que Deus tivesse levado você junto com sua mãe e com sua irmã, você tinha entrado na nossa família pra roubar meu lugar de caçula, pra dividir a atenção de minha mãe, pra comer um pedaço de doce que poderia ser meu. Eu me sentia roubada, a mãe gostava tanto de você e me tratava com indiferença, como se a intrusa fosse eu.

Era pra você o resto de comida que a mãe deixava no prato e em você os meus vestidos velhos ficavam bonitos, mais bonitos do que os novos em mim. Você era clara como a mãe, apesar de seu pai ser mulato, e eu escura.

O meu pecado? A inveja e ter te perseguido durante toda a infância. Como eu era mais velha e mais forte, achei que tinha mais poder. Como era filha, achei que tinha mais direito. Mas nada disso conta, cada um é o que é.

Eu não sabia perdoar, eu não sabia dividir. É que o caçula já se sente meio sem amor, como se todo o afeto tivesse ido pros outros filhos, ainda mais numa família tão grande como a nossa. Eu me sentia meio fora da família quando tinha que disputar com os irmãos mais velhos uns restos de atenção. Quando você chegou, as coisas pioraram ainda mais, agora eu não seria nada mesmo. E a mãe cheia de cuidados com você. Como se eu também não fosse órfã naquela imensa família.

Quando você se casou com o Toninho, quase enlouqueci. Não queria ver você alegre, não queria a sua felicidade. Fui sempre uma sombra em sua vida, rezava pra acontecer uma desgraça, pra você sofrer com os filhos. Alguém me disse que vocês estavam ficando sem dinheiro e eu me alegrei, enfim Deus tinha me ouvido. Ao saber da morte do Toninho, me convenci de que você estava pagando.

Apenas depois disso pude cuidar de minha vida, porque a sua já estava destruída. Só que o tempo passava e as coisas pioravam pra mim. Fui embora de Sertanópolis, fiquei longe de todos, sofri com o marido e com os filhos. De vez em quando vinha uma notícia sua, mas já não tinha raiva, só pena de mim. Acho que não fui boa mulher e nem boa mãe, assim como não fui boa tia e nem boa amiga.

Agora que a gente se encontrou depois de tantos anos, eu quero que você me perdoe, quero me sentir aliviada, eu fiz tudo aquilo porque me sentia sozinha. Eu sei que você não tem ódio, você nunca teve ódio de ninguém, por isso vai me perdoar.

E vamos rir de nossas brigas, como as amigas que antes não pudemos ser. Ainda bem que vivi pra poder dizer tudo isso.

Minha mãe órfã

A Lula vive achando que eu sempre fui bem tratada lá no Cerne. Mas eu também sofria. A vó era muito boa comigo, nunca vou negar isso, só que não compreendia certas coisas. Pelo menos duas tristezas eu levo pro resto da vida. Sei também que não é culpa da vó, e sim da maneira como ela foi criada, mas uma criança não entende isso, não. Uma criança não entende por que, de repente, está sozinha no mundo. Agora sei que a solidão é sempre, não tem margens.

O que eu mais queria naquela época era estudar, ver minhas amigas. Andávamos alguns quilômetros a pé pra chegar na escola do Cerne. O professor Manduca ensinava as crianças das redondezas. Havia mais meninas, os meninos obrigados a trabalhar nos sítios. E isso era bom, assim a gente podia conversar e brincar sem medo. Pra merenda, eu levava pão caseiro com ovo frito. No começo tinha vergonha, até que as italianinhas descobriram e começaram a me oferecer broa doce em troca.

Na escola, eu podia ser uma menina entre outras. Era como se eu estivesse em um mundo diferente, com a família que não tinha tido. Lá, não era intrusa, por isso não via a hora de ganhar a estrada pro Cerne, o embornal com os cadernos, a cartilha e o meu pão com ovo embrulhado num papel grosso.

O professor, que de vez em quando aparecia cheirando a pinga, passava corrigindo as tarefas e eu nunca deixava de fazer as minhas. Aprender era uma maneira de não ser mais órfã, de ter alguma coisa que valesse na hora das dificuldades. Eu queria estudar porque minha mãe não tinha estudado.

Numa de minhas conversas com tia Ortência, descobri que minha mãe jamais gostou de meu pai e morria de nojo dos filhos do primeiro casamento dele, que viviam sempre sujos. Ela só se casou porque não queria mais trabalhar na roça. Eu também não queria trabalhar na roça, mas sonhava casar só com quem eu amasse de verdade. Por isso me saía bem nos estudos.

Foi o que o professor Manduca falou pra minha vó quando soube que ela não me deixaria voltar à escola.

— A Nelsa está se saindo bem nos estudos, nhá Rita, deixa a menina continuar.

Como minha companhia tinha abandonado a escola, a vó me tirou.

— Uma menina não anda sozinha pela estrada, professor.

O Manduca, respeitoso e com cuidado, se ofereceu pra passar pela nossa casa antes da aula.

— E muito menos acompanhada de homem solteiro.

Foi então que comecei a ficar em silêncio durante dias inteiros, só respondendo a alguma pergunta. Não brincava mais, não reagia às provocações da Lula. A vó me deixava emburrada pela casa, sem nenhum carinho. Uma hora na tulha, outra no pomar, ou no mangueirão dos porcos, comecei a sonhar com minha mãe. Nunca senti tanta falta dela como naqueles dias em que eu via o fim do sonho de estudar. Pensava em fugir do sítio pra trabalhar na cidade, mas quem daria serviço a uma menina de nove anos?

Se a mãe estivesse comigo, compreenderia a minha necessidade de tirar um diploma, quem sabe de normalista. Mas ela estava morta e meu pai quase nunca aparecia pra me ver. Agora possuía muito dinheiro, mas eu era responsabilidade da vó. E ele já tinha mais filhos, da terceira mulher, pra criar e dar estudo.

Fui me sentindo sufocada, ser órfã é não ter com quem desabafar, é viver sem ninguém que se comova por você. Tia Ortência, casada com o Estêvão, morava longe demais. A vó achava melhor que eu crescesse burra apenas pra não dar o que falar. E não voltava atrás e nem a gente tinha o direito de reclamar, pois todo mundo estava cansado de saber que ela só queria o melhor pra nós. Eu querendo falar, mas sem poder. Queria chorar no colo de alguém, mas de quem?, tudo que me restava era engolir o silêncio.

Cada dia ficava mais difícil engolir o silêncio e os alimentos. A minha garganta doía, era o fim, ia morrer sufocada. Havia uma bola em minha garganta, quanto mais tentava me livrar dela, mais aumentava o desconforto. Pensei que estivesse engasgada com as lágrimas que não chorei, com as lamentações guardadas, com a dor de ter abandonado a escola, o casamento com um homem inteligente e o serviço na cidade. Minha vó tinha me tirado tudo isso e eu não podia fazer nada. À noite, comecei a variar, mas ninguém levantava pra ver o que estava acontecendo, apenas a Lula me xingando de sua cama.

Foi a vó que disse cruz-credo, o que essa menina tem no pescoço? O meu avô examinou e disse que não era nada grave. Arranjou algumas folhas de mamona, que foram amarradas no meu pescoço com um pano branco. E ninguém me deu mais atenção, cada um tinha que cuidar de sua vida. A vó na correria de organizar as coisas do sítio, fazer queijo, matar porco, dar comida pros bichos. Os homens iam cedo pra roça. E da Lula eu fugia. Fiquei o dia todo com as folhas de mamona pra puxar o pus da garganta e, de noite, ao redor do fogão a lenha, meu avô desamarrou o curativo. Pra ele, estava melhor. Fez novo curativo e me mandou dormir mais cedo.

No outro dia não levantei. Agora, nem se quisesse podia falar. A saliva escorria pela boca, não havia como engolir nem o chá que a vó tinha preparado.

— Essa menina continua emburrada com aquele negócio de escola.

E eu fiquei também sem almoçar, delirando com minha mãe, que me chamava pra ir com ela, eu queria me levantar e partir naquele momento, mas não conseguia. A casa na velha rotina, ninguém ainda havia parado pra cuidar da menina doente.

No sábado de tarde, o meu avô veio até meu quarto e mexeu na minha garganta, que estava latejando. Ficou preocupado e, assim que saiu, ordenou pra vó, leve esta menina no médico de Sertanópolis.

Aquele era o Domingo de Ramos e a vó ia mesmo na cidade. Segui com ela. Pegamos o ônibus que passava em frente do sítio e chegamos ainda cedo na igreja. Como a vó queria um lugar na frente, ficamos um tempão esperando o começo da missa. Eu via tudo embaçado e sentia uma vontade de deitar, mas tive que ficar sentada o tempo todo. A igreja encheu e fez muito calor. De repente me senti no inferno e tive medo de morrer. Via a figura do padre, as pessoas orando, mas não ouvia nada, perdida em minha febre e em minha dor na garganta. Não sei se a missa foi longa ou curta, se ficamos rezando uma hora ou um ano, e quando a vó tentou me arrastar pra fora da igreja, desmaiei.

Somente no consultório, ao sentir algo cortando minha garganta, é que acordei. Quis gritar de dor, mas não consegui. Tentei me mexer, mas estava sendo segura contra a cadeira. E o que era pra ser grito, não só de dor, mas do silêncio de todos estes dias, saiu em forma de um jato, de um longo e forte jato de pus, que molhou o chão, a parede e os braços do médico.

Foi um alívio. Ficou uma dor diferente, que não latejava. O médico fez a limpeza de meu pescoço, colocou um curativo e deu alguns comprimidos pra eu levar pra casa.

Voltamos de táxi, pra tristeza de Lula, que ficou achando que era muito cuidado com uma órfã.

Durante duas semanas de convalescença, tive sopa e canja na cama, chás de vários tipos. A vó não ficava muito comigo, mas voltava a me tratar como a filha querida.

Quando eu estava boa, ela disse, está na hora, Nelsa, de você começar a ajudar na lavoura.

Pequeno tratado das frutas (*I*)

A vida pra mim tem gosto de abacaxi, amora, abacate, goiaba, laranja e mexerica. São as frutas que a gente come. Abacaxi, esse conheço muito pouco, por isso é que gosto tanto. E o sorvete de abacaxi é uma fruta melhor ainda. Quando a gente morde o fim do sorvete sente os fiapos, é como morder a própria fruta. Agora, a vó Carmen traz sempre sorvetes da casa do seu Anísio.

Na primeira vez, eu perguntei se o vô sabia que nós estávamos pedindo esmola. A mãe ficou braba e disse que o seu Anísio, apesar de não ser católico, era uma boa pessoa, gostava muito da gente.

— Dá os sorvetes porque tem bom coração e dá contra as ordens daquele velho ordinário.

De todas as frutas, a que eu mais como é a amora. Suja as mãos, as roupas e até as pernas esta frutinha macia e meio cabeluda, parecida com taturana. Nos quintais dos vizinhos, todos também sem cerca, os pés de amora ficam carregados. Saio sozinho, procurando o meu próprio alimento.

Quem não gosta nada disso é a mãe, medo dos vizinhos brigarem comigo, de eu ser mordido por algum cachorro, raiva por ver minhas roupas manchadas, receio de me encontrar com a perna ou o braço quebrado.

A amora tem um gosto diferente das outras frutas, acho que é porque pego ela direto do pé. Não preciso pagar e não preciso pedir. É a fruta dos meninos que andam comigo, com quem aprendi a fazer vinho de amora. Colho bastante fruta e levo pra casa. Deixo de molho numa bacia, depois escorro, amasso numa vasilha com água e açúcar, passo na peneira de chá e tenho vinho. Pra mãe, isso é uma coisa nojenta.

Assim como a amora, o abacate é uma fruta tirada dos quintais da vizinhança. Os pés são velhos e muito altos, e as frutas ficam nas pontas dos galhos. É difícil conseguir chegar até elas subindo nas árvores. Eu uso um bambu e derrubo os abacates ainda verdes, porque os maduros se espatifariam no chão. Levo tudo que posso pra casa e deixo madurar numa caixa de madeira na casinha do tanque. Depois, quando estão bem molinhos, corto ao meio, tiro a semente, coloco açúcar e limão e como com a colher. A mãe também gosta e fico feliz de ver que estou ajudando a sustentar a família.

Outra fruta que sou eu quem traz é a goiaba, e todos gostam dela aqui em casa. Esta é mais difícil de achar. A gente tem que pular algumas cercas e subir no pé pra colher. E, assim mesmo, muitas vezes elas estão bichadas. Por isso, me acostumei a comer goiaba verde, com sal. Quando ela está querendo ficar madura, o bicho ainda não atacou. E como todo mundo só colhe as maduras, eu sempre volto pra casa com uma grande quantidade de frutas verdolengas. Prefiro as goiabas assim do que as bananas que a mãe compra na quitanda.

Na fazenda do vô existe um pequeno pomar, muito malcuidado, mas ele proíbe a gente de colher a maioria das frutas.

— Criança só colhe fruta verde e estraga as árvores.

A mãe está ajudando a dona Gasparina a limpar e carnear um porco em troca dos miúdos. Eu e minha irmã viemos pra dar descanso pra vó Carmen. Na hora do almoço, comemos a carne frita no tacho. Sei que à noite a mãe vai fazer os miúdos, que também são gostosos. Dia de matar porco é festa e estou contente. Queria comer carne todo dia, igual ao vô.

A gente ainda está na mesa e o vô mostra uma caixa ao lado do fogão. Você pode levar estes abacates pras crianças. Olho os abacates pretos de tão passados e tenho nojo. A mãe diz, obrigada, mas em casa já tem bastante abacate.

Pena ela não dizer que sou eu que consigo os abacates. Mas o vô continua comendo os melhores pedaços de carne, que ele vai buscar numa panela que está no fogão, pra não esfriar. Na mesa, dona Gasparina colocou só uns retalhos cheios de osso.

Logo saio correndo e vou pro pomar. Já sei que não posso tirar fruta das árvores enxertadas, que são baixinhas e dão laranjas grandes. Seria mais fácil, mas se o vô chegar e me ver com uma fruta dessas é bem capaz de me bater. Ele só deixa apanhar laranjas de um pé todo cheio de galho e de espinho, que dá umas frutinhas miúdas.

São azedas demais, mas muito azedas mesmo. Na hora de chupar não tem como não fazer careta. Só que o vô não sabe que gosto de fruta azeda. Se souber, não me deixa chupar nem estas.

O que é chato nestas laranjinhas e nas mexericas pequenas que apanho é a quantidade de semente que elas têm. É mais semente do que caldo. Nas laranjas de enxerto quase não tem semente. É que elas sabem que nunca desaparecerão. As pessoas vão guardar e plantar com cuidado. Mas as laranjas azedas não podem contar com os plantadores, elas têm que dar muita semente pra que uma ou outra, caindo no chão, possa virar árvore.

Chupo as laranjas azedas enchendo a boca de semente, depois vou pro meio do pomar, onde estão as árvores enxertadas, e cuspo no chão. Quando elas nascerem, o vô pensará que é laranja da boa.

Levo uma sacola de laranjas pra casa e, à noite, depois da janta, ao chupar uma, a vó Carmen faz uma bruta careta. Estas laranjas do teu vô não prestam.

Dele a gente não pode mesmo esperar nada de bom.

Pequeno tratado das frutas (*II*)

Tenho seis anos e o Zé-Zabé está morando na cidade pra se tratar. Uma casa muito bonita, cheia de telhados. Nunca tinha visto uma casa com tantos cômodos, e a mãe leva a gente lá muitas vezes, em suas visitas ao pai doente. Todos os negócios são feitos pelo tio Lívio, que já não anda mais de carroça, se escondendo pelas ruas menos movimentadas. É ele quem dirige os carros e vem em casa pela avenida principal, sempre mudando de automóvel. Ouço minha mãe dizer pra vó Carmen, o Lívio está gastando de uma vez tudo que ele nunca pôde.

Quando o vô estava com saúde, o tio era triste e andava com roupas velhas. Agora, está muito alegre, chega em casa brincando, traz alguma coisa pra mim e pra minha irmã, carne de boi pra mãe. Mas a mãe não está feliz, ela se preocupa com o pai dela e sempre vai ver se ele melhorou.

Na casa do vô nós nunca encontramos o tio Lívio, e quando alguém pergunta por ele, dona Gasparina diz que está cuidando dos negócios, mesmo que seja de noite ou domingo. O vô está de cama e há sempre uma bandeja de comida no seu criado-mudo. Vejo bolachas, balas, biscoitos e maçã. Sei que aquelas frutas vermelhas são maçãs porque ouvi ele falando pra dona Gasparina descasque uma maçã pra mim. Ele, que comia as coisas com uma boca boa, mastiga os pedaços de maçã sem vontade.

Gosto de ficar do lado de fora da casa, brincando nas calçadas do jardim. Por isso sou eu que vejo um caminhão estacionando. Está carregado e logo sai um homem alto, magro e de bigode. Entro em casa falando pra mãe que tem um estranho lá fora.

Mas é dona Gasparina quem vai cumprimentar o homem, que a chama de tia. Pergunta como é que o tio está? Melhor, diz dona Gasparina. E eles já estão na cozinha, conversando sobre pessoas que não conheço. Minha mãe, vindo do quarto do vô, cumprimenta o homem e também entra na conversa sobre estranhos.

Quando ele vai ver o tio dele que está de cama, pergunto pra mãe como é o nome do fulano. Sebastião. O nome é muito estranho e eu fico repetindo até me acostumar um pouco. Logo sai do quarto, toma um café na cozinha, fala que tem

que descarregar no IBC e que depois dá uma passada pra ver o tio.

Quero saber por que ele chama meu avô de tio. A mãe ri e explica que o Sebastião é filho de um irmão da dona Gasparina. E que, por consideração, é primo da mãe. E primo em segundo grau meu. Acho complicado tudo isso, tenho já tantos parentes, pra que ficar arranjando outros? Fico enfezado e só me alegro quando o vô chama a mãe lá no quarto. Vou junto ver o doente, quem sabe não há abacaxi na bandeja hoje. Mas o que encontro é uma banana madura e o cheiro dela me deixa enjoado.

Ouço a conversa do vô, sem entender muito bem as palavras.

— Nelsa, você sabe que agora o Sebastião está desquitado, não sabe? Ele é um homem trabalhador, sofreu muito no primeiro casamento... Uma mulher nova não pode ficar muito tempo sozinha. Precisa de alguém que eduque os filhos e faça o papel do pai... Já falei com ele e agora estou falando com você, eu faria muito gosto.

Estou perto do criado e, quando percebo, a banana madura está esmagada entre meus dedos. Mas ninguém vê quando saio do quarto.

Quero ir pra casa, contra a vontade da mãe, que resolveu passar o dia todo com o vô. Antes de escurecer, o caminhão, já vazio, retorna. O homem entra, janta com a gente e depois sai pra levar eu e a mãe até nossa casa. Vamos a pé, por uma rua diferente daquela que sempre usamos. Não sei por que a mãe aceitou, por acaso não sabe o caminho de casa?

Os dois vão conversando, enquanto chuto as pedras com meu sapato novo, estragando o bico e a sola. Cada vez escolho pedras maiores, até doerem os meus dedos.

O pior é que a mãe nem liga.

Quando vinha em casa, tio Lívio deixava algum dinheiro e a gente passou a viver um pouco melhor. Até o vô me oferecia uma ou outra bolacha, quando o pacote estava aberto. O que não entendo é que só depois que ficou doente ele trata melhor os filhos e os netos. Por que não tratava bem antes? Por que o tio Lívio não podia dirigir os carros e agora pode?

A mãe diz que é o tio que leva o vô ao médico, deve ser por isso que passa a maior parte do tempo fora de casa, procurando os melhores médicos. Mas se ele ficar curado, o tio não poderá dirigir mais, a gente não ganhará presentes e nem haverá mais parentes da dona Gasparina visitando o Zé-Zabé. Começo a gostar da ideia de ver o velho com saúde de novo e passo a rezar pra que ele logo volte a mandar em tudo.

No armazém do seu Gabriel, vejo o tio conversando como se fosse o vô. Ele ocupa o mesmo banco no Bar Vera. Não se contenta só em usar os carros do pai, em gastar o dinheiro dele, quer também tomar o seu lugar. Sei que o tio é bom pra nós, mas fico com raiva, o lugar do vô tem que permanecer vazio. O tio está

errado. Vou falar isso pra mãe.

Ao retornar pra casa com uma encomenda feita pela mãe, encontro o caminhão parado dentro do quintal, os pneus estragando uma estradinha que eu tinha feito pra brincar com um carrinho que ganhei do tio Lívio. Sentado na mesa da cozinha, o homem conversa com a mãe e bebe café. Coloco o pacote na mesa e saio pro quintal, sem cumprimentar a visita, que já está atrás de mim, com um punhado de balas. Não dou muita atenção pras balas, esquecidas no guarda-louça, e logo estou de volta com uma goiaba verde.

O homem sobe na carroceria do caminhão, tira a lona e mexe em caixas. Desce com algumas laranjas grandes. A mãe descasca e dá uma pra mim, outra pra minha irmã, que fica olhando a laranja um tempão. A mãe pergunta se não vai querer e ela explica, lalanja gande e boca pequena não pesta, mãe.

Todos riem. Eu também. Dou umas mordidas com raiva na laranja, arrancando pedaços, e deixo os restos sobre a caixa do tanque, esperando que haja muitas formigas e que gostem de laranja doce, muito doce.

Pequeno tratado das frutas (*III*)

Passando pela cozinha, pego uma maçã na fruteira que fica sobre a mesa. Temos agora bastante fruta em casa e eu já me acostumei a ver o homem descarregando maçãs, peras, abacaxis, melancia, até pêssegos nós ganhamos. Ele vende frutas na cidade e há fartura delas em nossa mesa, nunca antes tão variada.

Com a maçã já pelo meio, vou até o quarto onde a vó Carmen está trancada desde a manhã. Não foi trabalhar, não saiu pra tomar café, nem pra almoçar. Encontro a vó chorando, com a mala feita ao lado da cama. Não sei por que ela quer ir embora, a nossa vida vai ficar mais fácil, me falou a mãe. A vó não precisará mais trabalhar pra fora, e de repente inventa de se mudar.

O quarto tem duas camas e um guarda-roupa antigo, agora vazio. A mala da vó está pronta e ela me abraça, exigindo que eu nunca me esqueça dela nem de meu pai. Que sou Sanches e que este nome ninguém vai tirar de mim, por mais que queiram me ensinar coisas diferentes. Pergunta se eu quero ir com ela e digo que tenho que ficar pra cuidar da mãe.

— Não, ela não precisa mais de você, nem de mim. Pelo menos você tem que ser fiel a seu pai.

Não entendo direito o que ela diz, mas tudo isso me entristece.

Fico sentado na minha cama, olhando a vó.

— Queria cuidar de você até o fim da vida — me diz.

— Mas você pode cuidar, vó.

— Não, aqui não posso ficar mais.

— ...

— A Tata vai ter que sair da cama da sua mãe.

— Mas ela pode trazer o berço, ficamos nós três dormindo no mesmo quarto.

— Não, não cabe. Eu sou demais, não está vendo? Você jura que vai visitar o túmulo de teu pai todos os domingos no meu lugar?

— Juro, vó.

— Reze sempre um pai-nosso e peça pra ele te ajudar.

A vó me abraça e me beija, pela primeira vez na vida. Sinto sua pele enrugada contra meu rosto. Me dá uma dor no peito e tenho vontade de chorar,

mas ela já está levantando sozinha a mala e saindo pela porta. Corro atrás e fico, do quintal, olhando aquela mulher pequena arrastando uma mala grande pelas ruas empoeiradas de Peabiru. Vira a esquina sem nem olhar pra trás.

À noite, deito sozinho no quarto vazio. Não estou acostumado a dormir só, a vó sempre conversava comigo antes de eu pegar no sono e era gostoso saber que ao lado, na outra cama, havia alguém que acordaria a qualquer gemido meu. Agora sua cama está vazia e eu não sei bem como vamos preencher o espaço deixado por ela. O armário já está com minhas roupas, trazidas do quarto da mãe. Mas mesmo assim há muito espaço sem nada.

Durmo lembrando do pai. O que ele estaria pensando disso tudo? Também ficaria afastado da mãe dele, coisa que nunca tinha acontecido antes. Com a partida da vó, o meu pai fica órfão, assim como eu. Não terá a mãe ao seu lado toda semana, levando flores pro cemitério, limpando o túmulo, queimando velas e fazendo orações. A mesma tristeza que estou sentindo o pai deve estar sentindo lá no cemitério.

Durmo com frio e sonho que também estou enterrado, sozinho num campo em que não há nenhum outro morto. Quando acordo, é ainda madrugada. Descubro, na cama da vó, a Tata. Por isso o cheiro de xixi no quarto. A Tata ainda mija na cama e o colchão dela tem que ser coberto por um plástico.

Vou até o outro quarto pra contar pra mãe que ela mijou e que tem que ser trocada porque está frio. Daí descubro o homem deitado na cama da mãe. Agora, quando chover, não poderei mais dormir com ela, nem com a vó.

Corro pra cozinha e fico olhando a fruteira cheia. Tinha sido abastecida fazia pouco.

As quatro operações

Eu ainda não estava indo à escola, mas havia aprendido a ler e a escrever alguma coisa. Tinha uma caixa cheia de cadernos com minhas lições. A mãe, sem esconder o orgulho, contava pra todo mundo os meus progressos. Eu, correndo, tirava de debaixo da cama a caixa e mostrava pra visita os trabalhos.

Também mostrei pro Sebastião, que folheou os cadernos sem dar muita importância, me perguntando se eu sabia fazer continhas. Não, conheço os números mas não sei fazer continhas. Você tem que aprender, quando puder vou te ensinar. É mais importante saber fazer conta do que ler.

Este desprezo pelo que a mãe havia ensinado me irrita e eu fecho a caixa, escondendo tudo bem escondido. Quem pensa que é? Será que pode ficar fazendo pouco-caso das minhas coisas? Assim que ele sai pra vender frutas, pergunto pra mãe se algum dia vou ter que chamar o Sebastião de pai.

— Só se você quiser, filho.

— Mas eu não quero. Nunca vou chamar ele de pai. E nunca vou aprender a fazer contas.

Ele tinha tirado a minha vó de casa e estava querendo tirar o meu pai de mim. E isso de uma hora pra outra. Nunca me senti tão órfão como na presença deste homem que a mãe arranjou. Ele já chegou proibindo que ela costurasse pras mulheres pintadas, só pra que eu não visse os corpos delas. Estava sem vó, sem pai, sem o cheiro das mulheres. O que mais ele tiraria?

À noite, chega com alguns pêssegos maduros e coloca tudo sobre a mesa, perguntando:

— Se tirar um pra cada um de nós, quantos sobram pra você?

Tiro um pra Tata, um pro Sebastião e um pra mãe. Digo ficam sobrando três. Então pode pegar os seus pêssegos. Como um na hora e guardo os outros pro dia seguinte. E ele fica alegre ao ver os dois pêssegos na fruteira.

No outro dia, me dá uma, duas, três, quatro laranjas. E pergunta, se der mais duas, com quantas eu vou ficar? Conto nos dedos, seis laranjas. Ele busca no caminhão mais duas e deixa comigo. Depois pega um de meus cadernos e começa a fazer alguns desenhos de laranjas e outras frutas e me pede pra que some. Vou, com dificuldade, contando nos dedos, descobrindo o número certo.

Estou até gostando de fazer estas contas onde as minhas frutas sempre aumentam. Conta de somar é boa, não gosto quando passa conta de diminuir. Ainda bem que a maioria delas é de somar. Assim, vou aprendendo a aumentar as minhas coisas.

O homem que vive com minha mãe volta sempre alegre, vendeu bastante fruta e está animado com o ponto em frente ao Bar Vera. Ele não precisa mais ficar viajando todos os dias. Busca frutas em Maringá e vende na nossa cidade. Em casa, à tarde, conserta alguma coisa, limpa o quintal e começa a fazer uma cerca de madeira. Tenho mais dificuldade em andar pela vizinhança, porque a mãe quer que eu fique por perto.

Uma noite, o Sebastião vem triste e ouço ele falar pra mãe que uma mulher está querendo dinheiro. Diz que deixou tudo, mas ela quer mais. Toda vez que vai a Paraná do Oeste, vem triste porque encontra os dois filhos sujos e a mulher sempre arrumada. Gostaria de estar com os dois meninos, que são da mesma idade dos seus, Nelsa. Ela olha pra mim e depois fala, se quiser trazer os dois pra casa, pode trazer. Saio correndo e não ouço o resto da conversa.

No outro dia, levanto cedo e não encontro o Sebastião, que só volta no fim da tarde, com dois meninos mal-arrumados, um em cada mão. O da minha idade é magro e moreno. O outro, gordinho e branco.

A mãe, na hora, pega o bacião de fundo de madeira, enche de água, tira a roupa dos meninos e põe os dois de molho. Ela esfrega com bucha todo o corpo e, na água mesmo, corta as unhas dos pés e das mãos.

O Sebastião está remexendo no saco em que vieram as roupas dos meninos. Mas a mãe fala: não! Vai até o meu quarto e traz minhas roupas, vestindo os meninos com elas. Depois pega o saco de roupa encardida e queima no quintal. À noite, depois da janta, sentamos os quatro no chão da sala. Eu levo os meus três carrinhos e divido: a camioneta grande pra mim, o caminhão basculante pro menino magro e o Jeep pro gordo. Ainda não sei os nomes, eles não falaram nada até agora. Mas o Sebastião e a mãe ficam contentes. Dormimos todos no chão da sala, sobre dois colchões que a mãe juntou.

No outro dia, os meninos ganham sapatos novos e eu e a Tata também. Todos nos vestimos e o Sebastião nos leva pra tirar uma foto no jardim da rodoviária e compra oito doces. Pergunta pra mim, quantos doces vai dar pra cada um?

Eu digo dois. Este número mágico.

Duas vezes dois são quatro, esta conta é fácil de fazer. Mas há outras contas de multiplicar que eu acho difíceis. No primeiro fim de semana, o Sebastião pega o carro do meu vô, de quem ele é agora motorista porque o tio Lívio está muito ocupado com os negócios, e nos leva para um sítio distante. O lugar é sujo e as pessoas são estranhas, muita gente pro meu gosto. O Sebastião apresenta como tios e avós dos dois meninos. Duas vezes dois são então mais do que quatro e esta conta não quer entrar na minha cabeça.

Com o tempo vou aprendendo, porque não tem outro jeito mesmo. O pai dos meninos diz que quer dar três laranjas pra cada um de nós e me pergunta quantas laranjas deve trazer. Faço as contas e respondo: doze.

O menino mais velho, de nome Zé Carlos, é mais quieto. O outro, Luís Carlos, não conversa muito mas brinca comigo e com a Tata. O quintal já está todo fechado, não preciso mais ir pra casa dos vizinhos brincar, tenho companheiros.

Quando pega mais confiança em mim, o Zé Carlos conta:

— O pai teve que comprar a gente. A mãe não queria deixar ele trazer. O pai falou bastante coisa pra ela, mas não adiantou. Daí ele deu dinheiro e ela deixou.

Fico pensando se o Sebastião não tem razão. As palavras não valem grande coisa mesmo. O que vale são os números.

E faço com mais cuidado as continhas que ele me passa.

Meu avô morto

Alguém bate com força na porta e o Sebastião vai abrir. Ainda não nasceu o dia, mas não falta muito. Ouço a voz do tio Lívio, o pai morreu esta noite. A mãe está acordada, mas não chora. Ela nos troca rapidamente sem dizer o que aconteceu. Os outros não sabem, mas eu sei. O Zé-Zabé morreu. O velho ordinário, como dizia minha vó, está morto. Só espero que não enterrem perto de meu pai, ficariam brigando o resto dos tempos.

Como o vô tem dinheiro, com certeza vai pra um lugar melhor no cemitério, pra um túmulo grande com o nome da família. Eu já tinha visto tantos assim.

Chegamos na casa do vô e não tem como entrar. Todo mundo veio ver o fazendeiro, o negociante, o homem imenso que colocava as pessoas com medo. Um ou outro me apontava, este é neto. Eu querendo dizer que era neto de um Miguel Sanches que ninguém conhecia. Chorar eu não choro, este vô nunca gostou de mim. Só ia em casa pra discutir com a mãe, era melhor ele se mudar logo pra debaixo da terra, levando junto a sua maldade.

Noto que está magro no caixão, nunca imaginei aquele homem imenso assim, magro como um bebê crescido. Só percebo agora que eu tenho a mesma cor encardida do velho. Mas nunca vou admitir que puxei a ele.

Dona Gasparina está chorando, numa cadeira ao lado do marido, mas os filhos não. O Lívio está animado, o Eurico parece que espera algo, ansioso. A tia Dete não entende bem o que está acontecendo. O tio Lando e o tio Lávio estão num canto, silenciosos. Minha mãe e a tia Yolanda conversam na cozinha. Não vejo nem o tio Tião e nem a tia Mercedes, filhos do primeiro casamento do vô.

Alguém comenta, são os herdeiros. Estão esperando pra botar a mão na fortuna do velho.

À tarde mesmo, enterram o vô, bem ao lado do túmulo de meu pai, numa cova rasa, sem nenhum luxo. Acho que é uma falta de respeito com meu pai; todo mundo, inclusive a mãe, sabia que os dois não se davam. Agora vão ter que ficar juntos pra sempre. Uma injustiça. Mas eu não pude fazer nada. Só fiquei enfezado.

Quando voltamos pra casa, quero saber o que significa a palavra herdeiro. A mãe explica que são os parentes que recebem o dinheiro do morto. Então a

senhora vai receber dinheiro do vô e nós vamos ficar ricos?

— Não quero falar agora sobre isso, filho.

Mas, no outro dia, o tio Lívio e o tio Eurico quiseram falar sobre isso. O Sebastião sentou na mesa com a mãe e ficou ouvindo o Lívio, que trazia uma pasta cheia de documentos.

— O pai deixou procuração de tudo pra mim, Nelsa. Mas eu vou dar um pouco pra cada um. A metade é da mãe. Nesta ninguém vai mexer. O Tião, a Mercedes, o Lando e o Lávio já receberam a parte deles quando o pai era vivo. Pra Yolanda, a gente deu dinheiro pra ela comprar uma casa. Vocês já receberam esta casa, um caminhão novo que o pai deu pro Sebastião e eu vou dar mais um pouco de dinheiro pra aumentarem os negócios.

Fez um cheque e pôs na mesa, virado. Ninguém desvirou.

— O resto fica pros três solteiros, era o desejo do pai.

Será que neto não é herdeiro?, pensei, mas não perguntei pro tio. Agora era o Sebastião que fazia os negócios. Quando ficamos sozinhos, a mãe olhou o cheque e viu que era pouco. Nós estamos sendo enganados. Os meninos não podem ficar com tudo. Mas o Sebastião mandou deixar pra lá. Com o que recebemos, dá pra viver.

Quis saber o que ficaria pra mim, mas a mãe mandou eu calar a boca. O Sebastião guarda o cheque numa mala onde ficam os documentos e eu vou ao puxado do poço. Sou neto e não fico com nada. Ele é sobrinho da dona Gasparina e leva o caminhão e o cheque.

A vó Carmen estava certa, do vô a gente não pode esperar nada de bom mesmo.

Enfim, família

O Zé Carlos continua se debatendo à noite e eu chamo a mãe. Todos acordam pra cuidar dele. A mãe faz chá de hortelã, mas ele não melhora. O Sebastião já levou no doutor Ney, que não resolveu nada. Deram remédio pra lombrigas e ele continuou passando mal, com febre, se debatendo à noite, rangendo os dentes. Já esteve até na benzedeira, que disse ser mau-olhado. Mas a reza também não valeu. Hoje o Zé está pior do que nas outras vezes e a mãe decide consultar o médico novo que chegou na cidade, um tal de doutor Omar.

Vamos todos, e o médico interna o doente, que está com tétano, dizendo que ele pode morrer, a doença já está muito avançada. E o hospital não tem sequer enfermeira pra atender o Zé Carlos.

A mãe fala que fica como enfermeira durante o dia e o Sebastião à noite. Quando entrar em crise, alguém tem que chamar logo o médico, que mora nos fundos do hospitalzinho, pra dar injeção. Se não tomar o medicamento, pode morrer. Eu começo a chorar, porque não quero que o Zé Carlos morra. Vamos juntos pra escola. Já estamos no segundo ano, e temos muitos amigos novos.

A mãe quer que eu continue estudando, porque o Zé Carlos ficará muitos dias no hospital, mas digo que vou ficar com ele. A mãe não discute, sabe que as crianças estarão melhor ali no quarto com ela, além do mais não tem ninguém pra cuidar da gente e sozinhos em casa ela nunca vai nos deixar. Passamos o dia todo no hospital, mas não podemos fazer barulho. O Sebastião sempre traz bolacha, doce, fruta e até iogurte. É a primeira vez que tomo iogurte. Ele perguntou qual sabor eu queria. É claro que quis o de abacaxi. Passamos a morar no hospital. De noite, o Sebastião vem, trabalhou o dia inteiro vendendo frutas, e passa a noite com o filho. De dia, eu, o Luís, a Tata e a mãe sufocando no quarto pequeno.

Aos poucos, o Zé vai melhorando, mas ainda há o risco de uma crise. Todos acham, até o doente, que devo voltar à escola. Já faz mais de duas semanas que não apareço e é bem capaz que a gente perca o ano.

Vou então até a escola. Estudamos à tarde, o sol está alto quando subo os quatro quarteirões que separam a minha casa da escola. É triste andar sozinho debaixo daquele sol medonho, que queima a cabeça da gente. Lembro que tenho

de pedir um boné pra mãe. Um, não. Dois. Pro Zé Carlos também. Agora sei que ele não vai morrer, que logo estará indo de novo pra escola.

Chego um pouco antes da aula e a dona Délia já está na mesa. Explico tudo, falo que meu irmão está quase morto e que todos estamos cuidando dele no hospital. Sim, sei que faltei bastante. Mas agora que ele está melhor, não vou faltar mais. Dona Délia pergunta a doença. Digo: teto. Ela ri e corrige: tétano. É uma doença perigosa. Não precisava dizer isso, sei que é uma doença perigosa, eu vi meu irmão gritando à noite.

Acho que estou com a cara amarrada, como diz a mãe, porque dona Délia me aconselha a voltar pro hospital e ficar com meu irmão. Mas e os estudos, não vamos perder o ano? Vocês estão bem de nota e as faltas eu abono.

Volto direto pro hospital e conto a novidade pra mãe. O Zé também fica alegre. E pede um pedaço de pão. Ele que quase não tem comido nestes dias todos. Nós nos sentimos unidos e há uma vontade de voltar logo pra casa, de sair daquele hospital onde tudo é branco, tudo é limpo. Temos saudades das paredes velhas e mal pintadas de nossa casa, do quintal sem grama, onde a gente se suja, do chão de cimento bruto da cozinha, da comida da mãe. E é isso que o Zé Carlos pede.

— Mãe, estou com saudade da comida da senhora.

E a mãe quase chora ali porque é a primeira vez que ele chama a minha mãe de mãe. O Luís já chamava, mas ele não. Ele é que nem eu, mais duro, porque a gente lembra mais das coisas, a gente sofreu mais do que os dois novos. Eu também não chamo o Sebastião de pai, porque me lembro muito bem de meu pai. Como é que podia haver dois? Neste caso, a conta de multiplicar não altera o resultado: uma vez um é igual a um.

A mãe me deixa cuidando do Zé Carlos e vai, levando o Luís e a Tata, preparar janta pro filho doente. A tarde está quieta, pouca gente neste hospital pequeno. O doutor Omar faz uma visita rápida e me pergunta: como vai seu irmão? Digo: bem, vai muito bem. Logo ele terá alta. É, logo nós teremos alta, doutor.

— Nunca vi uma família inteira ao lado de um doente.

O Sebastião chega com a comida e diz que posso ir embora. Mas não vou. Fico mais algum tempo falando sobre a escola. Como está pra escurecer, resolvo tomar o rumo de casa.

— Então já vou, pai.

Me sinto meio ridículo e saio depressa do quarto. Ainda bem que ele não nota nada. Uma vez um, um. Pra que nasça um pai preciso matar o outro?

Matar pessoas mortas é sempre muito mais demorado.

Minha primeira estação rural

Nas férias, o pai exige que a gente vá com ele ajudar no serviço do sítio. Durante a manhã ele ainda vende frutas na frente do Bar Vera, nós vamos junto pra aprender a trabalhar. Em vez de fazer alguma coisa útil, eu e o Zé ficamos entre as caixas de frutas, sob o encerado do caminhão. Quando não aguentamos mais de canseira há sempre uma talhada de melancia fresca esperando num canto da carroceria. Chupamos rapidamente e voltamos pras nossas brincadeiras.

À tarde, temos que ir ao sítio, é época de arrancar mandioca e o nosso serviço será importante. O pai descarrega as frutas em casa e coloca algumas ferramentas no caminhão. A mãe não quer ver a gente tomando sol, por isso arruma um chapéu de palha, com o qual eu me sinto ridículo.

No sítio não há casa ainda porque estão abrindo a mata agora. Pouca coisa pode ser plantada: arroz, feijão, milho e mandioca. A roça é feita no meio dos tocos e de árvores que sobreviveram às queimadas por serem altas. Num abrigo de sapê ficam a água e o café. Nosso serviço, na colheita da mandioca, é cortar os ramos da planta, deixando apenas os troncos pelados e calosos. O pai e um peão vêm atrás arrancando e fazendo bandeiras com as mandiocas, que depois carregaremos pro caminhão. Entre o facão e uma foice de cabo curto, escolho o facão por ser mais leve. Mas o Zé Carlos sai disparado na minha frente, limpando os pés de mandioca, enquanto eu luto com as ramas, sem sucesso. Logo os arrancadores já estão me alcançando e o pai ralha comigo, me chamando de Marcha Lenta.

— É por causa do facão, pai. Com ele é mais difícil.

O pai troca o facão com a foice do Zé Carlos e aí é que ele trabalha rápido, enquanto eu fico mais lento. Trabalho a tarde inteira com a zombaria do pai e do peão na cabeça.

— Vamos, Marcha Lenta.

— Cuidado pra não estragar as unhas.

No fim do dia, estou tão cansado que nem consigo subir direito na carroceria do caminhão pra pegar os balaios de mandioca. O Zé continua fazendo tudo rapidamente. O pai brinca se você tiver que viver da roça, Miguel, vai morrer de fome.

Mas, mesmo assim, nos outros dias me leva pro sítio. Cada vez que me vê subindo no caminhão, depois do almoço, a mãe fica triste. Eu não reclamo, mas ela sabe que não fui feito pra esta vida.

Embora à noite, totalmente entregue, eu goste de chegar em casa, tomar um banho no Tiradentes, o chuveiro de corda, e jantar bastante. Sei que estou ajudando nas despesas da casa e isso dá um grande contentamento, maior do que o cansaço, que passará com uma noite bem-dormida, em que não sonharei com nada.

Esta trabalheira toda acabará com o início das aulas, que está bem próximo.

A não família

Fico feliz pelo pai ter vendido o sítio e mais feliz ainda por ele ter comprado uma máquina de arroz com uma casa velha de material nos fundos. É uma casa forrada, com calçadinhas no meio do jardim, banheiro azulejado e chuveiro elétrico. Nunca tive tanto luxo assim, suspira a mãe.

Nós também mudamos de escola. Deixamos dona Délia e vamos pro quarto ano primário no Olavo Bilac, que fica perto de nossa nova casa. A Tata e o Luís estudarão na escolinha de dona Délia, até completarem o segundo ano.

No começo, o pai quase não vende, porque a máquina estava abandonada e a freguesia demora pra pegar confiança de novo. Mas em pouco tempo já está fazendo alguns negócios grandes. Daí ganhamos uma televisão, usada mas ainda funcionando. Até então, a gente só via tevê quando ia no bar da rodoviária com o pai, à noite, ou quando ia passear na praça. Num dos cantos, ficava um aparelho numa caixa alta. E os pobres da cidade assistiam sentados no chão.

A gente tem tevê em casa e também telefone. O número, 249. Mas o pai usa mais pra fazer negócios. Enquanto a gente nem liga pros dois aparelhos que entraram em nossa vida. Continuamos brincando no quintal, agora maior e com mais novidades. A imensa montanha de palha de arroz é usada pra escorregar numa tábua, embora depois o corpo todo fique coçando. No campo que há em frente de casa, soltamos pipa e brincamos de esconder. Os novos amigos são bem melhores do que os anteriores, e a mãe deixa a gente ficar pela rua, principalmente porque ali não existe risco, é o fim da cidade e todos se conhecem. Na outra casa, por ser perto da rodoviária, a mãe sentia muito medo de alguém roubar a gente.

Eu e o Zé fugimos, pela primeira vez, e vamos com os Parede pra um rio. Chegamos apenas de noite e o pai nos dá a primeira grande surra. Ele bate com cordão de ferro e, como já somos grandes, temos que contar, sem chorar, as lambadas que marcam a bunda. Eu conto até dez, com raiva, percebendo o crescimento de vergões em minhas pernas. O Zé conta rindo, não porque não dói, mas porque ele reage a tudo rindo, e suas pernas não ficam marcadas. Penso, se eu rir na hora da surra também não terei estas marcas feias, que os meninos da rua veem e depois ficam tirando sarro. Eles apanham de outros

meninos, não dos pais.

A tevê é um traste que não atrai. Enquanto tem sol, estamos na rua, só quando escurece entramos em casa, tomamos um banho rápido, jantamos na frente da tevê e, minutos depois, vamos dormir. Os três meninos numa cama de casal. A Tata num quarto separado.

Mas hoje estamos sem sono e começamos a fazer guerra de travesseiro. O pai já está deitado e levanta com raiva, amanhã terá que estar de pé bem cedo e nós não deixamos ninguém dormir, meu Deus. Que inferno! Ouço os passos e entro debaixo dos cobertores. Os meus irmãos também se escondem, cada um no seu lugar de sempre. No tumulto, troco de lugar com o Zé e recebo algumas cintadas leves, mas o Zé resmunga a noite toda pelas lambadas que seriam pra mim.

Só então começo a perceber que tem alguma coisa errada, e vejo que a mãe anda muito nervosa. Está acontecendo algo e ainda não sei bem o que é. Penso, o pai tem inveja de mim porque tiro melhores notas do que o Zé Carlos e o Luís, mas eles trabalham mais do que eu e têm bastante elogio por isso. Eu que estudo mais não recebo nenhum incentivo do pai, só da mãe, que não cansa de repetir, quero ver você estudado, era desejo de seu pai.

Cada vez temos mais coisas em casa. Compramos fogão novo, carro, móveis pra sala de visitas e uma geladeira vermelha, linda que só vendo. Quanto mais coisas nós temos, menos alegre está a mãe. Mas não dou muita bola, a máquina de arroz agora está movimentada, o pai tem dois empregados e de vez em quando nós ajudamos a fazer algum serviço leve.

Primeiro vem um irmão do pai, o Moisés, afirmando que só ficará durante a safra, quando há muito movimento. Alguns meses depois, aparece um outro irmão e ficamos sabendo que o pai comprou uma chácara, onde está construindo uma casa pra família dele, quatro irmãos solteiros e o casal de velhos. Todos trabalham na máquina e os lucros aumentam. O pai troca de carro, compra um quase novo. E, depois de mais uma safra boa, compra um sítio pro irmão casado, que vem com uma dúzia de filhos. De lambuja, recebemos ainda uma tia desquitada, com mais três crianças.

Nesta maldita conta de multiplicar, duas vezes dois são vinte. Eu, a Tata e a mãe nos tornamos intrusos. Nós não somamos, dividimos.

Intromissão do narrador adulto

Da boca para fora, *pai*. Mas no íntimo, a palavra apropriada era *padrasto*, com tudo que há de ódio nela. Os meus anos de adolescência foram sufocados pela presença opressora do padrasto, que foi para mim o que a ditadura foi para os da geração anterior à minha. Se fosse possível, ele racionaria o ar que eu respirava. Na ânsia de ficar rico e enriquecer a família dele, não dava nem um centavo para nós, embora comprasse as coisas para dentro de casa.

Para ele, eu era tão esbanjador quanto tinham sido os irmãos solteiros de minha mãe, que em poucos anos consumiram toda a fortuna do meu avô.

E se vingava em mim do fato de ter passado fome na infância. Se ele não tinha tido luxo nenhum, para que eu precisaria de um par de sapatos, ou de calças novas, ou de livros para ler?

Se ele tinha começado a trabalhar com sete anos, por que eu não podia, aos dez, arranjar alguma coisa? E quanto mais a máquina de arroz dava lucro, mais eu me sentia no direito de participar deste lucro, que começou depois que ele veio morar conosco, quando recebeu um caminhão e dinheiro de meu avô.

A mãe, a mesma coitada de sempre, voltou a costurar e começou a vender roupa para me arranjar algum trocado. Quanto mais ele tinha, mais a mãe lutava para me dar alguma compensação. Enquanto os irmãos do padrasto compravam terras, tratores, carros, eu ganhava roupas de minha mãe e ficava em casa lendo. Eles enriqueciam, eu permanecia pobre, mas bem-vestido. Logo, a cidade toda começou a me ver como um vagabundo vivendo à custa do trabalho de meu pai e de seus irmãos.

Eu, talvez por ingenuidade, talvez por orgulho, insistia em andar bem-vestido. Sem dinheiro, mas limpo e com alguma pompa. Eles, cada vez mais ricos e mais sujos, exibindo uma humildade que me colocava contra Peabiru inteira.

Todo o meu desafio era inventar um caminho paralelo, porque, no caminho em que estava meu pai, eu sempre seria vencido. Tenho consciência disso apenas agora, quando olho para o passado. Só pude vencê-lo por ter conquistado outras armas, que ele não sabia manejar.

Mas para impor o meu território, tive antes que escapar do dele.

Moscas de monturo

Em casa é o pai, sua lei, sua ordem. Na rua, os meninos livres inventam as leis.

Tenho 11 anos e começo a sair em pequenas expedições. Vamos atrás de frutas, mas também de outras coisas. Espiamos uma vizinha que toma sol só de calcinha no fundo do quintal e bato minha primeira punheta em público. Ninguém tem vergonha de ter prazer e de tirar proveito deste prazer na presença de outra pessoa. Esta aventura solitária é uma maneira de me aproximar dos outros. Se não podemos ter a vizinha, inclusive porque ainda somos todos crianças, podemos imaginar que ela está dormindo com a gente.

A punheta coletiva se transforma rapidamente em campeonato. Todos abaixam o calção e, depois de alguns minutos de aquecimento, estamos com aquilo duro. Ficamos com os dois pés rentes a um risco no chão e alguém grita: já! Quem terminar primeiro ganhará o prêmio de rapidez e quem gozar mais longe, o de distância.

Os que ficam por último levam a fama de punheteiro, estão tão cansados de fazer as coisas em casa, escondidos, que não conseguem nada ou, quando conseguem, pingam umas ralas gotinhas no dedão do pé. Quem não tem o hábito solitário expulsa um jato decidido, longamente guardado e louco pra sair.

Também procuramos coisas velhas pra vender. Alumínio, ferro e cobre são os mais disputados. Vamos juntando tudo no fundo do quintal. De tempos em tempos, o comprador passa com seu carrinho de mão e uma balancinha e nos paga algumas notas sujas, que gastamos no Bar do Gaúcho, comendo pastel e tomando sodinha, de olho nas pernas da mulher do dono do bar, que está sempre de bermudas.

Quem cata ferro velho vai se acostumando a fuçar no lixo, a olhar os quintais vazios, a mexer em casa ou em barracão abandonado. Quando vejo, estou atrás do cemitério, no lixão da cidade, junto com os meninos mais pobres da rua. Esperamos o caminhão virar a caçamba e, com uma vareta, mexemos nos restos de toda a cidade. Olhando a casa dos ricos, as pessoas sempre asseadas, achamos a cidade limpa, mas ao revirar a imundice que elas jogam fora é que conhecemos as pessoas.

Pego uma calcinha rasgada e toda encardida no meio de um saco de roupas velhas. Fico imaginando a menina que usou aquela peça tão feia. Podia ser uma das que encontro na escola e que me parecem anjos. O Leonel gosta de dizer pra gente, quando reclamamos do mau cheiro do local, que o lixo fede porque as pessoas são podres, e, pra ilustrar, solta um peido sonoro. Alguém na hora grita pelo ronco, pelo berro, este rabo já levou ferro. E todos rimos.

Ajudo a revirar tudo e só pego os produtos que podem ser vendidos, o resto entrego pros amigos, porque não posso chegar com um par de sapatos velhos em casa, nem com um guarda-chuva estragado, nem com uma calça encardida.

De manhã, ando com este grupo desordeiro, que rouba as frutas das chácaras, inclusive da família de meu pai, e, à tarde, limpo, mas com roupas simples, um par de Conga nos pés, frequento a quinta série com os filhos das pessoas mais importantes da cidade, no melhor ginásio, o 14 de Dezembro, inaugurado este ano.

Numa das vezes que vamos ao lixão, o Zé Carlos quer ir comigo e começa a trazer todo tipo de porcaria, guardada no fundo do quintal. Ele faz isso tantas vezes que a mãe descobre nossas andanças e logo o pai está trancado com nós dois na casinha do tanque. O pai sai com a verdade e a promessa de que jamais faremos isso de novo. Eu saio com os vergões na perna e com um ódio cada vez mais intenso.

Minha segunda estação rural

A mãe voltou a costurar, mas não mais pras putas, o que é sempre uma grande pena. Eu agora aproveitaria melhor a companhia das mulheres em casa. Poderia até arrumar uma namorada. Já tenho alguns pentelhos e não passaria vergonha na frente de uma das antigas freguesas da mãe. As que vêm hoje aqui são mulheres velhas e gordas — jovens compram roupa feita.

Eu queria uma calça jeans, como os meninos ricos da escola, mas a mãe ainda não pode me dar. Toda a minha roupa é feita por ela e ela mesma diz que não sabe costurar pra homem, por isso as golas de minhas camisas não assentam direito e as costuras das pernas das calças são tortas.

Quero ter o meu dinheiro pra comprar o que bem entender, sem dar explicação pro pai. Quando a gente precisa de um sapato é uma luta convencer o dono do dinheiro a arranjar umas poucas notas. Já jurei que não vou pedir nada mais pra ele, só que no apuro não tem outro jeito. Ele quer que eu use botina de sola de pneu, mas sonho com tênis. Ele compra uma grande quantidade de um único tecido e fala pra mãe fazer calça pra todos os filhos, pra ele e pros irmãos dele. E tenho raiva de andar igual à família do pai.

Estou decidido a arrumar um serviço nas férias. Com o dinheiro que conseguir ajudo a mãe a comprar minhas roupas. Como os meninos de minha rua estão todos catando os restos de soja que as colheitadeiras deixam no campo, peço pra ir também.

Com um pano largo, desço a pé pro lado do Saltinho e entro nas terras que eram de meu vô. Entro como os outros meninos pobres, devendo favor aos donos da fazenda, que permitem que se cate soja porque não compensa pagar gente pra colher e, se ninguém tirar, esta soja vai mesmo ficar perdida.

Somos os apanhadores. Tiramos o pé inteiro, seco e carregado de vagens, e vamos colocando no pano que trazemos nas costas. Andamos de um lado da fazenda ao outro, chinelos nos pés, machucando os dedos e os calcanhares nos tocos secos deixados pela colheitadeira. Demora toda a manhã pra encher o pano, que fica como um feixe de lenha. Não pesa como lenha, mas é duro subir de volta os cinco quilômetros até chegar em casa.

Deixo a trouxa no fundo do quintal, onde construí um abrigo, com madeira

velha e saco plástico de adubo, só pra guardar soja.

À tarde, voltamos ao campo, apanhadores alegres trabalhando como quem brinca, correndo um na frente do outro. Eu também corro, quero conseguir os melhores pés, os mais carregados, e depois subimos a serra com o fardo leve de nossas brincadeiras.

Em uma semana, estou com as mãos e os pés lanhados, como se a vida inteira tivesse trabalhado na roça. Também estou preto, queimado pelo sol do começo do ano. Trabalhamos rapidamente, porque as aulas estão chegando.

No sábado, no entanto, ninguém desce pra lavoura. Levamos pro asfalto toda a soja acumulada durante a semana e com uma vara longa batemos até o grão se soltar da vagem. Depois temos que abanar pra tirar toda a palha. Se há vento, este é um serviço fácil. Mas se não há, exige mais força e certa habilidade.

Da peneira, despejamos direto dentro do saco e, antes do almoço, corremos até a Cerealista do Ditão, que fica na mesma quadra da nossa, pra vender 50, 60, 70 quilos de soja. Em casa, entrego todo o meu salário pra mãe. Tomo um banho, esfregando com buchinha de lavar roupa os pés e as mãos, coloco uma roupa costurada em casa e vou pro matinê, com um dinheiro que eu mesmo consegui.

A mãe está alegre e o pai também. Parece que se catar lixo com os moleques de rua é vergonhoso, trabalhar na lavoura com os mesmos moleques não é. O pai quer que a gente trabalhe e não faz o menor esforço pro estudo. Se o Zé e o Luís estão na escola é por causa da mãe. Pro pai, sabendo ler, escrever um pouco e fazer contas já está bom. O estudo não precisa ir além disso. Pra mãe, não.

— Quero ver todos os meus filhos estudados. Podem trabalhar, desde que não atrapalhe.

No matinê, acabo passando vergonha, estou com as roupas de tecidos ordinários e os meninos da minha escola se vestem bem. Sento sozinho num canto, assisto ao filme e volto pra casa triste.

No fim do mês, vou à loja do seu Pedrinho, compro uma calça jeans, uma camiseta e um par de tênis, que fica grande no meu pé, mas não faz mal, tudo é a alegria da primeira vez. O dinheiro que ganhei na soja não dá pra pagar e deixo uma conta pra mãe.

Quando o pai vê minha roupa nova, olha pra mim com raiva.

— Você é mesmo um caso perdido.

De onde tirei minha assinatura

Nas crises de raiva, rasgo a roupa, bato a cabeça com força na parede, chuto os móveis e tento me enforcar com uma camisa de mangas compridas ou com qualquer outra coisa. Se é pra sofrer na mão de um desgraçado, então pra que viver?

A mãe chora pela casa, implorando que me acalme, tudo vai dar certo, ele ainda vai te entender, meu filho, é que vocês dois são nervosos.

Estou cada vez mais irritado e tentando achar uma saída desta vida que minha mãe me deu casando com o grande chefe, que exige obediência de todo mundo, até dos irmãos mais velhos dele. O Zé Carlos faz um ou outro serviço na máquina, eu ajudo a mãe em casa. Passo escovão no assoalho, lavo as calçadas, enxugo a louça e cilindro o pão. Com o dinheiro que a mãe me dá, compro alguns gibis e guardo em uma caixa de sapato dentro do guarda-roupa. Meu irmão fica com raiva e, escondido, rasga todos os gibis. Começamos a brigar e eu acabo destruindo, a machadadas, um carrinho de rolimã que o pai tinha feito pra ele. A briga termina logo, estou com o machado nas mãos e não escondo o meu ódio.

O pai chega quando o machado está longe, pega o cordão do ferro de passar roupa e me bate nas pernas. Depois me leva pro quintal e ordena você vai ter que fazer outro carrinho igual ao que destruiu. Pra você saber o quanto é difícil fazer as coisas. Ou você pensa que é só quebrar?

Eu ainda estou chorando por causa dos vergões vermelhos nas pernas.

— Mas, pai, foi o Zé que rasgou primeiro os gibis.

— Eu vou comprar outros. Mas você vai ter que fazer um carrinho pra ele.

Fico no sol o resto do dia, acompanhado de serrote, martelo e pregos. Tento aproveitar as peças que não tinham sido destruídas pelo machado, mas não consigo. Acho que tenho mesmo dificuldade pra fazer coisas. Parece que minha mão não segura direito o martelo e entorto todos os pregos. Ela também não sabe guiar o serrote e, quando vejo, o corte na madeira está saindo torto. Não consigo fazer o carrinho e, à noite, o pai diz que só vou voltar à escola no dia que entregar uma porcaria igual àquela que quebrei.

A mãe se assusta e vai até a casa dos Parede encomendar o serviço pro

Leonel. Leva os restos do outro. Na manhã seguinte, todos vão pra escola, eu fico em casa. Na hora do almoço, entrego pro pai um carrinho melhor do que o que ele havia feito pro Zé.

— Quem fez isso pra você?

— Eu, ué.

— Você não sabe nem segurar um martelo.

— Não era pra aprender? Aprendi.

A mãe está servindo a comida da gente e dá pra ver que a mão dela treme, até derrubou um pouco de caldo de feijão na toalha. O pai não fala mais nada até o fim do almoço.

Na hora de sair, me diz vá lá na cerealista que quero ver se você é capaz de pelo menos serrar uma tábua. Grito que não vou, já fiz a minha tarefa e ele ainda não comprou os gibis.

— Não sou seu filho, que o senhor mande neles.

O pai me olha com ódio.

— Talvez nem sejam filhos do senhor, porque a sua primeira mulher era uma vaca.

— Cala a boca senão te bato de novo! — ele grita se aproximando de mim.

— Pode bater à vontade. Não conseguiu pegar os amantes dela e agora quer descontar em alguém.

O pai tira a cinta e levo outra surra. Quando ele para, eu pego o cordão do ferro e começo a bater com toda a força em minhas pernas. Depois em minhas costas, machucando-me com as pontas maciças. A mãe implora pra eu parar, minhas costas já estão sangrando, mas não sinto dor. Se é pra apanhar, então eu quero apanhar de mim mesmo. A mãe diz que assim eu vou me matar, que está sangrando. O pai volta chamado pelo Luís e logo me vê. A camisa atrás está manchada de sangue, as minhas pernas estão vermelhas e eu continuo a me bater e a chorar. Só paro quando recebo um tapa no rosto. A mão do pai pesa como uma pata de elefante. As minhas são pequenas e logo soltam o fio, que ele puxa.

O hospital em Maringá é grande e me arrastam por vários corredores, até chegar a uma sala cheia de máquinas. Uma moça rapa pequenos lugares na minha cabeça e vai colando, com algo que parece sabão, uma grande quantidade de fios. Depois fico deitado em uma cama, sem poder me mexer.

Na hora de ir embora, o pai esperando no carro, eu ouço a mãe decretar que tenho uma lesão na cabeça e que vou ter que tomar um remédio chamado Gardenal por vários anos e então mostra uma montoeira de papel cheio de risquinhos, pra cima e pra baixo, uns mais altos, outros bem pequenos.

Com base nestes exames crio minha assinatura:

O pai não fala nada e põe o carro pra andar. Na primeira farmácia a mãe compra o remédio e eu aproveito pra olhar meu cabelo no retrovisor. Está cheio de buracos, parece um ninho de ratos.

Na escola, todo mundo quer saber o que aconteceu com minha cabeça e digo que foi uma lesão. Não sei bem direito o que é uma lesão, mas deve ser estas manchas que foram rapadas. Antes de dormir e na hora de levantar, um comprimido de Gardenal. A mãe parece que está alegre, fico mais calmo. Brigo menos com o pai, embora sinta um amolecimento no corpo o dia inteiro.

Ela diz apenas que não posso beber nada com álcool. Eu pergunto se posso ainda comer sagu de vinho. Ela responde que vai fazer sagu com suco de uva.

O pai descobre que estou arrancando folhas dos cadernos pra escrever poemas. Então numera todas as páginas dos meus cadernos e faz uma vistoria semanal. Paro de arrancar as folhas de meus cadernos, mas continuo escrevendo poemas, agora em páginas roubadas de meus irmãos.

Faço um poema pra mãe e ela guarda na caixa de lembranças, onde estão os cartões de Natal que mandamos, o recorte do jornal com a reportagem sobre a morte do pai, fotos de pessoas antigas e outras coisas.

Não posso mostrar pra ninguém os meus poemas — ai se o pai percebe que ainda estou desperdiçando papel! Quando descobriu, tentei argumentar que era tarefa da escola, daí ele pegou e leu um poema de amor pra uma menina e disse que não ia comprar caderno pra eu ficar escrevendo porcaria. E se pelo menos enchesse a folha, mas pra cada poeminha de seis ou sete linhas gasta página inteira.

Agora que o papel está racionado eu uso os dois lados da folha, mas parar de

escrever eu não paro.

O Zé Carlos gosta de desenhar e desenha bem. O pai compra vários cadernos de desenho, giz de cera, lápis especiais. E o meu irmão fica desenhando imagens da religião. Faz um Cristo tão bonito que não consigo esconder minha inveja. O pai se anima com o Zé e compra cavalete, telas, tintas, pincéis e palheta. A mesma figura de Cristo do caderno ele passa pra tela. Nunca aprendeu nada com ninguém e já está pintando. Faz mais algumas telas e para. Engraçado, ele tem dom pra várias coisas, mas não persiste em nenhuma, logo abandona e começa outra. Está sempre começando, parece que não sabe o que quer.

Mas o pai está satisfeito, pendura o Cristo na parede do escritório e fala pra todo mundo que foi feito pelo filho. O cavalete e as tintas ficam jogados num canto do barracão. O Zé agora está recuperando uma bicicleta velha. O pai compra as peças e ele monta tudo sozinho.

Quando fico com vontade de escrever, roubo algumas folhas do caderno dele. Penso que ficaria bonito um poema meu num quadro, pendurado na sala. Tento escrever um sobre Jesus Cristo, mas não consigo. Só sei escrever poemas de amor, pras meninas da escola e pra mãe. Vou até a caixa de lembranças dela e tiro meu poema. Leio e depois escondo. Se o pai me pegar gastando papel vai ser outra briga. E faço de tudo pra não brigar. A mãe está feliz, o pai menos bruto, os irmãos até parecem gostar de mim.

Acho que o Gardenal está mesmo curando minha lesão, logo não vou nem mais querer escrever. Só fico com medo é porque o Marcão vive me oferecendo pinga e estou morrendo de vontade de experimentar. Daí, pelo que a mãe disse, vou querer me matar de novo.

Rezo pedindo a Deus que não volte a ter a lesão que me faz ficar com raiva do meu padrasto quando ele deixa claro que não gosta de mim.

Eu, ela e todo mundo

Dois são os territórios que frequento: o da periferia da cidade, onde a gente mora, e o do centro, onde residem os meninos e as meninas que estudam comigo. Eu convivo com os dois grupos. Entre os meninos do centro, sou visto como um cafona tentando viver fora de seu mundo. Eles não dão muita atenção pra mim. Eles têm bola de capotão e jogam nas canchas da cidade. Têm bicicleta de dez marchas e frequentam lanchonetes. Usam calça jeans e tênis coloridos. As meninas de minha sala preferem eles e eu fico apenas olhando de longe. Já me apaixonei por várias destas meninas, mas nunca me declarei. Todos ririam, o dentuço tá querendo namorar a Carmina. O pai da Carmina tem uma rede de supermercados, mas a gente nem é cliente deles, porque só compramos numa mercearia perto de casa.

Venho da escola, tiro meu uniforme (graças a Deus, a escola exige uniforme) e me misturo com os meninos e as meninas da rua. Mas aqui eu sou o filho do dono da cerealista e eles da lavadeira, do carroceiro, do mecânico, do desempregado, da empregada doméstica. Também não me aceitam muito bem, porque a mãe não deixa eu fazer tudo o que eles fazem. Não posso ir no rio, nem pra pescar, não posso ficar na rua depois das oito da noite, não posso jogar sinuca nos bares. Também não sei jogar bola e todos os meninos da rua sabem muito mais do que eu. Fico com eles, apesar de me acharem babaca.

Na escola, todo mundo tem uma namorada e eu também preciso de uma. A menina mais bonita da minha rua se chama Sílvia, mas já sai com o Marcão, que jura que está comendo ela. É o Marcão que me arruma a Rúbia, com quem converso de vez em quando, faço uma brincadeira e pego na mão. No fundo da casa dela há um pequeno bosque e o Marcão diz que namorar lá é que é bom.

Vou.

A gente senta num tronco de árvore, seguro na mão da Rúbia, depois abraço e dou um beijo. Não faço nada mais do que isso, o que já é bastante pra mim. Tento sair do fundo do quintal de mãos dadas, mas ela não deixa.

Reclamei pro Marcão, que ficou brabo. O que quer é brincar com você. Tire a roupa dela. Faça tudo que você quiser. Elas gostam. Senão vai pensar que você

é frouxo.

No outro dia, levo a Rúbia ao fundo do quintal e ataco. Pego não nas mãos, mas nas pernas e ela não reage. Ergo o vestido e vejo a calcinha, que ela própria tira. Também abaixo meu calção e nos deitamos em cima de umas folhas secas. Rolamos juntos por alguns minutos até a mãe dela chamar. Sozinho, saio pelo quintal dos Parede.

Em casa, escrevo mais um poema. E já fico pensando em convencer a mãe a me dar um pouco mais de dinheiro pra ir com a Rúbia ao cinema.

Nos dias seguintes, eu só pude conversar com ela.

Os meninos tinham feito uma cabana no mato perto de casa, toda de galhos, uma espécie de caverna verde, e me levaram pra conhecer. Quando chego com o Marcão, já tem gente na cabana, e assim que entramos vejo a Rúbia e a irmã peladas no meio dos meninos. Sento no chão como todo mundo e o Marcão já vai abaixando as calças.

Tocado de amor, não consigo ficar de pinto duro.

De cor

Ir bem na escola é contentar a mãe, e por mais que eu saia com os meninos de minha rua, que reprovam de ano ou já abandonaram o estudo há muito tempo, tento ser bom aluno, o que também não exige muito, porque estou em escola pública. Os meus primos de Londrina vivem dizendo que jamais estudariam em escola do governo, onde os professores dão aulas sem vontade. A tia Yolanda é bem mais pobre do que nós, mas os meninos só frequentam colégios particulares e estão recebendo a educação que minha mãe queria poder dar pra gente. Aqui não existe outro tipo de escola e até os filhos dos ricos cursam o ginásio comigo. Mas a mãe fica triste e talvez esteja arrependida de ter saído de Bela Vista pra vir pra este fim de mundo que é Peabiru. E sempre repete você tem que realizar o sonho de seu pai. E quando vai nas reuniões da escola e os professores dizem que sou estudioso, vem pra casa contente. Sei que dou muita preocupação pra mãe por não me acertar com a família do padrasto e por querer uma vida melhor do que ele está disposto a nos dar, mas sei também que faço a mãe feliz sendo bom aluno.

Ser bom aluno não é grande coisa na Escola Estadual 14 de Dezembro, que não exige quase nada da gente. Apenas obediência, saber formar corretamente a fila de entrada, como se fosse no Exército, marchar no 7 de Setembro, não questionar os professores. O resto é mais fácil ainda: decorar os pontos de história, estudar o vocabulário de inglês e traduzir textos imbecis, saber um pouco de análise sintática, decorar as fórmulas matemáticas, conhecer de cor as regiões do Brasil e suas riquezas... Faço as lições de casa, fico em silêncio na aula e estudo um pouco antes da prova. Pra um trabalho de história, decoro um capítulo inteiro do livro e ganho fama de inteligente.

O professor de história é um velho parrudo, meio militar, que rapa o cabelo e usa quepe de napa. O nome dele? Neli. Não vai pra sala dos professores nos intervalos, fica com a gente no pátio, bate na boca do estômago de um, ergue pelos cabelos outros, coloca apelido em todo mundo. Logo no início me chama de Dentinho, por causa de meus dentes grandes. Todo mundo gosta do professor Neli, que, dizem, é um músico frustrado.

Chega na escola com uma bicicleta velha, toda enferrujada, e passa as tardes

nos bares da cidade. Rindo sempre, durão sempre, é o pai de todos os meninos. Compreendemos que o mestre não precisava dar atenção a nenhum de nós e que mesmo assim faz de tudo pra agradar. Mas na sala de aula só exige que a gente responda um questionário.

Estudo mais do que os outros da sala por simples timidez. Não sou rico, não sei jogar bola, não sou bom de porrada. Estudar é minha maneira de chamar atenção.

Antes das aulas, os meninos e as meninas pegam meu caderno pra copiar as respostas, procuram qual a matéria que vai cair na prova, pedem pra eu traduzir o texto de inglês. Eu faço isso, e eles ficam com mais tempo pra namorar e jogar bola.

Geralmente permaneço em silêncio, converso com um ou outro amigo e vejo a alegria dos outros. Vejo que não tenho nada a ver com aquilo tudo, que não quero ser igual a eles. Me sinto diferente mas não sei por qual motivo. Não é pela roupa pobre, não é pelo Conga que uso e nem por minha timidez. Sei apenas que não quero ser como os outros e que essa alegria, pra mim, não faz sentido. Como é que eles conseguem ser alegres se a vida é quase sempre triste, se a todo instante estamos perdendo alguém ou alguma coisa querida. Até o professor Neli, sempre alegre na escola, fica amuado no balcão dos bares, ao lado de uma cerveja e de um salgadinho de pele preta por causa da gordura velha.

Não posso falar pra mãe que o estudo é fraco, que os professores não ligam se estamos ou não aprendendo, que a maioria dos alunos pouco se importa em saber alguma coisa. A mãe acredita tanto na escola, ela acha que só o fato de passar pela escola altera o destino de uma pessoa. Quanto mais estudo, mais descubro que não consigo fugir do meu destino, embora não saiba muito bem que destino é esse, pra onde ele me joga, pro lado dos meninos mendigos ou dos meninos ricos?

Pela mãe e pelas meninas, continuo estudando coisas que não me tocam. Sei que estou aprendendo pra esquecer, apenas pra passar de ano. Já não lembro o que tive na quinta e na sexta séries, e quando chegar na oitava, a sétima será um passado distante. Então, estudar é esquecer.

Na aula de português, o professor Toniquinho pede pra gente escrever um texto a partir de uma série de desenhos que aparece no livro. É pra ser uma narrativa. Na aula seguinte serão sorteados cinco alunos pra ler na frente. Como sou azarado, começo a sofrer desde o momento que o professor passa a tarefa.

Fico à noite lutando com o texto, escrevo uma vez, duas vezes, na terceira jogo tudo fora e começo de novo, sem olhar os rascunhos. O texto sai curto e sem palavras difíceis.

Na aula, sou o último a ser sorteado. Levo o caderno pra frente e me sento numa das cinco cadeiras. Cada um lê sua composição, repetindo apenas o que está nos quadrinhos; com vergonha, sempre tenho vergonha do que escrevo (o

padrasto acha tudo ridículo), leio minha história, que, graças a Deus, é curta. Voltamos pros nossos lugares e sei que as risadinhas são pra mim. Também, as coisas que inventei!

O Toniquinho quer saber qual é o melhor texto e faz uma votação na sala. O meu fica em último lugar.

Está no fim da aula, o professor pede que eu fique mais um pouco. Vou dizer da próxima vez faço uma redação melhor, não invento muita coisa, porque o importante é seguir o que está no livro, não é? É que nem decorar o capítulo inteiro do livro de história. Você é bom quando consegue repetir igualzinho, sem esquecer nenhuma vírgula, sem acrescentar nenhuma palavra. O professor pede a minha redação, relê e pergunta se fui eu mesmo que escrevi. Digo sim, meu pai e minha mãe são quase analfabetos e sou o irmão mais velho. Ele me devolve a folha e diz não ligue pra opinião dos outros. A sua foi a melhor redação.

Saio pro intervalo alegre porque o professor não falou isso em público, eu não queria que a turma soubesse. Este ia ser o meu segredo, eu podia inventar histórias e a escola não seria só decorar questões prontas, vocabulário e fórmulas.

Muito tempo depois, vou constatar que apenas esta lição ficou, de tantas horas perdidas nos duros bancos escolares.

A primeira vez de um menino

Foi o Leonel Parede que me levou um dia até lá, só pra conhecer; caso gostasse, teria que fazer alguns acertos. Entrei com vergonha, roupinha e cara de roceiro, o que queria ali? Muitas meninas sentadas, alguns rapazes também. Leonel foi pro seu lugar e fiquei observando. A sala era fria, paredes escuras, piso de ladrilho xadrez. Uma música de toques contínuos, me comovi. Como era bonito aquele mundo. As meninas limpas, mãos bem-cuidadas e um cheiro de perfume no ar. Fico com medo do que o pai vai pensar sobre isso, mas tenho que falar pra ele que também quero. Decido que vou frequentar a sala, mas quem vai pagar?

É o primeiro dia, apenas acompanho o Leonel, que ficará uma hora, e vou pro sofá vermelho encostado num canto da sala. Um rapaz com o braço engessado, mais velho do que eu, está também observando tudo. Logo conversamos como amigos.

Ele me pergunta se pretendo também vir pra cá.

— Ainda não sei.

— Venha. É muito bom. Até melhorar o braço estou proibido, mas apareço no mesmo horário de sempre, apenas pra não me esquecer de como as coisas são. Fico aqui sentado até dar a hora de sair.

— É a minha primeira vez.

— Não será a última.

— Espero.

— Vou dar algumas dicas. Qual a mais bonita?

— Estas duas aqui da frente.

— Estas são as mais novas, é por isso. Mas a beleza não está apenas no aspecto externo.

— E você, gosta mais de qual?

— Gosto de várias e sempre que posso mudo. Está vendo aquela do lado da parede, é a mais velha de todas. E é muito melhor do que estas novas aqui da frente.

— Você me aconselha começar por ela?

— Isso vai ser difícil. Você tem que chegar bem cedo, é muito procurada.

Talvez devesse começar por aquela lá do fundo, à direita.

— Não gostei.

— É, assusta. Além de preta, é muito grande, meio desajeitada, ainda mais pra alguém pequeno como você. Mas como é meio emperrada, vai ser bom por servir de treinamento pras outras. Quando chegar na melhor, poderá então aproveitar a maciez.

— Você fez assim?

— Não, eu pegava qualquer uma, a que estivesse desocupada. É que ninguém me deu estas informações.

— Já passou por todas?

— Já, conheço cada uma delas e outras que não estão mais aqui. E vou te dar outro conselho. Não chegue e já vá metendo a mão.

— ...

— Você precisa antes pegar intimidade. No começo, aprecie com os olhos, percorra com os dedos, estude cada detalhe. Não comece afundando brutalmente os dedos. É preciso namorar antes. Não faz mal perder alguns minutos, você terá bastante tempo pra fazer o que quiser com ela. Antes se prepare.

O novo amigo tem um jeito estranho de falar, mas vejo que ele está sendo sincero, gosta realmente delas e isto aqui significa muito pra ele. A música continua, olho a sala e ficamos em silêncio. Presto atenção apenas nas mãos, nos movimentos ligeiros. Minhas mãos são pequenas, e eu talvez não consiga um bom desempenho (o novo amigo me ensinou esta palavra: aos poucos você vai melhorando o desempenho). Mas este é um detalhe, sei que quero frequentar todas.

O Leonel já volta e me chama pra ir embora. Antes o rapaz de braço quebrado pergunta como é que ela estava hoje. Ele diz não fui muito além da outra vez, mas é assim mesmo, com calma é que é bom.

Quando saímos no sol, fico meio cego, tinha me acostumado com a sombra da sala e com o seu frescor. Sinto como se estivesse em outro planeta. Quero voltar pra lá agora, mas apenas olho o prédio ficando pra trás. O Leonel tira uma carta do bolso e me mostra. Sinto inveja. Também um dia terei uma carta dessas no bolso pra mostrar pros amigos, ou apenas pra ficar olhando sozinho.

Não vou falar direto com o pai, ele não entenderia. Pra essas coisas, é melhor contar com a mãe. Revelo onde fui e ela fica em silêncio. Depois digo que o Leonel, que é muito mais pobre do que a gente, está frequentando. E que eu gostaria muito. A mãe diz vou ver. Sei que não pretende desapontar o filho, ainda mais num assunto desses, tão importante na vida de qualquer um.

Na manhã seguinte, ela diz o pai vai mandar você e o Zé Carlos juntos. É melhor que os dois façam isso de uma vez. E um pode servir de companhia pro outro. Mas se vocês se meterem em alguma confusão, vão apanhar do pai.

Coloco minha melhor roupa, limpo bem as unhas e vou alegre pra uma nova fase de minha vida. É a Marilu quem nos atende. Toma conta de tudo. Preenchemos uma ficha, damos o cheque do pai e ficamos alguns minutos sentados no sofá, até que duas delas sejam desocupadas. Acabo ficando com uma das novas e o Zé Carlos com uma antiguinha, meio redonda, mas simpática. Ainda não sei pronunciar seus nomes estrangeiros. A Marilu nos explica tudo, o que devemos fazer e o que é proibido.

Como fui aconselhado, não começo bruscamente. Inspeciono o que dá e depois tiro a parte de cima pra descobrir o que há ali. Mexo mais um pouco, principalmente na parte de baixo, e percebo um cheiro forte e um pouco de umidade. Só então começo. Lento, me atrapalhando com os dedos, muitas vezes enroscando-os, até conseguir um desempenho satisfatório: ASDFG. Não sei quantas vezes repito estas letras, acostumando minhas mãos às teclas da máquina de escrever.

Me esforço todos os dias pra aprender a bater rápido, mas não consigo. Admiro a professora Marilu, tem uma intimidade muito grande com as teclas. Pra bater tenho sempre que olhar o teclado, apesar do papel sobre ele. A mão fica encoberta e a gente deve olhar apenas a lição. Não faço assim e isso é motivo de repreensão. Marilu quer que a gente saia sabendo bater máquina bem, mas já me avisa, depois de um mês de aula, que devo procurar outra coisa pra fazer, meu negócio não é datilografar.

Ao contrário de mim, o Zé Carlos bate sem olhar as teclas e rapidamente, tornando-se um dos melhores alunos. Eu busco uma intimidade diferente com a máquina. Todos se alegram quando mudam de lição, eu quando mudo de máquina e conheço outra. Passo por todas e é nestas mudanças que sinto prazer, não em datilografar rapidamente um texto qualquer. Marilu me diz você não vai conseguir emprego num escritório por ser muito lento.

Quando chega a fase de copiar textos, troco as cartas comerciais por poemas dos livros de português e, ao sair da escola, levo no bolso alguma obra minha. O poema não é meu, mas a datilografia sim e sinto orgulho.

O Zé Carlos termina o curso primeiro, com nota máxima. Fico mais algumas semanas, mas não estou envergonhado, nem bravo. É bom ficar com as máquinas, ouvindo a música das batidas, convivendo longamente com elas. Passo, por fim, com nota seis e quando deixo a escola sei que vou sentir falta também da Marilu. Todos os poemas que eu copiava eram de amor e tinham como destinatário oculto a professora. Mas ela preferia os meninos que datilografavam rápido.

Também por datilografar rápido o Zé Carlos ganha uma máquina do pai. Uma Olivetti Lettera 65, cinza, bonita e cheirosa. Vem num estojo da mesma cor, com zíper. Meu irmão aprendeu a datilografar rapidamente e mais

rapidamente ainda se desinteressou da máquina, que fica sobre o guarda-roupa de nosso quarto. Como continuo rabiscando poemas de amor, a máquina é usada apenas por mim. Há todo um ritual. Primeiro abro o zíper com cuidado, depois percorro a superfície áspera da máquina e só então introduzo o papel. Os dedos não têm pressa. Conto com muito tempo livre.

Não conquistei a professora, mas aos poucos vou herdando esta máquina de escrever: minha primeira namorada.

Pequeno tratado das frutas (*IV*)

A mãe insistindo no estudo, o pai no trabalho. Este deu de comprar principalmente caixas de laranjas e faz a gente sair na rua, com várias redinhas pra vender. Os caminhões da cerealista estão sempre indo a Maringá, onde revende o produto dos sitiantes, e ele manda vir de lá todo tipo de fruta. Nós empacotamos à noite e pela manhã percorremos a cidade. Cada um dos três sai pra um canto e antes do almoço estamos de volta. O Luís é o único que vende tudo, principalmente porque oferece na rodoviária. Tem dia que não é nem dez horas e ele já está de volta com o dinheiro, que deixa com o pai. Pega outra quantidade de redinhas e muitas vezes retorna de mãos vazias de novo.

O Zé também vende bastante, não tanto quanto o Luís. O caçula é muito mais desinibido do que nós dois juntos. Só eu é que não vendo quase nada, e ainda volto com as frutas amassadas. O pai pergunta o que faço. Nada, apenas vou parando pelo caminho, e de tanto colocar as redinhas no chão, as frutas vão estragando. No fim de semana, quando fazemos a limpeza, tiro mais de uma caixa de frutas totalmente podres.

Pra quem chega na máquina de arroz, ele conta que o filho caçula vende mais do que os dois mais velhos juntos. E que eu não consigo fazer nada de útil. Esse aí é vagabundo como os tios.

O pai quer que todo mundo seja igual a ele. Pra uma pessoa ser boa tem que vender fruta como ele vendeu quando era mais jovem, tem que negociar como ele negocia. Eu não quero o mesmo destino e se não vendo as malditas frutas é porque, ao invés de ir pra região onde moram os ricos, vou pra periferia, pras vilas mais pobres, onde ninguém me conhece. E das pessoas pobres é mais difícil, muito mais difícil, tirar dinheiro, ainda mais com frutas.

O pai acaba acusando a mãe.

— Este não se esforça porque a mãe dele dá de tudo. Com o dinheiro que ganha na costura, está estragando o filho. Mas dinheiro meu ele não vê, tem que saber quanto custa, vejam os tios dele, receberam todas as terras do Zé-Zabé e já estão quase sem nada. Não souberam a dureza que é ganhar o dinheiro. Só que este rapazinho tem que saber que não terá herança, que se não conseguir trabalho vai passar fome. O pai dele só deixou dívida e eu não vou deixar nada. Ou

melhor, vou deixar uma enxada, grande e pesada.

Conto pra mãe que o pai me fez passar vergonha mais uma vez na frente dos fregueses da cerealista. Ele gosta de mostrar que é superior por trabalhar e que eu sou vagabundo. Todos riram quando saí nervoso. A mãe pede paciência. Mas estou cansado de esperar pra sair de casa. Não quero mais viver com o padrasto, a senhora não entende? Ele não gostará de mim nunca, porque nas contas que ele me ensinou um mais um é um. Tudo somado a ele é ele. O pai só valoriza quem é igual a ele, quem faz as coisas do jeito dele, quem se veste como ele, quem trabalha como ele. E eu sou diferente. Não quero seguir o mesmo destino.

Começo a chutar a porta da cozinha e a gritar. A mãe está chorando. Dou um chute na geladeira, afundando a porta. Era melhor no tempo em que a gente não tinha geladeira, eu não precisava suportar este filho da puta.

Bem na hora o pai entra, perguntando se eu provo que a mãe dele é puta. Mas não me deixa responder, sinto o peso de uma mão imensa no meu rosto e caio. Levanto com raiva, o rosto latejando, e digo que é pra ele bater mais, aproveitar e bater bastante, porque é a última vez que me bate na vida. A mãe chora e pede que a gente pare de discutir, o pai sai me chamando de vagabundo e a mãe chora mais ainda quando digo que estou indo embora e que só volto quando ela se separar daquele desgraçado.

Me escondo no cemitério e passo o dia todo ao lado do túmulo de meu pai, amaldiçoando Deus por ter me deixado sozinho. A vó Carmen foi muito mais corajosa do que a mãe, não arrumou outro marido e pôde criar os filhos sem que ninguém tentasse interferir. Por que a mãe não fez o mesmo? Não, pouco mais de um ano depois de ficar viúva, ela se casa com este louco. Que vai nos infernizar até morrer, porque nós nunca seremos iguais a ele.

Volto pra casa à noite e encontro tudo fechado. Sento na calçada e fico esperando. Quando mudamos pra esta casa, pensei que aqui seríamos felizes, era uma casa bonita, com jardim, coisa que a gente nunca tinha tido, só que isso não resolveu nada. Esta casa é uma ilha, estamos cercados de parentes do pai por todos os lados.

É ele que para o carro na frente da casa, desce e me diz venha ver o que você fez com a sua mãe, ela está no hospital por sua causa.

Ainda inconsciente, segura minha mão. Tinha tomado um vidro inteiro de calmante, mas o médico fez uma lavagem no estômago e agora está fora de perigo. Apesar de meio dopada, pede pra eu sentar com ela na cama e jurar que vou ser um menino obediente. Juro, com raiva, sabendo que não conseguirei cumprir o juramento.

Olho o Zé, o Luís e a Tata espremidos num sofá de dois lugares. O pai está em pé na porta. Eu, sentado na cama. Estamos todos novamente juntos num quarto apertado de hospital, mas já não somos uma família.

De galinhas e livros

O pai construiu um imenso galinheiro no fundo do quintal. Colocou telas e cobriu com telhas velhas, forrando o chão com palha de arroz. Não falou nada pra nós, mas no sábado chegou com umas 20 galinhas gordas. Fomos ver a nova atividade do pai. Sempre criou porcos no fundo do quintal e a gente ajuda na hora de matar. Cada um tem sua parte. Eu lavo a barrigada, limpo as tripas pra fazer linguiça e corto toucinho. O Zé ajuda a pelar e a descarnar. O Luís roda o moedor de carne pra mãe. Dia de matar porco é feriado em casa. Ninguém vai pra escola. Cedinho o pai sangra o animal e daí começa a trabalheira. Na hora do almoço, comemos bife de pernil. A casa fica com um cheiro adocicado de carne fresca. Mas isso não impede que a gente coma bastante carne porque depois a serviçada é grande. Fritar o toucinho no tacho pra tirar a gordura, preparar a carne da linguiça, salgar o couro. Trabalhamos o dia todo, comendo torresmo ainda quente e malfrito com limão e sal.

Mas galinha a gente nunca criou. O Zé pergunta se vamos começar a criar galinha. E o pai responde não, isto aqui é pra vocês venderem. Sei que não adianta dizer que não vou vender porra nenhuma. No mesmo dia à tarde, estou com duas galinhas penduradas em cada mão e saio pela cidade. É o prato pra acompanhar a macarronada do domingo. Os sitiantes vão trazer galinhas todos os sábados.

Na primeira vez, vendo umas seis galinhas e gosto do lucro. O pai tira o que ele pagou e dá o resto pra gente. Com o dinheiro vou ao matinê. Nas casas onde vendemos uma vez já reservam pra outra semana mais uma galinha caipira. E depois de algum tempo é só oferecer pra esses clientes. O Luís é novamente o campeão de vendas, mas o pai está contente com todos. E acho melhor vender galinhas, porque só precisamos sair no sábado à tarde, durante a semana quase ninguém vai querer. Os que querem vão procurar em casa e daí é o pai que vende e nós não temos lucro.

Saio desviando das casas onde moram as meninas e os meninos de minha sala, mas num sábado alguns me veem. Não conseguem falar nada porque pego uma outra rua, tomando rumo diferente.

Na segunda, como o professor Toniquinho tem que sair da sala, pede pra eu

passar um texto no quadro. Falo que minha letra é feia, mas ele insiste. Como é um privilégio, disputado pelos melhores alunos, não posso recusar, mesmo sabendo que sem o professor é mais difícil ficar na frente da turma.

Enquanto escrevo ouço as gracinhas.

— Olha a galinha!

— Que pena, muitas penas.

— Esse texto aí é sobre galinhas?

— Quem vende galinha é galinheiro ou galinhão?

Estou de costas pra turma, escrevendo no quadro, e sinto um corpo esbarrar no meu. Giro rapidamente sobre o pé esquerdo e solto todo o meu peso num murro que acerta a boca do Roberto, o autor das gracinhas. O Roberto é maior do que eu, mas fica sem ação e logo saio da sala. Depois vejo que os meninos correm com ele pra secretaria, deixando no corredor um rasto de sangue.

Em dois tempos a orientadora está atrás de mim, me leva pra uma sala isolada e diz que cortei muito o lábio do Roberto, ele foi pro hospital, que vou ser suspenso, que vão cobrar a conta do hospital de meu pai, que sou um péssimo aluno...

O professor Neli entra na sala perguntando o que eu fiz. A orientadora conta meu crime terrível, merecedor de uma punição à altura. Não me defendo, apenas fico quieto, segurando com a mão esquerda a outra mão — a agressora está doendo um pouco. Ele deve ter sido provocado, é um aluno quieto, diz o Neli, prometendo à secretária que vai falar com meu pai (me pisca o olho). Depois me ergue pelos cabelos, como sempre faz com a gente, e me manda embora. Mas a orientadora não deixa, exige que me sente e diz pelo menos um castigo ele vai levar. Vá pra biblioteca e faça uma pesquisa sobre moral e cívica. Amanhã quero esta pesquisa aqui comigo, se não trouxer não assiste a nenhuma aula.

No fundo do corredor fica a biblioteca, uma sala grande cheia de estantes assustadoras. Peço os livros de moral e cívica e começo a trabalhar, copiando. Escrevo olhando todos aqueles livros, seria possível alguém ler tudo? Em casa só tem uma bíblia, que a mãe lê antes de dormir, e os livros que usamos na escola, de onde copio poemas. Tudo tem um cheiro de papel velho, que me agrada, e um silêncio protetor.

No outro dia pela manhã, volto pra terminar a pesquisa e me perco no meio dos livros. A velha responsável pela ordem está atrás de mim, perguntando o que quero. Estou apenas dando uma olhada. Não sei o que quero ler. Os juvenis estão nas estantes da entrada, me diz. Não sei o que são livros juvenis, mas não quero que ninguém me diga onde posso encontrar as coisas. Quero descobrir por minha própria conta. E fico andando por entre as estantes. Tiro um livro da prateleira, olho a ilustração, espio o que está escrito na capa, leio um trecho e deixo no mesmo lugar.

Passo bastante tempo olhando, sem me decidir por nada. Daí pego um volume de poemas de um autor chamado Cruz e Sousa e leio: foi criado por pais adotivos, era negro, perdeu a mulher e os filhos com tuberculose e morreu da mesma doença. Não entendo muita coisa do que estou lendo, mas existe algo que me encanta. As palavras difíceis me deixam um tanto atrapalhado, mas prossigo a leitura, pulando um poema ou outro, escolhendo pela primeira frase. Descubro que é bom ficar com a cara metida dentro do livro, mas logo canso e volto pra casa, com a pesquisa pronta.

Todos os dias vou à biblioteca, falando pra mãe que tenho que estudar. O pai fica intrigado, porque nenhum dos outros filhos precisa ir tanto à escola fora do horário. Manda o Zé Carlos me sondar e ele vê que estou mesmo passando as manhãs na biblioteca e sempre sozinho, com um livro nas mãos. Pra disfarçar, levo meus cadernos e uma caneta, mesmo que não anote nada. O que iriam pensar de um menino de 13 anos trancado na biblioteca? Este lugar só serve pra pesquisa e eu tenho que fingir que estou pesquisando. Leio trechos de um ou outro livro, mas não levo nenhum até o fim. Gosto mais de me deter nos poemas por serem curtos. É uma leitura tumultuada, mas prazerosa.

Nas férias de julho, não posso dizer que há trabalho escolar e o pai quer que a gente ajude na máquina de arroz, fazendo limpeza, costurando saco, pesando os produtos (arroz, feijão, amendoim, milho, pipoca, cebola, batata) que ele vende no varejo. Sempre estou com um livro na mão, retiro da biblioteca, e fico num canto. Quem atende os fregueses é o Luís, só trabalho quando o pai briga. Daí deixo o livro sobre a caixa em que me sento e faço rapidamente o que ele pede, pra poder voltar à leitura.

A mãe acha que assim vou estragar os olhos, o pai acha que tudo não passa de um plano pra não trabalhar. Este rapazinho não presta pra nada mesmo.

Batismo

Quem tem condições sai pra continuar o estudo fora da cidade. Muitos estão indo pra Curitiba, mas pra frequentar os bons colégios da capital é preciso uma coisa que não tenho. Os que, como eu, não podem pagar escolas decentes procuram os seminários. O Sérgio e o Júlio já estão no Verbo Divino, em Ponta Grossa, e voltam contando que há uma biblioteca muito, mas muito boa mesmo. Começo a imaginar o colégio como um paraíso: em lugar das árvores, livros; dos rios, mais livros; dos pássaros, mais livros ainda. Não sei bem como é a vida no seminário, mas sei o que é a leitura, então imploro pra mãe me mandar pra lá. O Zé Carlos já decidiu, vai ficar trabalhando com o pai, não quer estudar, porque agora o pai tem bastante terra e precisa de quem cuide das plantações. Eu não quero nem saber de lavoura, quero os livros e um emprego qualquer que não seja de vendedor. Ficar alguns anos no seminário, até conseguir arranjar uma profissão, é a melhor coisa que pode acontecer comigo.

Todo mundo em casa estranha que eu queira ir pro seminário, você não tem vocação pra padre. Não vou explicar que o que pretendo é apenas continuar estudando e sair de perto da família do padrasto, que me sufoca cada vez mais. Eles sempre me olham com raiva, como se eu estivesse roubando a comida deles. Ir pra Ponta Grossa seria me libertar da casa paterna e de seu poder. Mas digo pra mãe que estou, sim, pensando em ser padre.

— O teu pai odiava os padres.

— O pai também detestava a lavoura.

O padrasto conta uma história na cerealista pra eu escutar. Uma mãe chega pro padre da cidade e fala que gostaria muito que o filho seguisse a carreira religiosa. O padre pergunta por quê. Ela diz que o filho não gosta de trabalhar, não serve pra nada. Então, só pode ser padre. Todos riem da história e eu também.

Durante o mês de dezembro, quando é a formatura do ginásio, o pai e a mãe discutem o que fazer comigo. O pai não quer que eu tenha vida fácil, devo trabalhar e estudar. Fala que daqui pra frente eu não vou ver nem um centavo do dinheiro dele, como se até agora eu tivesse visto. A mãe chora — tudo que quer é ver os filhos formados.

— Se você não pretende dar estudo aos seus, tudo bem. Você arruma serviço pra eles. Mas não obrigue os meus a largar a escola.

As discussões são longas e não vejo como sair de casa. Em julho próximo faço 14 anos e não aguento mais a porra da vida junto com os irmãos idiotas de meu padrasto. Passo os dias em casa lendo uma coisa ou outra, até a mãe me comunicar, alegre, que vão me mandar pra um internato. Falo pra ela que não vai se arrepender, que o seminário é um bom lugar.

— Não, filho. A gente vai te mandar pro Colégio Agrícola de Campo Mourão.

— Não quero isso, mãe.

— Foi a única maneira de convencer seu pai. Ele acha que você tem que estudar e trabalhar, e lá tem muita atividade prática. Quando você voltar, pode até cuidar de um dos nossos sítios.

Sei que ou vou pra este colégio ou fico em Peabiru. O pai só joga quando é ele quem dá as cartas. Desviar o meu destino pra um colégio técnico é uma maneira de me transformar em trabalhador. Contra o estudo, a prática. Contra as leituras, o trabalho no campo. Os filhos tinham que ser trabalhadores como o pai. Não podiam aprender a ganhar a vida de outra forma, tinham que puxar ao pai, que seria sempre o mais trabalhador de todos, o que venceu por esforço, por persistência. Começou engraxate e terminou fazendeiro, sem ajuda de ninguém, sem estudo nenhum. Apenas com o segundo ano primário.

A mãe e o pai foram ver a escola e depois compraram o enxoval. O Zé Carlos também iria, porque era uma forma de aprender bem o serviço na lavoura.

É ainda madrugada. Há uma neblina que encobre tudo. Entramos no carro com as malas cheias e vamos pela rodovia. Depois de cruzar Campo Mourão, pegamos estrada de terra e passo a ver campos, matas, poeira, vacas e cavalos. A escola fica num sítio, estou indo pra um lugar que não é meu.

O pai para o carro na frente de um barracão de madeira. O alojamento. Descemos pra constatar que o chão é de cimento áspero e sujo. Um único galpão, com beliches rústicos dos dois lados, deixando um corredor estreito. Ao lado, um puxadinho de madeira onde ficam os armários. O pai nos deixa e temos que aprender a viver naquele lugar imundo.

Um rapaz forte, com tipo de soldado, me dá um cascudo e me obriga a amarrar a botina dele. Quando agacho, me empurra com o pé e me esparramo no chão.

— Que é isso, calouro? Tá fraco, ainda não tomou o café? Levante e amarre minha botina. Depois me procure que tenho uns sapatos pra você engraxar. Faça isso que você vai ser meu peixinho, calouro. Vai ser o peixinho do Leonardo. Pergunte pros outros quem é o Leonardo.

Percebo que juntou uma pequena multidão no pátio e todos riem.

— Como é o seu nome?

Digo meu nome completo e ele repete, rindo, que belo nome, parece nome de gente importante. Ergue meu rosto, segurando com a mão forte. Daqui pra frente você vai se chamar Coelho. Quando alguém perguntar seu nome, diga Coelho. Daí me mostra aos outros meninos.

— Ele não tem mesmo cara de coelho?

Um apelido agrário. Eu tinha sido batizado.

Se eu fosse um peixinho

Todos no colégio são órfãos.

Os pais estão longe, não podemos contar com os professores e com os empregados. Temos que sobreviver no meio de um jogo de poder em que fala mais alto quem pode mais. E eu posso pouco, sou pequeno e estou sendo jogado no mundo, de costas, como uma barata que não consegue se desvirar. Muitos dos alunos têm mais de 18 anos. São filhos de agricultores que começaram a estudar tarde. A maioria é gente que trabalhou na roça, com preparo físico. Eu e o Zé Carlos somos franzinos e é a primeira vez que saímos de casa.

Mas ninguém quer saber disso. Rapam nossa cabeça e me obrigam a limpar os sapatos. Apanho de todos os veteranos, que comem o meu bife no refeitório, usam meu desodorante, meu sabonete e minha pasta de dente. O que era pra um mês não dá pra três dias. Logo estou me lavando com os restos de sabonete que encontro no chão do banheiro.

Os chuveiros não têm porta e ficamos pelados na frente de todo mundo. O banho é na água fria e tenho que ser rápido, porque há sempre alguém esperando, puta que pariu, este idiota vai ficar a tarde toda lavando o rabo?

Pra dormir, espero que todos estejam deitados, senão há sempre um veterano acordando a gente com uma piadinha qualquer.

Depois de uns dias de puro sofrimento, sou adotado. O nome de meu protetor? Roberto Moacir. Fica decidido que serei o seu peixinho. Ninguém agora poderá judiar de mim sem a permissão de meu dono. Em troca, limpo os calçados dele, faço pequenos favores, como arrumar a cama pela manhã, pra que dona Linda, a coordenadora, encontre nosso beliche em ordem, quando faz a vistoria. Ele tirou a pessoa que estava dormindo na parte de baixo e me deu o lugar. Me ensina a amarrar os lençóis e a colcha nos pés da cama. Na hora de levantar, é só esticar que fica tudo arrumado.

As aulas são chatas. Pela manhã aprendemos a teoria e à tarde a prática. No primeiro ano trabalhamos mais na imensa horta que fica entre o banhado e o colégio. Cada um tem alguns canteiros pra cuidar: virar a terra, adubar, semear e tirar o mato. Vamos também pras plantações no campo, pra colher milho, arroz, girassol e feijão ou carregar sacos de adubo e madeiras velhas ou fazer cerca ou

cultivar o pomar. Estudantes e peões. Sei que estou no meio de gente que vai terminar o colégio pra voltar ao sítio do pai e passar o resto da vida na roça. Outros, os que não têm pais com propriedades, serão pequenos empregados, ganhando um salário mixo. Por isso aprendemos a lidar com trator e com outros implementos agrícolas, num barracão que fica ao lado do colégio, a cuidar de galinhas, porcos e vacas.

Quando o Roberto Moacir não está por perto, todo mundo me bate e tenho que ficar em silêncio. É a regra. Lavamos os pratos dos mais velhos, damos a vez na fila do refeitório, o lugar nos bancos do pátio. Somos sempre os últimos em tudo. Não se pode ter opinião sobre nada, apenas concordar.

De noite, deito virado pro lado onde imagino ficar nossa casa e choro quietinho, com saudades da mãe. Mas que ninguém saiba, senão serei motivo de gracinhas.

Na primeira vez que volto pra casa, saio do colégio com uma imensa mala preta. Todos se divertem com o calouro e seu trambolho, que se atrapalha ao entrar no ônibus. Dentro vai uma meia dúzia de roupas. Os demais portam pequenas mochilas, mas eu arrasto a mala preta de napa, onde tinha trazido todas as minhas coisas.

Apesar de vazia, ela pesa. Carrego de volta uns restos de infância junto com umas poucas peças amarrotadas e sujas.

Imemorial

É noite alta. Todos estão dormindo e alguém me acorda com um toque nos ombros. Apenas coloco o sapato, tinha dormido de roupa, e já estou do lado de fora do alojamento. Somos uns dez. Ninguém fala nada, já havíamos planejado tudo durante o dia. São apenas vultos que se movimentam pela estradinha que leva aos aviários. Nenhum pio, porque vamos passar perto da morada do caseiro.

Me recuso a entrar. Fico do lado de fora, vigiando. Logo uma galinha já morta está em minhas mãos. Sapica é mestre na arte de estrangular galinhas sem fazer barulho. Continuamos em silêncio, de volta pela mesma estrada. Antes alguém resolve pegar um coelho, que segue vivo por não ser dado a escândalos.

Contornado o colégio, tomamos uma trilha no meio do banhado, pra chegar, do outro lado, em terras que já não são do colégio, a um riozinho.

O Geni tinha ido na frente fazer a fogueira, e quando o encontramos já estava meio bêbado, mas com o fogo pronto. Sapica limpa as galinhas rapidamente, arrancando o couro, com pena e tudo. Tira a barrigada, que joga no rio, onde em seguida lava a carcaça. Salgamos, enfiando a peça inteira num espeto de vara verde, e o primeiro galeto já vai pro fogo. Enquanto Sapica limpa o resto — ninguém tem a habilidade dele —, sentamos no chão, em volta das chamas. A garrafa de pinga quente corre de mão em mão, todos bebemos no gargalo, esperando a carne assar.

A noite é escura e há muitas árvores na barranca do rio. Está quente, e alguns, já bêbados, inventam de tomar banho. Ficam pelados e se jogam na água. Eu não quero, tenho medo de rios — mesmo que não tenham mais de um metro e meio de profundidade. Mas somos um grupo, e logo todos, menos eu, estão molhados. Sapica limpa a última galinha dentro dágua, jogando os restos na corredeira. Se não aceitar o jogo sei que vou ser conduzido a ele, e forçado será pior. Entro, também nu, na parte mais rasa, recusando pular de um trampolim improvisado. Os amigos estão todos alegres, uma nova garrafa de pinga correndo pelas mãos frias. Do rio vejo algumas estrelas e a imagem do fogo brilhando não muito longe. Sem roupa, numa noite escura, árvores em torno de nós, o corpo metido dentro dágua, o cheiro de carne no ar. Primitivos, penso, somos primitivos, perdidos numa era qualquer, antes de existirem as cidades, os

costumes. Não sabemos direito quem somos, quem são nossos pais. É a minha vez de virar a garrafa de pinga e ergo a cabeça, vendo as sombras de uma nuvem escorrendo pelo céu, na mesma velocidade em que as águas descem, passando por meu corpo. A palavra que me vem à cabeça é imemorial. E grito imemorial pra turma, depois de sorver um longo gole de pinga. Ninguém sabe direito o que significa imemorial, estou com os piores alunos do colégio, com os que não estudam. Mas todos repetem imemorial, como se fosse um elogio pra pinga. Depois, quando alguém toma um gole, grita imemorial e passa a garrafa pro próximo.

De dentro do rio, desta massa móvel que nos leva sem nos tirar do lugar, que lambe nossos sexos encolhidos, sinto uma liberdade que nunca antes tinha sentido. Eu não pertenço à minha família, nem ao colégio, nem à cidade, nem ao meu tempo. Eu sou um pedaço de matéria boiando na água, que me carrega pra longe, como tinha acontecido com as cabeças das galinhas que o Sapica atirara na correnteza. Não pertencemos a nada, somos os primitivos, vivendo numa selva igual à de milênios atrás. Do outro lado do pântano é o colégio, é a cidade, são as obrigações e os veteranos que nos escravizam sem pena nem dó. Deste lado, no centro do rio, estamos desprotegidos de tudo, mas também livres de todos. Assim, descubro que quanto maior a proteção, maior será a opressão. Eu tinha que ser primitivo, largar o seio da família, beber até não me sentir mais dentro de mim, dentro de minha história, ser primitivo é não ter história, é não ter memória.

Não sei quem foi o primeiro que subiu nas árvores da margem e começou a pular na água. O barulho é como a percussão de um tambor rouco. Havia música de repente, e eu me encanto. Um bando de macacos perdidos na história da evolução do homem. Cada um quer inventar um pulo diferente. Quando se pula de pé o barulho é agudo, fino. Quando um dos primatas cai de bunda, pernas e braços pro ar, o som engrossa. De barriga, com direito a machucar as virilhas, o barulho parece gordo, fechado. A alternância destes pulos cria um som estranho, de tambores. E como fundo musical, a água caindo numa pequena cachoeira mais à frente. Eu grito primatas. Eles pensam que é um grito de guerra. Cada um antes de pular grita primatas. A garrafa de pinga fica comigo, único que não pula. Quando estão saindo da água, tomam um gole e me devolvem o frasco.

Olho pra fogueira acesa e vejo um vulto grande mexendo na carne. De costas pra nós, arcado sobre o fogo, é o macaco. Saio correndo, amarrado pela água, e o macaco foge e se senta numa laje perto da margem. Todos ficam em volta do Bubela e vamos atacando a galinha assada que está na mão dele. Tiro uma coxa. Está sem sal, Sapica não deve ter salgado direito. O gosto é adocicado e com pinga fica bom. Carne sem sal, fogo, pinga, água corrente, corpo nu, mata, noite escura, um bando de macacos.

Comemos pelados, as mãos engorduradas tornando a garrafa lisa, há mais

carne no fogo, mais água no rio, mais escuridão na noite, mais lenha pras chamas. Geni foge com uma galinha inteira pra comer dentro dágua e todos seguimos a carne. Corremos contra a corredeira. Estraçalhar a carne nos dedos, rasgá-la nas unhas e depois nos dentes. Parece que as unhas cresceram, os dentes se afiaram e os cabelos estão batendo em nossos ombros.

Voltamos à fogueira, cansados, e deitamos no chão, ainda nus. De vez em quando, alguém levanta e tira mais um pedaço de galinha, que já está quase torrada, toma um gole de pinga, da quinta ou sexta garrafa, e volta a deitar.

Quando decidimos bater em retirada, descobrimos que o Bubela tinha sumido com nossas roupas, deixando-nos apenas com a última garrafa de pinga. Depois de apagar o fogo e de jogar na água os restos de carne, voltamos pela trilha, bebendo em silêncio.

Ao chegar no colégio, não entramos no alojamento. Vamos até a pocilga e soltamos todos os porcos. Abrimos as porteiras dos piquetes e espantamos vacas e cavalos. Cortamos a tela do galinheiro e logo as galinhas estão soltas. Pergunto onde existe mais algum ser preso neste colégio. Alguém fala de meus parentes, os coelhos. E faço discurso. Depois de ter comido um dos meus irmãos, cuja carne se misturara com a das galinhas, é hora de libertar os outros, pra que vivam como nós, livres.

As gaiolas dos coelhos ficam longe do chão. Vamos abrindo as portinholas e colocando os animais no meio da grama. Quando retomamos a estrada, há uma confusão de bichos em volta do colégio. As luzes já estão acesas no alojamento, e o inspetor, com uma espingarda na mão, nos encontra no caminho de volta.

Enquanto ele grita, dizendo que vai nos expulsar do colégio, que nossos pais vão pagar os prejuízos, que os porcos estão comendo a plantação de milho, que as vacas atacaram os canteiros da horta e que um dos cavalos estragou o jardim da casa do diretor, nós seguimos em frente. Nus e arrogantes. Um batalhão, um bando arruaceiro de macacos, guinchando de alegria, numa bagunça de sons e risos.

Entramos no alojamento e gritamos a todos, as portas estão abertas, vocês podem fugir. Não ficará nenhum bicho preso nesta porra de fazenda-modelo.

A uma porca, com amor (*I*)

— Senhor Miguel, o senhor é um menino estudioso, não deve se misturar a esta súcia de vadios.

O diretor, professor Africano, me trata com carinho. Faço pequenos favores a ele, e gosto de ficar em sua casa, onde há quadros, pintados por sua mulher, e muitos livros, mas todos de agronomia. Ele vai nos perdoar a bagunça da noite, mas teremos uma penalidade. Vamos limpar a pocilga por uma semana. Embora limpar pocilga seja serviço aviltante, é melhor do que suspensão.

Todas as tardes passamos lavando o chão com mangueira e vassoura e rapando os cochos. Já na primeira jornada, sozinhos nos dois galpões, fazemos rápido o serviço e vamos pro último boxe, onde existe uma imensa porca branca. O Naviraí pega a mangueira e lava bem o traseiro dela, usando até sabão. Depois abaixa as calças, endurece o pau e enfia na porca. Ela é alta, Naviraí, embora entroncado, é baixo, apenas vergando um pouco o corpo consegue a posição correta, caindo sobre ela, meio de quatro, como um macho qualquer cobrindo a fêmea. A porca fica quieta, não se mexe, sinal de que está gostando. Todo mundo grita, porque ninguém acreditou que ele tivesse coragem. Nós apostamos que ele não ia fazer aquilo, mas Naviraí foi criado no meio do mato e é capaz de tudo. Ele não só enfia como goza dentro da porca, em seguida se lava com a mangueira, expondo um sexo grande e encardido.

Depois de ganhar a aposta, passa a comer a porca nos outros dias sem que a gente o desafie. Pra mim já não tem mais graça e começo a ficar com nojo deste cara, recusando suas ofertas de algum pedaço de doce ou de um gole do refrigerante que ele toma pelo gargalo.

Fico imaginando como seria se os filhos da porca nascessem com a fuça do Naviraí, haveria de ser engraçado ver aqueles porquinhos com jeito de gente.

Agora que findou o castigo, podemos, à tarde, ficar com as duas horas livres. Entre as cinco e as sete, horários em que acabam as aulas e em que é servido o jantar, cada um faz o que quer. A maioria assiste televisão, mas não gosto de tevê e fico com os que andam pelo colégio. Num bosque perto, dorme nossa garrafa de pinga. Antes do almoço e da janta, nos perdemos no meio das árvores pra tomar um gole. Gosto também de caminhar sozinho e sempre vou até o horto pra

ver o viveiro de mudas. Esta caminhada longa me alegra. A paz do campo sem as obrigações, olhando uma planta aqui, outra lá. Há alguns bancos e muitas vezes fico sentado neles a tarde inteira, voltando já escuro pro colégio, onde não há mais janta. Daí ligo um rabo-quente numa caneca e faço chá pra acompanhar o pão que guardo no meu armário. Ou então bato uma gemada no copo grande. Duas claras de ovos. Depois de bater bastante com o garfo, acrescento a gema, o açúcar e a farinha de mandioca. É só beber.

Hoje a secretária do colégio me chamou pra ir ao rio com ela. Lembro-me de quando a vi pela primeira vez. Durante todo o primeiro ano, tínhamos um secretário. Quando saiu, contrataram uma moça de uns 25 anos. Ela chegou num fusca, com o namorado. Cabeça pequena, seios redondos e mínimos, mas bem visíveis por baixo de uma camiseta justa, quadris largos (os mais experientes concluíram na hora: largos de tanto dar), cintura fina, tudo estourando dentro de uma calça de brim azul-claro.

Fora as tias da limpeza e da cozinha, era a única mulher que passaria o dia todo no colégio.

À tarde, fazíamos ponto na frente da secretaria, no lado oposto da direção. Ela gostava de andar pelo colégio, de conhecer os locais, de aproveitar a tarde pra uma caminhada. Não tinha preferência, saía com várias pessoas. Ficávamos todos ali, esperando um convite.

Acanhado pela inexperiência no trato com as fêmeas, não me insinuo. Hoje me olha e me manda pegar uma camiseta e um calção pra ela, quer ir no rio comigo. Corro até o armário e volto com as duas peças. O grupo já se dispersou, ela fez a escolha. Havia um acerto tácito, ninguém atrapalharia o outro. O escolhido devia aproveitar. Muitas vezes conseguia apenas um passeio, outras, um beijo ou tirar os seios dela pra fora. Alguns tiveram o pau chupado. Mas ninguém ainda tinha ido até o fim, segundo as confissões.

Estamos andando pelo caminho no meio do banhado. Há flores em volta da trilha, o mato está verde e Olga me fala que prefere permanecer no colégio a voltar pra cidade, onde tem mãe e noivo. Por isso venho de carro, pra poder ficar até mais tarde. Os quero-queros passam gritando sobre nós. Eles dizem as mesmas coisas que meus olhos, minhas mãos suadas, meu sexo meio intumescido: quero-quero-quero-quero-quero. Olga fala da época em que estudou, dos serviços que teve e da vontade de ser professora pra viver no meio da juventude. É tão bom ficar no meio de jovens, Coelho. É como se não houvesse mais nada além da juventude. Nunca quero sair deste emprego. Quero-quero-quero-quero-quero. Os passarinhos continuam gritando pelos ares. Sinto o cheiro úmido do banhado, uma umidade doce, que torna grudentas as minhas mãos. Olga tem cheiro de alguma erva, provavelmente do xampu que usa. Os cabelos são curtos, o rosto pequeno e delicado. A mão que segura a minha na

hora de passar pela pinguela sobre o rio é pequena e meiga, como um filhote de passarinho. E cabe na minha mão, que também não é grande. Depois da pinguela, continuamos de mãos dadas, segurando firme, embora não haja mais, da parte dela, medo de cair. O caminho é estreito, margeado por árvores. Ouço, além do rio, o meu sangue correr, querendo escapar, procurando uma saída, engrossando as veias em minha mão, em meu pescoço. Tudo parece que quer se arrebentar dentro de mim, por isso quase não falo. Olga segue me contando coisas. Tenho 15 anos; ela, 25. Nunca beijei uma mulher.

Quando chegamos ao tanque pra banho, o mesmo onde fizemos nosso churrasco, recebo um beijo de leve na boca e ela pede que me vire pro rio enquanto se troca. Quando diz pode olhar agora, me viro e ainda a vejo terminando de colocar a camiseta branca que eu lhe emprestara. O meu calção fica largo pra mim, mas nela está apertado. O quadril é grande, muito grande mesmo, mas as pernas são finas e brancas. Olga é puro leite, e isso me deixa alegre, principalmente porque quase não há pelo em suas coxas, duas coxas redondas, carnudas, sem marcas, apenas a pele branca. Os pés são pequenos e tenho vontade de segurá-los, um em cada mão. Olga se aproxima e pede pra eu tirar a minha camiseta. Sinto vergonha de meus peitos gordos, sem músculo, e dos mamilos avantajados. Mas quando dispo a camiseta, eles estão arrepiados e rijos. Olga passa a mão por eles, sentindo que é ali que mora minha timidez. Depois do carinho, me solto e entramos juntos, de mãos dadas, na água. Ela diz que não quer molhar o cabelo e apenas andamos pelo rio raso. Fico do lado de baixo, pra onde correm as águas, e ela sobe um pouco, parando em seguida. Me olha enquanto contrai um pouco a face, corpo rijo, e vejo algumas bolhas surgirem em volta de seu corpo. Mergulho em sua direção, me banhando inteiro em sua urina misturada à água. Quando me levanto, embarro a cabeça em sua vagina, e ela me afunda de novo. Engulo um pouco de água e mordo, sob o calção, o seu sexo carnudo e saliente. Volto à superfície pra receber um beijo na boca.

Estou batizado.

Olga tem o corpo molhado apenas até acima do umbigo. Com as mãos começo a jogar água nela, ouvindo seus gritinhos de prazer e frio. Logo a camiseta branca está transparente e vejo dois mamilos arrepiados. Seguro seus seios e eles me parecem também filhotes de passarinho, esperando a comida que a mãe vai trazer no bico. Olga se solta e corre em câmara lenta pela água, vou atrás dela e a seguro por trás, pela cintura. Desço a mão pelos quadris e me encosto em sua bunda. Ela se vira e meu sexo, sob o calção, se encaixa entre suas coxas, rijo. Nos beijamos demoradamente. Depois, ela olha o céu e diz, veja, está escurecendo, temos que ir embora. Sussurro, não, só mais um pouco. E ela, é melhor não fazer tudo de uma vez, haverá outras oportunidades.

Saímos de mãos dadas. Ela fica na pedra perto do rio, tira a camiseta e me

dá. Os seios continuam pedindo a comida que levo em meu bico. Ela coloca o sutiã, me tirando a boca de um dos seios, e depois uma blusa. Quando abaixa o calção, vejo apenas uma pequena parte de seus pelos, porque a blusa cobre quase tudo. Peço pra beijar e ela se recusa. Então passo a mão na penugem macia e pouca, enquanto ela se equilibra em uma única perna, colocando a calcinha. Antes que vista as calças, consigo beijar o seu sexo, tocando com os lábios um tecido preto, que me separa do paraíso.

Voltamos quietos, já envoltos em alguma sombra. Ela segura minha mão, que agora parece menor, bem menor do que a dela. O sol, atrás da montanha, ainda está ardendo, vermelho. E é triste o canto dos passarinhos, que se perdem no escuro do bosque, desconsolados: quero-quero-quero-quero-quero.

A uma porca, com amor (*II*)

Toda tarde de plantão na frente da secretaria. O dia só serve pra anteceder este momento em que os machos, assanhados pelo cheiro de fêmea, se sentam na calçada ou em uma das pedras em frente da pequena porta. Lá dentro, dominando sozinha um mundo de papéis e corações solitários, a fêmea se prepara pra sair e fazer sua escolha, sem nenhum método, sem nenhum sentimento, sem nenhuma preferência. Podia ser qualquer um. Pros não escolhidos, apenas o cheiro de sexo no ar. Por isso ficamos sempre mais alguns minutos depois que ela se perde por uma das várias estradas do colégio. Só nos retiramos quando não resta o menor indício de passagem daquela vagina odorífica. Olga, como um todo, cheira a sexo. Um cheiro adocicado que alguns confundem com o das flores. Sei disso porque beijei sua corola, me tornando uma borboleta enlouquecida por seu invisível pólen.

Durante todo este mês não fui escolhido. Tarde atrás de tarde, saio em direção do banheiro, me tranco na privada fedida, fecho os olhos com força, convoco toda a potência de minha memória, reconstituindo cada detalhe, cada fragrância, e é suave o cheiro da seiva que escorre entre meus dedos, cada vez mais sábios em seu solitário exercício.

As noites de outono são lindas. Gosto de percorrer as redondezas, sentindo o frescor da noite. Conheço as árvores, as plantas, e fico vagando horas enquanto os demais amigos estão vendo tevê. Quase não estudo nestas horas, o colégio não exige muito e se não fossem as aulas de matemática eu não teria preocupações maiores.

O professor de português foi embora e entrou no lugar dele uma mulher alta e de seios fartos. Deve ter 40 anos e gosta de chamar a atenção. Maria Lúcia leciona apenas pra mim e pro Canarinho, os que gostam de português; os outros alunos da sala nada querem saber da língua. Mas gostam da professora, nunca faltam às aulas, ficam em silêncio, embora muitos disputem as últimas carteiras, que em outros momentos estão invariavelmente vazias. Sento na frente, como sempre aconteceu desde que entrei na escola. Até então, ninguém tinha falado em literatura pra mim, o outro professor de português mandava ler tal livro e eu simplesmente lia. Mandava decorar um poema, eu decorava. Mas conversas

sobre literatura, não. Maria Lúcia conta pra gente o que está lendo. Na última aula, me trouxe um livro, *Fogo morto*, de José Lins do Rego, que estou lendo com calma, nos intervalos. Ando com ele nas mãos e sempre que posso leio um trecho. A professora não é bonita como Olga, mas tem também um cheiro bom. Levo o livro até o meu nariz e percebo, junto com o mofo, algum perfume difuso. Provavelmente da bolsa em que veio. Sento sob o poste que há em frente ao colégio e passo uma ou duas horas lendo, depois caminho um pouco e já estou pronto pra dormir. No dia seguinte terei que estudar plantas, construções agrícolas, matemática, física. Tudo o que não me agrada. Com o livro que a professora me emprestou posso agora encher as horas que gastava lutando contra o colégio que queria tornar-me técnico agrícola. No início do internato, eu tinha ido ao quartinho ao lado da oficina dos tratores pra procurar alguma coisa pra ler. É lá a biblioteca. Um único balcão, todo bagunçado, no meio de apetrechos de mecânica. Ninguém usa a biblioteca, por isso o abandono. Procurei alguma coisa de literatura, mas não havia nada além de livros de agronomia, didática, zootecnia e outros do gênero. Nunca mais voltei ao quarto dos livros. Nunca mais li algo interessante, até que a professora começou a me emprestar seus volumes.

Estou andando com *Fogo morto* na mão, já li uma boa parte. É hora de fazer uma ronda pelo colégio, respirar a brisa fresca e entrar purificado no alojamento. Gostaria muito de fumar, mas não gosto de cigarro. Seria um motivo pra ficar distraído aqui fora, olhando a noite, ouvindo o canto dos pássaros, observando o voo suicida dos insetos em torno da lâmpada. Como não fumo, já andam dizendo que estou apaixonado, mas não estou. É apenas a nostalgia de uma amizade que não tenho. Parece que não consigo um amigo real, apenas colegas. Me sinto distante do grupo, animal arredio andando pelas margens.

O que me chama a atenção é o fusca de Olga encostado, até estas horas, na frente da secretaria. Ela geralmente vai embora mais cedo. Deve ter sido chamada pelo professor Africano pra resolver algum problema.

Gosto de ficar perto da horta, onde não há árvores e é bastante iluminado. Num dos cantos há um depósito de ferramentas e um pequeno pátio onde me sento pra olhar a noite. Vou até lá. A lua impera absoluta, tornando possível distinguir o vermelho do rabanete arrebentando a terra fofa. Contorno o depósito, mas antes de chegar ao pátio vejo Olga nua no chão, sobre um cobertor. O Naviraí está em cima dela, neste exato momento levantando-se com o sexo duro. Ela se agacha e abocanha toda a cabeça do pau dele, onde a luz da lua deixa um brilho viscoso.

As aulas de português me livram do colégio. Ao ler um texto qualquer, deixo tudo pra trás e entro num outro tempo, num outro mundo, como se eu não fizesse parte desta realidade pobre de um internato onde nos preparamos para uma profissãozinha ordinária. Só há um dicionário, grosso e de capa preta, em todo o

colégio e fica na sala do Africano. Agora vou sempre lá com o Canarinho, resolver dúvidas, decifrar alguma palavra nova. O Africano, assim, fica me achando estudioso. A sorte é que aqui no colégio não há estudo de gramática, apenas produção de texto e literatura. Maria Lúcia me traz mais livros e os leio em todos os lugares, participando pouco da vida porca do internato.

Pra ver se consigo emprestada uma enciclopédia do Osnildo, vou até o fundo da sala. Maria Lúcia está de saia, com as pernas levemente abertas, mostrando um túnel escuro onde se avista um pedaço de tecido branco. Só do fundo dá pra ter esta visão. Olho pra um lado e vejo o Beto com o pau na mão, disfarçando os movimentos. Atrás dele, o Roseira faz o mesmo. E Maria Lúcia talvez saiba o que está acontecendo.

Sinto um pouco de nojo de meus amigos, mas logo noto que também estou excitado. Não quero ficar de fora. Volto pra minha carteira e penso longamente nos peitos da professora, olho bem seus lábios enquanto ela fala algo, sem prestar atenção nas palavras mas acompanhando os movimentos, o abrir e o fechar, o bico. São lábios bonitos. E me deixam com muito tesão. Assim passo a aula toda. O Beto e o Roseira já devem ter se aliviado, sujando a carteira ou o chão. Eu continuo encruado.

No fim da aula, forma-se uma pequena roda em volta da professora que, em pé, anota alguns pedidos. Outros alunos também estão querendo livro. Chego por trás e encosto, com cuidado, meu pau em sua bunda. Só depois de atender a todos é que ela se mexe, virando-se pra mim e perguntando o que quero. Um livro de poemas, respondo calmamente. Ela se abaixa pra tomar nota, dizendo que vai me trazer um do Drummond, e a sua bunda volta a pressionar meu sexo que, assustado, se lambuza todo.

O capital

Já não sou mais calouro, mas no segundo ano a gente ainda não tem direito de dar trote. Só no terceiro. Tenho bastante tempo, vou lendo os livros na solidão da escola depois que acabam as atividades. As salas à noite estão sempre vazias, as tardes são longas e luminosas. Não sei da vida do Zé Carlos. Ele tem os amigos dele, as ocupações dele, o pai dele. Eu tenho meus amigos e meus pequenos prazeres, como ficar sentado num tronco de árvore com um livro na mão até minha bunda doer e minhas costas pedirem uma posição mais confortável. Sinto-me sempre sozinho. Cada vez vou menos pra casa nos fins de semana, inventando tarefas que não existem. A mãe sofre, mas não tenho como enfrentar a família do padrasto.

A comida no colégio é ruim, a cama também, mas há sossego, quase não converso com ninguém, e livros não faltam, livros bons. Tenho sorte, a professora gosta de exibir as pernas pra sala e de exibir os livros a alguns de nós. Enquanto a maioria só aproveita as pernas, eu fico com os dois. Leio um livro atrás do outro e muitas vezes sonho com as pernas da professora.

Mas agora são as férias de fim de ano e eu tenho que ficar dois meses e meio em casa. Recolho todas as minhas coisas, encho duas malas e volto pra perto da família. O Zé Carlos veio dois dias antes e já está na propriedade do tio dele pra trabalhar na colheita do algodão. O Luís ajuda na cerealista.

No segundo dia de férias já estou na biblioteca, lendo o tempo todo. A mãe reclama que não fico com ela, mas como aguentar o grande chato com sua mania de arrumar serviço? Limpar as carrocerias dos caminhões que descarregam, entregar sacos de arroz numa velha bicicleta de carga, atender o balcão, costurar sacaria. O Luís faz tudo isso pro pai, eu fico com os livros, muitas vezes em casa, passando a tarde toda fechado na sala de visitas, que ninguém usa.

No Natal, ganho da mãe uma pequena vitrola vermelha, dessas bem ordinárias, e alguns discos, que passo a ouvir quando não estou lendo. O padrasto entra desligando a vitrola e me chamando de vagabundo, ainda vou ter o gosto de ver você trabalhando de boia-fria. Eu pego as memórias de Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão; memórias e confissões (Sob as ordens de mamãe)*, e

vou pro fundo do quintal, desfrutar da sombra fresca e generosa da mangueira. Como no colégio, é do lado de fora que encontro meu lugar, onde a opressão é menor.

Nos finais de semana, saio um pouco na cidade, mas não há nem sinal de amigos. Os meninos ricos que conhecia só estão preocupados com carros, com motos, com os sucessos musicais do momento, e esses assuntos não me dizem nada. Os pobres já estão trabalhando e a diversão pra eles é ir na zona, correr atrás de bola nos campeonatos de fazenda, jogar truco. De modo que o sentimento de orfandade que sempre me marcou vai se estendendo por todos os lados. Não me reconheço na família, nem no colégio e nem na cidade. Isso me empurra, cada vez mais, a buscar o meu domínio, o meu território, que não sei ainda bem qual é. Leio pra tentar descobrir meu lugar nisso tudo, nesse troço estranho que chamam de vida. Tenho depressões longas, não achando sentido em nada. Ainda continuo tomando remédio pra me acalmar, pra me salvar de minhas dúvidas. A mãe receita frequentar a igreja, mas não gosto nem um pouco da igreja, onde também me sinto órfão.

Há dias que desço até o cemitério pra ver o túmulo de meu pai. Tudo que havia de grande e perfeito na minha vida, aquilo que a justificaria, está enterrado ali e não posso resgatar nem uma imagem mais completa dele. Sobrou apenas uma foto, reproduzida na cabeceira do túmulo.

As férias estão passando assim, entre um livro e outro. Leio também *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, descobrindo o meu país e a nossa América. E um livro sobre Fidel Castro. São leituras mais ou menos inocentes, de quem está desbravando um caminho novo. Deixaram-me quieto com os livros, principalmente porque lendo me acalmo, não perturbo minha mãe nem meu padrasto, e no fim todo mundo lucra com isso, porque não dou despesa, os livros são da biblioteca.

Numa manhã de janeiro, sou acordado às seis horas, o padrasto diz que acabou a vadiagem, daqui pra frente vou ter que trabalhar e ele nem sabe se vai me deixar voltar ao colégio pra fazer o terceiro ano. Se o Zé Carlos está na roça, você também deve ir pra lá. E nunca mais vai ver aqueles livros comunistas que encontrei na mesa da sala. Em vez de estudar alguma coisa séria, fica se sujando com essas leituras.

Me colocou no carro e me levou pro sítio de um dos irmãos dele, o tio Jorge, onde se faz a colheita do algodão. Vou ter que ficar morando na tulha, junto com Zé Carlos, e trabalhar como os primos, alguns mais novos do que eu, mas todos sem estudar. Começo a colher algodão, um saco amarrado na cintura. Fico por último, todos vão na frente. Não tenho intimidade com a tarefa. Ao enfiar os dedos no meio da maçã já aberta, espeto-os nas pétalas de casca, endurecidas e pontudas. Logo meus dedos estão machucados e as costas queimando de tanto ficar agachado. Colho muito pouco e todo mundo se diverte. O Zé Carlos é

menor do que eu mas trabalha numa rapidez que me assusta. Se tiver que viver deste serviço desgraçado passarei fome.

Quando chega o almoço, vejo que passarei fome de qualquer jeito. A comida que nos mandam é um arroz empapado, sem sal, com feijão e abóbora. Comida porca, malfeita. Engulo algumas colheradas e tomo um caneco de água. Não sei como a tia consegue ser pior do que as cozinheiras do colégio.

Deixo a marmita num canto e saio pra aproveitar a meia hora de descanso do almoço. Quando vejo que já estou distante do grupo, pego uma trilha e tomo o rumo da estrada. Volto a pé pra cidade, pensando que se for pra trabalhar na lavoura daquele jeito é melhor fugir de casa. As novas leituras tinham me colocado ideias diferentes na cabeça. Eu estava sendo explorado. Com o dinheiro da herança, que era meu por direito, o padrasto tinha comprado terra pra ele, não me dava nem um centavo, apenas a mensalidade baixa do colégio, e ainda me obrigava a trabalhar de graça pros parentes dele. Tudo pra me educar, pra me preparar pra vida. Assim, o que estava dito no livro de Eduardo Galeano servia pra mim. Estava sendo explorado, devia fazer a revolução. Eu já tinha pensado várias vezes em matar o meu padrasto, principalmente no dia em que vi minha mãe internada por causa da briga que tive com ele, mas agora percebo que ele não é apenas o usurpador do lugar do pai, é também o assaltante que toma o que é meu.

Quando chego em casa, a mãe começa a chorar porque sabe que o marido dela ficará bravo. Procuro os livros e não encontro nenhum. O seu pai devolveu pra biblioteca e proibiu você de pegar emprestados mais livros.

À noite, ele me chama de vagabundo.

— Não é isto, Sebastião, é que ele não gosta do serviço da roça. Arrume alguma coisa pra ele na cerealista e você vai ver que é diferente.

Daí minha mãe olha pra mim, implorando pra que eu concorde. Não é mesmo, filho? Digo sim, o que mais poderia dizer diante dos olhos brilhantes da mãe, esbugalhados a ponto de explodir em lágrimas?

No dia seguinte estou na cerealista. Primeira tarefa: varrer todo o pátio. Faço a faxina, organizo sacarias e logo começam a chegar os caminhões, camionetas e carroças com produtos dos sítios. Como sou mais velho do que o Luís, ele fica atendendo fregueses e tenho que ajudar a descarregar, junto com os irmãos solteiros do padrasto. Todo mundo se prepara pra mais um fracasso do grande malandro, que logo irá pra casa e não voltará mais.

Carrego os sacos até a balança, peso, retiro e coloco ao lado. Os braços se arranham contra a sacaria grosseira e tenho que fazer esforço pra caminhar com o peso dos volumes. Mas não desisto. A mesma quantidade que os tios carregam eu também dou conta. Depois somo as pesagens e levo, com o nome do cliente, pro escritório, onde o pai faz o pagamento. Primeira ordem do pai: nunca diminuir um grama do peso real. Que aquela gente que está vendendo arroz,

milho, feijão, amendoim é sofrida. Começo a perceber que o pai respeita demais os trabalhadores da roça e não dá muita atenção pras pessoas da cidade, pros empregados de bancos que vivem no escritório conversando com ele. O pai trata bem, mas logo despacha. Agora, se é um lavrador, ele sente prazer em conversar e por isso tem muitas amizades nos sítios das redondezas.

À tarde, tomo coragem e pego o primeiro saco na cabeça. Cambaleio um pouco, não tenho ainda 16 anos e não sou forte, apesar de levemente gordo. Sinto uma dor aguda na coluna, mas depois de algumas vezes mais, o corpo fica amortecido e eu já estou carregando rapidamente, como os outros.

Na hora de dormir, tenho que tomar analgésico. Mas durmo bem, sem os sonhos que geralmente me atormentam, e de madrugada já estou de pé. O pai abre a máquina às seis e meia e vou junto com ele. Ajudo a fazer a limpeza, organizo as sacarias, pra receber as primeiras mercadorias às oito, quando chega o ônibus de Silviolândia. No bagageiro vem de tudo, até galinhas. O cobrador coloca na calçada e a gente tem que puxar até a cerealista, a uns 40 metros de distância.

A máquina passa o dia todo ligada, limpando arroz, e por isso há um pó vivo dentro do armazém. Não adianta ir com roupa limpa porque logo está suja, mas eu sempre vou limpo de manhã, ao contrário dos demais. Também me recuso a trabalhar de chinelo, e quando tenho que ir ao centro entregar, de bicicleta, alguma mercadoria, tiro o pó com um pano, passo uma água no cabelo pra ficar mais apresentável.

O pai se irrita com esta mania de limpeza. E mostra os agricultores que frequentam a cerealista. Está vendo? Todos vêm sujos. E é o dia de fazer compra na cidade. A sujeira só é vergonhosa pra quem não trabalha. Você devia ter orgulho de andar sujo, isso mostra que você não é vagabundo. Trabalho não deve envergonhar ninguém.

E o pai vai ao banco ou à prefeitura ou ao cartório da mesma forma que está na cerealista. Roupas velhas e sujas, chinelas de dedo, camisa marcada de suor. Apenas lava as mãos e o rosto. Pra ele, o trabalho torna tudo nobre e não há nada mais honroso do que mostrar às pessoas as marcas do serviço.

Coisa que o pai não faz é dar ordem, ele acha que a gente tem que saber o que deve ser feito. Quando não sei, pergunto a ele e recebo uma resposta seca. A obrigação de quem trabalha é conhecer o seu serviço, e fazer tudo rapidamente. Não podemos sentar enquanto houver uma mínima coisa pra fazer. Se acabamos de descarregar um caminhão de arroz em casca e estamos exaustos, antes de tomar água é preciso varrer o local por onde passou o arroz, recolher o furador e o latão usado pra tirar amostra, organizar os pesos da balança. Só depois podemos tomar água e molhar o cabelo pra refrescar.

Na segunda semana já não sinto mais dores no corpo e faço até os serviços mais pesados, como bater saco. Tarefa cansativa porque contínua: levanto o saco

na cabeça de todos os saqueiros, repetindo sem parar o mesmo movimento.

O Luís, dois anos mais novo do que eu, fica só com serviços mais leves, vende mercadoria no varejo, faz limpeza e as entregas na cidade. Logo vejo que ele sempre tem dinheiro no bolso, paga sanduíche pra mim nos botecos e armazena doce no guarda-roupa. Começo a sondar de onde vem esta fartura e descubro que ele não passa pra gaveta o dinheiro de algumas das coisas que vende. Começo a atender também no balcão e uso a mesma técnica de enriquecer.

Consigo então algum dinheiro. E quando junto uma pequena fortuna, vou até a banca de revista e papelaria do seu Ezequiel e compro o meu primeiro livro, *O capital*, de Marx. Depois deste, começo a comprar outros, todos políticos.

Balé de vaidades

As aulas começam e estou alegre, não trabalharei mais de saqueiro com meu padrasto, que ficou surpreso com minha resistência e teve que me manter no colégio. Mas também estou entusiasmado com a nova condição de veterano pleno. É chegada a nossa vez de escravizar os calouros. Minha turma esperou dois anos, sofreu humilhações, passou uns bocados difíceis, e ninguém, nenhuma consciência política, vai me tirar o sabor de exercer o poder de nossa posição hierárquica. Somos os que têm a experiência, os que sofreram a perseguição, é nosso dever dar continuidade ao trote.

Esperamos a saída da primeira manhã de aula dos calouros. Somos uma turma de menos de 30 alunos, e a primeira surpresa: a de neófitos tem quase 50. Quando eles se misturam conosco, percebo que são também maiores do que nós. Com exceção do Drácula, do Pierre Gambá, do Naviraí, do Roseira e do Roselini, somos todos tigueras, anões no meio de titãs.

Nunca o destino foi tão perverso com os veteranos, percebo. Sofremos todas as provações fiados na conquista de um poder que não teremos. Como uma turma pode ser tão fraca e pequena assim e outra, a dos calouros, mais jovens do que nós, tão forte? Havia uma inversão da pirâmide e era como se voltássemos ao primeiro ano. Um negro alto já deu dois ou três chutes em um de nós e isso serviu pra que perdêssemos o entusiasmo. O trote foi pacífico, apenas rapamos a cabeça de alguns, os demais prometeram cortar no barbeiro.

Ninguém teve, como tivemos, que matar formiga a grito ou brincar de peru bêbado ou subir na caixa-d'água pra gritar a todos eu sou um filho da puta que gosta de dar o rabo. Na hora do almoço, como veteranos, alguns dos nossos tentaram furar a fila e os calouros já barraram, apoiados pelos do segundo ano.

— Se quiserem comer, vão pro fim da fila.

O Geni se irritou, gritou alto, falou, mas pegou o prato e foi pro fim. Os demais fizeram a mesma coisa, e com isso se instalava uma pequena revolução. Quem tem a vez na hierarquia não tem o poder, e este poder não é mais exercido em nome de um grupo, mas isoladamente — quem manda é o mais forte, seja ele do primeiro, do segundo ou do terceiro ano. Esta revolução me transforma novamente em calouro e já prevejo todos os problemas de sobrevivência que

terei.

À noite, alguns veteranos resolvem reconquistar o prestígio perdido. Todos estão dormindo, o inspetor já fez sua ronda e se recolheu. Os veteranos recrutam alguns calouros, apenas os mais fracos, e os obrigam a se ajoelhar em volta de uma cama, onde Naviraí está deitado. Segundo os organizadores do trote, o Naviraí está morrendo e precisa de alguns voluntários pra rezar pra alma dele e pra fazer com que morra logo. São uns dez calouros ajoelhados no escuro, alguém então acende uma vela na cabeceira da cama, descobrindo o corpo do doente, que está nu, de pau duro. Começa o ritual: cada um dos voluntários deve segurar firme no membro do doente e rezar um pai-nosso inteiro. Não pode olhar pra baixo ou fechar os olhos, tem que encarar com fé o pau do veterano e, se possível, fazer uns movimentos consoladores, pra ver se ele entrega logo a alma a Deus, liberando os outros voluntários deste serviço de caridade. Um por um, os calouros vão segurando a vela pulsante e proferindo palavras da salvação. Nos últimos, a vela se umedece e o pavio se apaga. Todos agora podem dormir beatificados, o herói está morto.

No meio das aulas da manhã seguinte, o professor Africano vem até a nossa sala. Pede pro professor de matemática sair e começa um longo sermão sobre respeito humano e molestamento sexual.

Todos vão receber suspensão de uma semana e terão que assinar um ato de desagravo.

O professor Africano sempre foi uma pessoa muito engraçada, não só por ser português, mas por ter um estranho código de valores. Tudo pra ele era sempre de uma fidalguia impossível no Brasil. Queria que agíssemos como cavalheiros. Pertencente à classe aristocrática de Portugal, foi pra Angola no papel de Secretário da Agricultura. Viveu anos na África, onde fez fortuna, perdida durante o movimento de libertação da colônia portuguesa. Viver no Brasil era uma maneira de continuar sendo um representante da metrópole na colônia, apesar de ser mentalmente indiferente à nossa realidade.

Negociamos que ele deveria apurar os responsáveis, que não eram muitos, e liberar o resto da turma da punição. Não, ninguém vai delatar os culpados. É a direção que deve descobrir os nomes.

Na hora, Africano chama o primeiro da lista e leva pra sala do primeiro ano. Todos, isoladamente. Temos que ficar alguns minutos na frente dos calouros, como criminosos. O professor pergunta este gajo estava envolvido na patifaria de ontem à noite? Caso a resposta seja sim, o veterano vai direto pra secretaria; caso seja não, fica liberado.

Esta humilhação foi a prova definitiva de que os tempos são outros e de que não haveria mais nenhum espaço pra trotes. Qualquer coisa seria levada à direção. Somos uma turma traída. Nos submeteram a situações de exploração com a promessa de que, em dois anos, seríamos os exploradores, e de repente as

circunstâncias mudam.

Aproveito a falta do que fazer pra retomar minhas leituras e pra participar das discussões políticas junto com as entidades de representação do ensino secundário. Por intermédio do Canarinho, mais politizado do que eu, acabo integrando a chapa vencedora pra direção da União Mourãoense de Estudantes Secundários (UMES). A política se torna nosso grande assunto, temos que buscar representação, unir as forças. Uma de nossas lutas é pelo término da construção dos novos prédios do Colégio Agrícola. Conversamos com o prefeito, falamos com deputados e vereadores. Não dá mais pra continuar vivendo no imenso barracão de madeira e assistindo aula em salas que antes tinham sido a sede do matadouro municipal. (Sim, o colégio tinha sido antes um matadouro. E, no final das contas, continuam os sacrifícios animais.)

Quase não participamos mais das aulas, porque sempre há uma coisa pra fazer na cidade e conseguimos dispensa facilmente. Canarinho também gosta de ler, mas discute mais do que medita e isso já está me irritando.

Percebo rapidamente que a política requer uma disponibilidade pra conversa fiada que não pode se conciliar com a leitura. A política exige convivência em grupo, busca de novos aliados, palestras demoradas e debates mais demorados ainda. Eu fico muitas vezes exausto de tanto bate-boca, mas sei que faz parte da coisa. O pior é que quase nada é resolvido, tudo ficando pra uma próxima reunião, pra um próximo congresso, onde todos irão falar longamente, cada um discordando do que for proposto. Fazer política é empurrar a ação pro futuro, é fugir da ação. É também não aceitar o outro e tentar impor-se a qualquer custo. Todo mundo quer ser a estrela, o centro das atenções, e isso cansa.

A leitura, não. Fico horas em silêncio acompanhando o que acontece em um romance, lendo poemas, aceitando ser o influenciado. Posso fechar quando cansado, retomar outro dia, não preciso ouvir a bulha dos oportunistas. E no final há sempre um saldo positivo. Aprendo algo, me emociono, saio um ser humano melhor. Na leitura, não há espaço pra vaidade e, de lambuja, a gente ainda ganha o hábito de refletir. Na política, só se aprende a discutir. E quem discute só consegue ver o problema fora de si, como se fosse o dono absoluto da verdade. Quem reflete, pelo contrário, descobre-se errado. Durante o mergulho num livro, assumimos as vilezas dos personagens e aprendemos a reconhecer nossas limitações, nossos erros. Durante o discurso num encontro político, temos que nos mostrar convictos de que defendemos a coisa certa pra transmitir esta confiança ao outro que queremos convencer.

Vou percebendo, depois de alguns meses de atuação na militância estudantil, que não tenho nada a ver com tudo isso. Que o meu lugar não é entre o povo, mas atrás de um livro, sozinho com minhas sombras. Apesar da desilusão, aceito ir ao congresso em Salto do Lontra. Serão cinco dias de debates enfadonhos, mas

é uma oportunidade de conhecer mais o Paraná. Há só um problema: não tenho dinheiro pra viagem — problema resolvido quando reclamo pro Ceguinho. Ele roubara um cheque do pai e imediatamente me passa a metade do valor.

Estamos na cidade pra esperar o ônibus que sairá à meia-noite. O Ceguinho vai conosco, prefiro ficar com ele pelos bares a me reunir com os grandes chatos que discutem, na sede da UMES, as estratégias pro congresso. Ceguinho também gosta de beber. E em cada bar tomamos duas cervejas. Começamos na parte de baixo da Avenida Capitão Índio Bandeira e vamos subindo até chegar à saída pra Peabiru. Temos que ingerir o álcool rápido e não podemos comer nada, porque isso poderia pôr a perder a gincana: percorrer etilicamente a avenida, conhecendo todos os seus bares abertos, no ritmo de uma cerveja por pessoa em cada um deles. Quando atingimos a rodoviária, mais ou menos o meio do percurso, já não adianta mais apenas ir ao banheiro. Depois de nossa cota no boteco mais sórdido da estação, vamos até o jardim e vomitamos demoradamente na grama, como dois deuses puros. Lavamos o rosto e a cabeça numa torneira da praça, deixando a água fria escorrer pela roupa. E em instantes estamos prontos pra retomar a viagem pelos bares da avenida. Ceguinho gosta de virar o copo em um só gole. Dou conta do meu em dois. Quando o dinheiro dele acaba, começa a gastar o que tinha me emprestado. Bebemos já sem sentir o gosto da cerveja e sem nenhum prazer. Mas não aguentamos chegar ao fim da avenida e, vencidos, sem força pra andar e sem tempo, já é quase meia-noite, tomamos um táxi pra alcançar o ônibus com os chatos.

Pago o taxista e fico apenas com uns miúdos no bolso. O que era pra durar cinco dias durou pouco mais de cinco horas. Quando estamos entrando bêbados no ônibus, digo alto pro Ceguinho:

— Sabe o que penso da política?

— Não me interessa a merda que você pensa sobre qualquer coisa.

— O que penso da política é o seguinte: comprei, com minhas economias, um volume capa dura de *O capital*, do Marx, e nunca consegui ler, é muito chato, teria sido melhor gastar o meu dinheiro com um livro de poemas eróticos.

— Seria melhor, seu sacana, gastar com uma revistinha pornográfica ou com cerveja.

Recebo uma pancada no ouvido direito, não consigo ver de quem, porque está escuro, e, no meio da confusão, quase caio sobre o Ceguinho. O ônibus arranca, jogando-nos no assoalho do corredor, como dois sacos de merda, sem força pra parar de pé.

Ainda bem que estamos perto do banheiro, me diz o Ceguinho, se arrastando de quatro pra porta, levantando-se um pouco e vomitando no vaso. Ele sai e já entro pra também me aliviar. Há duas poltronas vazias no fundo do ônibus, mas preferimos ficar sentados no chão, a porta do banheiro aberta, por ser mais fácil

alcançar a privada.

Longas são as discussões e todo mundo quer usar a palavra neste balé de vaidades. Permaneço sentado com meu grupo, voto com ele, não discuto com ninguém nem mesmo as questões mais polêmicas. Estou realmente de ressaca, mas de ressaca política. Bebi pouco deste uísque, mas como é uísque falsificado, ele me deixou com dor de cabeça e náusea.

No terceiro dia vem uma nova leva de estudantes de Campo Mourão, eles trabalham e só conseguiram dispensa pra ficar na sexta e no fim de semana. É aí que conheço Elisa, uma loira magra, olhos grandes e verdes, mais alta do que eu. Também não está interessada em política e ficamos andando pela cidade, ou sentados no ônibus ou conversando na parte de fora do ginásio de esportes onde está acontecendo o congresso. Andamos de mãos dadas e nos beijamos com carinho. Ela é mais velha do que eu cinco anos e me trata como uma babá agradando seu nenê. Gosta de pegar em meu rosto, ainda sem nenhum fio de barba, apesar de eu ter quase 17 anos. Sei que é experiente, já deve ter tido vários namorados, ido pra cama com eles, mas não me sinto constrangido. Ela, por suas atitudes, também sabe que sou inexperiente e está tudo bem, cada um com sua história, uma mais rica de fatos, outra mais rica de vazios. Vamos devagar em nosso processo de descoberta. Não tenho pressa em conseguir tirar de uma vez de Elisa o que só o tempo vai me dar integralmente.

Ceguinho quase não sai do alojamento. Com o resto do dinheiro que tinha ficado comigo ele toma algumas doses de pinga nos botecos da cidade e depois dorme. Não suporta os encontros e somos vistos como mau exemplo. Ele, abúlico e alcoolizado. Eu, com Elisa pela cidade, ela me pagando sorvete ou sanduíche nos botecos. Em cidade pequena é gostoso ficar sentado na praça numa manhã de sol, ainda mais quando ninguém nos conhece. Invariavelmente de mãos dadas, devolvo a Elisa uma adolescência perdida e ela me agradece com beijos tímidos. Em nenhum momento tento avançar sobre seu corpo. Pela primeira vez, o corpo é algo secundário em meu contato com o sexo oposto. Quero antes definir o sabor do beijo, a extensão do sorriso, a consistência da pele de sua mão, de seu rosto. É assim que descubro que Elisa tem um hálito de manhã, e digo isso pra ela, que me pergunta como é um hálito de manhã?

— É um sabor de fruta de vez.

— Que sabor é esse?

— É igual ao de uma flor recém-aberta.

— Mas a flor não é pra ser comida.

— É exatamente isso, temos que esperar pelo fruto.

— Você é louco.

E rimos juntos, enquanto percebo ter dito algo bonito, que me deixou mais perto dela do que se já tivesse avançado com minhas mãos sobre seus seios. Ah,

Elisa não usa roupas justas e o seu corpo é uma deliciosa incógnita. Não sei se os seus seios são pequenas peras ou melões maduros, mas quando recosto a cabeça em seu ombro, sinto uma fragrância cítrica, refrescante.

Elisa me conta que está estudando pra fazer Direito. Quer ser advogada. Fico imaginando como ela daria uma bela advogada. Digo que a maioria dos escritores brasileiros fez Direito e que tudo indica que, pra ser escritor, é necessário fazer este curso. Ela pergunta se eu quero ser escritor e fico em silêncio, sem saber o que dizer.

Estamos caminhando de volta pro alojamento. É sábado à tarde e amanhã será a última assembleia, quando votaremos um documento que será encaminhado a Curitiba. Até este instante participamos de pouca coisa, mas amanhã teremos que ficar no congresso pra votar. É então nossa última oportunidade de percorrer a cidade e isso torna tudo nostálgico. Elisa quer saber se pretendo ser escritor, porque sou tímido como um filhote de lagarto e falo coisas malucas, mas bonitas. Sinto todo o carinho em sua pergunta, mas é difícil responder. Nunca tinha pensado em ser escritor, embora já tivesse cometido muitos poemas. O que é ser escritor? É viver do que se escreve? Nunca vi anúncio de emprego pra escritor: Procura-se escritor pra escrever poemas sobre o Dia dos Pais. Mas e se o escritor não tiver pai? Pior ainda, e se o escritor tiver apenas padrasto? Eu não conseguiria conquistar a vaga. Fico pensando nestas coisas sem sentido mas não vou falar nisso pra Elisa, ela pode achar que estou louco mesmo. Respondo pra ela que gostaria de ser advogado.

— Poderíamos estudar juntos, não é?

Digo sim e que, quem sabe, depois de fazer o curso de Direito eu não pudesse me transformar em escritor.

— E o que você escreveria?

— Este é o problema, pra ser escritor eu tenho que ter algum assunto. O José Lins do Rego falou sobre o fim dos engenhos de cana-de-açúcar. O Graciliano Ramos, sobre a seca. O Drummond escreve sobre o seu passado em Minas. Eu não vou poder ser escritor enquanto não tiver também um assunto.

— Você ainda não viveu o bastante pra achar o seu assunto.

— Então a gente só pode ser escritor depois de ficar velho?

— Acho que não, mas tem que viver mais, conhecer mais coisas.

Eu seguro o rosto de Elisa e a beijo demoradamente.

— Eu poderia começar conhecendo mais coisas em você, Elisa.

— Como o que, por exemplo?

— Como o gosto de teu suor.

E passo a ponta da língua em seu pescoço e ela se contorce toda, negando-se a esta carícia sob o pretexto de sentir cócegas.

Estou sozinho no alojamento, todos ainda participam do congresso, que hoje

vai até tarde. Ceguinho deve ter saído. E, por essa altura, quase dez horas, estará bêbado. Sento no meu colchão e começo a ler sonetos do Vinicius de Moraes. Vinicius tinha feito Direito, também vou fazer, penso enquanto paro a leitura entre um poema e outro. Sempre dou um tempo pra pensar no poema e na vida (um poema que não leve o leitor a pensar na vida não tem a menor razão de ser) e daí ponho-me a imaginar eu e Elisa na mesma faculdade, frequentando a biblioteca atrás dos livros de literatura. O curso de Direito que imagino é baseado tão somente em livros de literatura. Com certeza, não existiria profissão mais bonita. Nem mais nobre. Um curso de onde eu sairia casado com Elisa, conhecedor de todos os romances e pronto pra viver bastante e, quem sabe, um dia, tornar-me um escritor que seria lido por um adolescente qualquer de uma cidadezinha qualquer que, comovido com minhas palavras, também decidiria ser advogado e depois escritor. Era um destino bonito, nada a ver com os chatos que ficavam discutindo política, impondo-se aos outros pela força da repetição e do fingimento. Eu poderia me fazer amado nos livros e só os que tivessem algum interesse pelas mesmas coisas de que gosto iriam me tomar como uma possibilidade de modelo.

Meus planos são interrompidos por Ceguinho, que chega com uma garrafa de vinho pelo meio. Ele não fala nada, apenas me mostra algumas notas graúdas, amarrotadas. Quero saber onde ele conseguiu dinheiro. Diz ter encontrado um amigo do pai dele que lhe emprestou uma boa quantia. É mentira, Ceguinho, de quem você roubou este dinheiro?

— O que importa, Coelho? O importante é que o dinheiro está aqui, pedindo pra ser gasto por dois amigos que sabem viver. O dono dele é um babaca que só pensa em política, e neste exato segundo está lá discutindo se os estudantes devem ou não fazer uma passeata contra o governo. O dinheiro escolheu a gente, somos nós que estamos tendo a chance de gastar tudo isso em bebida.

Com a garrafa estendida pra mim, Ceguinho sorri. Tomo um longo gole sem esconder uma careta, você devia ao menos ter comprado uma coisa melhor. Ele pega a garrafa, dá uma última talagada, e espatifa o vinho no corredor do alojamento.

— Então vamos atrás das bebidas nobres, meu amigo.

Não tenho como recusar a camaradagem de Ceguinho e saímos pela noite. Há uma lanchonete aberta no centro e ele pede duas doses de uísque. Bebemos falando na idiotice que é este tipo de congresso.

Não serve pra nada, só pra gente pegar gonorreia, que estas meninas são da pior qualidade.

Digo que a Elisa é diferente e ele fica quieto, apesar de contrariado. Falo que pretendo prestar vestibular pra Direito, mesmo sabendo que Ceguinho não quer continuar estudando.

— Gente formada é sempre pervertida, vou cuidar das terras do meu pai e

nunca mais quero conviver com idiotas como estes.

Ceguinho tinha vindo por um convite meu, não era um entusiasta do movimento estudantil. E eu tinha que dar razão a ele, o movimento estudantil não tinha nada que me seduzisse. Fui tocado por uma certa melancolia e por um desejo de que tudo acabasse logo e eu pudesse voltar ao colégio, de onde sairia toda sexta-feira pra visitar Elisa e planejar o futuro. Por isso comecei a beber no mesmo ritmo de meu companheiro. Foram várias doses de uísque, antes de fecharem a lanchonete.

No caminho de volta, encontramos um grupo de nossa cidade. Tínhamos comprado uma garrafa de uísque e passamos pro grupo, do qual faziam parte algumas meninas. Bebendo no gargalo, eu pegava a garrafa depois de uma das jovens, uma morena baixinha, nem bonita nem feia. E sempre vinha no bico da garrafa o gosto de seu batom. Um gosto forte de fruta passada, talvez morango.

Na porta do alojamento, formaram-se quatro casais, o resto foi dormir. Daí alguém lembrou que poderíamos fazer um piquenique. A noite estava linda e perto do alojamento havia uma praça com um gramado acolhedor.

— Mas o que vamos comer?

— E quem quer comer? Temos uma garrafa de uísque e é isso que importa. Depois, com esta lua, não é necessário nem bebida.

Cada um busca um lençol e vamos pra praça, forrando a grama e formando um círculo em torno do uísque. Eles falam do resultado positivo do congresso, da união dos estudantes pra uma sociedade melhor, que o mundo só será bom quando nossa geração, enfim livre da ditadura, conseguir subir aos postos políticos do país.

— E pensar que há dois ou três anos atrás não poderíamos estar participando de um congresso desse, nem ficar à vontade nesta praça. Depois de uma vida inteira vivida debaixo da ditadura, estamos finalmente livres e unidos pra organizar as classes operárias.

Não entendo como o Ceguinho, tão irreverente, está aguentando este papo todo. Tenho vontade de vomitar e vou me erguer pra procurar uma moita qualquer. Quando me viro, vejo que, ao meu lado, o Ceguinho está embolado com sua parceira. Me levanto e vou até uma árvore, onde com dificuldade mijo. De volta, me sento quase em cima da morena do batom com sabor de morango velho e começo a beijá-la. A garrafa continua fazendo o seu rodízio, os babacas falando de política. Quando o uísque acaba, cada casal pega os seus lençóis e vai pra um canto, dormir. Escolhemos ficar ao lado de uma moita de primaveras. Sobre o meu lençol deitamos e com o dela nos cobrimos. Logo estamos nus e os corpos se roçam e se ligam com ardência. Estou de posse daquele corpo sem ter trocado mais do que meia dúzia de palavras com a menina, sem sequer saber o seu nome. Assim que nos saciamos, ela desce até minhas virilhas e trabalha sabiamente com os lábios. Em seguida voltamos a nos unir e quando beijo os

lábios dela me vem um hálito escuro, que sabe a fruta excessivamente madura.

No outro dia de manhã, vamos direto ao ginásio. Depois de uma noite ao relento estamos bastante amarrotados. Ilma se cola ao meu corpo como se fôssemos namorados. Elisa nos vê chegando abraçados e não faz o menor gesto, nem de espanto, nem de raiva. Era como se nunca tivéssemos trocado mais do que algumas palavras. Ilma é a vencedora, levou o pequeno prêmio, uma virgindade tardia. Percebo que há um pacto entre os participantes destes congressos. Em cada evento, os casais se agrupam da melhor forma possível, sem nenhuma cobrança, sem nenhuma expectativa de continuidade. Tudo vale só pra aquele momento. Penso, uma metáfora pro jogo político.

Fico o dia todo com Ilma, participamos do passeio coletivo pela cidade, em despedida. No ônibus, não encontro Elisa. Pergunto ao Canarinho e ele diz que teve que ir mais cedo e, por isso, tomou um ônibus de carreira. A viagem será tranquila.

Mal o ônibus toma a estrada e já escurece. Não quero saber mais da paisagem lá fora. Quero agora reconhecer os seios em que meus lábios pousaram, o sexo que esteve em minha mão e onde eu, inteiro, estive. Durante todo o dia tentei conhecer melhor Ilma, descobrir como era o seu rosto, avaliar o volume de seus seios, o tamanho de seus pés e de suas mãos. Passei o dia estudando com os olhos aquele novo território onde eu tinha me perdido durante a noite toda. Queria dominá-lo, guardar na memória cada centímetro de pele percorrido. Vou avaliando tudo pelo tato, numa expedição de reconhecimento que toma tempo. Depois de algumas horas, durmo, desbravador entregue à praia da exaustão.

No fundo do sono, há vozes, risos, pequenos gritos de prazer, como se uma festa estivesse acontecendo. O lugar é apertado, tudo está mais ou menos escuro, mas no centro há um corpo luminoso de mulher, um corpo exibindo a sua nudez e mãos passando por ele, vejo mãos de homens, peludas, mas também mãos delicadas, que podem ser de crianças ou de mulheres. A primeira coisa que aparece são os pés, pés grandes e magros, que dançam. Depois as pernas redondas e o sexo escuro, fartamente peludo. Um sexo que se mexe sobre mãos que o tocam. A cintura não é fina e o umbigo, profundo. Há um caminho de pelos que o liga ao púbis e este caminho se contorce numa dança do ventre. Os seios fartos têm aréolas escuras e amplas. A mulher está completa, só falta revelar o seu rosto. Tudo isso acontece em câmara lenta, reservando pro final a face da dançarina nua. Então vejo o rosto de Elisa. Um rosto de anjo, sem malícia, colado a um corpo de cobra, o inverso de tudo que eu pudesse imaginar. É uma Elisa meio demoníaca que dança nua.

Acordo com os gritos no ônibus. Todo mundo está batendo palmas e enxergo, bem na frente de meu banco, Ilma dançando nua, num *show* de *strip-tease*. Alguém com uma lanterna ilumina o seu corpo e ela passa de um canto do

ônibus ao outro — é o grande centro do palanque improvisado e quer exibir-se. Todos estão de joelhos sobre as poltronas e acompanham o movimento da dançarina, alisando sua nudez quando passa por perto. Todos pegam onde querem, nos seios, nas pernas, no sexo. As meninas também passam a mão, mais por farra. Fico olhando a mulher com quem dormi e descubro que tem a bunda chata.

Mulheres de bunda chata são sempre mesquinhas.

O senhor diretor

O colégio vira refúgio. Não precisar voltar pra casa, nem ter uma profissão, nem trabalhar na lavoura. No colégio, estou protegido pela condição de estudante. Livre da sociedade, livre de outros papéis. Muitos ficam meses sem ir pra casa e isso cria dois grupos dentro do internato, os que mantêm vínculos familiares e os que rompem com estes vínculos. Eu faço parte do segundo, porque ir pra casa é ter que ajudar o padrasto, é arranjar discussão com os irmãos dele, é fazer a mãe sofrer. Vou ficando e aproveito os fins de semana pra ler todos os livros de literatura que consigo pegar emprestados. Nas quartas-feiras à tarde, que são livres, vou até a biblioteca pública de Campo Mourão e me abasteço pra semana; depois, com os trocadinhos que recebo de casa, passo na lanchonete do Supermercado Iguaçu, na Avenida Capitão Índio Bandeira, pra comer pão com maionese esquentado na chapa. Com *catchup* ele se torna um falso sanduíche, prato predileto dos alunos pobres do colégio.

Na lanchonete mesmo começo a ler, continuando a leitura ao longo da pequena viagem de ônibus até o colégio. Se perguntam por que motivo leio tanto, respondo que estou me preparando pro curso de Direito.

Quando entrar na faculdade, já quero ter lido a maioria dos livros de literatura.

Agora sei que não posso mais contar com Elisa, não estudaremos nem faremos nada juntos, mas não quero saber de outro curso. Leio em algum lugar que o anel do advogado é uma distinção social. Num país agrícola como o Brasil, o portador do anel está simbolizando que não põe a mão na massa, que não é trabalhador. A mão do bacharel deve ser preservada. Descubro que é isto que quero, não pretendo ser confundido com os parentes do padrasto, todos com mãos ásperas.

No terceiro ano, a gente pouco trabalha no colégio e, por isso, está sendo o melhor período do internato. Estou sempre com um livro na mão, converso apenas com os meninos mais inteligentes, que também têm pretensões de fazer faculdade. Canarinho já decidiu que vai cursar Letras, embora leia bem menos do que eu. Ele provavelmente não lê literatura porque literatura é uma disciplina do curso de Direito e no colégio eu sou o único que quer fazer Direito, por isso

passo horas perdido entre as páginas de algum romance, principalmente agora que descobri os autores de outros países, todos com nomes difíceis, que não consigo pronunciar.

Se tivesse algum dinheiro iria até à universidade pra ver quais são os livros recomendados. Mas como não posso, vou lendo todos, livros de poemas, de contos, de crônicas e romances. Cada vez estudo menos as disciplinas do curso de técnicas agrícolas e estou me esforçando pra aprender um pouco de matemática, de física e de química, apesar de ser péssimo aluno.

Em casa, num fim de semana, falo pro pai que pretendo fazer faculdade de Direito, e ele grita comigo, só se você sair de casa e arrumar emprego. E depois nunca mais voltar.

— Nada que o senhor diga vai me impedir de continuar estudando.

— Eu sei por que quer fazer Direito, pra tirar tudo que tenho, pra roubar as coisas que consegui com trabalho. Enquanto você está estudando, eu e meus irmãos estamos dando duro aqui. Depois vem o doutorzinho e prova que é o dono de tudo, que a herança era do avô e ninguém vai querer saber os anos que trabalhamos que nem escravos.

A mãe começa a chorar e eu vou pro quarto, um livro de Rubem Fonseca na mão. Olho as informações sobre o autor, também advogado.

No colégio, fico em paz, posso ler sossegado sem ouvir as reclamações do padrasto, por isso detesto minha casa. Se ele não me deixar estudar, vou morar com a vó Carmen em Londrina, arrumo emprego e faço o curso. Não posso é me preocupar com estas coisas, tenho que estudar e são tantos os livros de literatura!

A vida no colégio, com o fim do poder dos veteranos, dos raquíticos veteranos, sobre os corpulentos calouros, ganhou certa tranquilidade. Os grupos já não têm tanto poder e cada um se vira como pode dentro de um campo cheio de tensões. Não foi possível transmitir as malvadezas que sofri e sei que só me resta conviver com elas, aceitar que estava predestinado a guardar estes rancores comigo ao longo de toda a vida. Leio isso nos livros, personagens que carregam velhice afora as perversidades sofridas na infância e na adolescência.

O discurso do professor Africano é que todos possuem direitos e deveres iguais. Muito bem, pra mim está OK, me fodi no primeiro ano, apanhei até dos mais fracos e agora mudam as regras do jogo. Mas, tudo bem. Daqui pra frente não haverá mais isso e não me importo de fazer parte da geração sacaneada. Nasci e cresci durante a ditadura, sofri a maldade dos alunos mais velhos aqui no colégio, mas os que vierem não passarão pelos mesmos problemas. A gente pensa que não, mas isso reconforta. É como ser o sacrificado pra que não haja mais sacrifícios em vão.

Só que o que o professor Africano prega nem ele cumpre. Quem fica aqui nos fins de semana vê que protege um calouro, uma espécie de primeira-dama

da escola. Quando chega alguém importante, o Africano leva o seu imenso mascote, um negro de quase dois metros, retinto, que apelidamos de Jabuticaba. Os mais maldosos dizem que deve haver algo por trás disso, pois o Jabuticaba passa todo fim de semana na casa do diretor. Mas sei que não se trata de perversão, o pai do Jabuticaba é um rico fazendeiro e sempre vem ao colégio nos domingos e daí almoça com o diretor. Além do mais, quem morou tantos anos na África tem uma certa predileção por conviver com negros, é uma forma de reviver os tempos em que teve poder em Angola. E o Jabuticaba parece um príncipe africano de tão educado — ninguém é rico à toa, mesmo que seja um filho adotivo, porque os pais dele são brancos.

Enquanto o Jabuticaba só contava com a proteção doméstica do diretor estava tudo bem. Mas a merda é que acabou se transformando em uma espécie de líder aqui no colégio. Manda nos calouros e nos veteranos, não respeita fila, não entrega os trabalhos e sempre tira notas altas. Nenhum professor exige nada dele, passa a maior parte do tempo deitado no alojamento, enquanto os outros da turma são obrigados, como nós também fomos, a trabalhar no campo, na horta e na pocilga.

As coisas não podem continuar assim. Temos ainda uma luta pra marcar nossa saída do colégio. Reorganizamos o nosso grupo estudantil, enfraquecido com a chegada do fim do ano, quando todo mundo está mais preocupado com a formatura, com o rumo que vai dar à vida. Descobrimos que há uma última tarefa, que vai nos devolver o prestígio de veteranos. Não podemos vencer pela força os privilégios reais conquistados pelo príncipe negro, mas é possível fazer um movimento coletivo e pressionar através dos instrumentos democráticos. Falamos com várias pessoas e logo temos uma lista de adesão, com nomes até de alguns calouros. O colégio se revolta contra as mordomias de sua majestade, o Jabuticaba.

Numa assembleia, decidimos que eu e o Canarinho seremos os porta-vozes dos rebeldes. Primeiro, uma negociação com o coordenador do colégio, também negro, o Geraldo, que era veterano quando entramos aqui. Geraldo é atencioso, ouve com serenidade.

Falo, exaltado, que estamos sendo traídos. E daí enfeito um pouco, com ares de político. Pior ainda, Geraldo, é a democracia que está sendo traída. O coordenador pede calma, não podemos tratar as coisas assim e é melhor que não levemos o abaixo-assinado pra direção da Faculdade de Campo Mourão (entidade que mantém o colégio). Ele está disposto a ouvir as reclamações e depois tentar uma saída interna. O professor Africano sempre foi bom com vocês. Ele não deve ter percebido que sua amizade com o Jabuticaba está criando privilégios.

Reunimos então uma pequena assembleia pra noite. O Geraldo vai ouvir as reclamações pra nos representar junto ao diretor. Todos querem falar e

organizamos as coisas. Cada um conta uma história e aparecem vários abusos por parte do calouro. Ele obriga os amigos da mesma classe a fazer as suas tarefas e a passar cola nas provas. Há escalas entre os calouros pra lavar o prato e os talheres do príncipe, pra arrumar a sua cama e engraxar os seus sapatos. Na sua mesa de refeitório, tem o direito de comer a mistura de quem ele quiser, por isso há revezamentos.

Eu não me contenho e digo que tudo isso foi gerado pela proteção que o diretor deu a ele, levando-o pra almoçar em casa, andando de carro com ele pra cima e pra baixo, recebendo-o longamente no gabinete. O poder que adquiriu com esta proximidade com o diretor é que faz dele um explorador. O responsável pela situação é, portanto, o diretor.

Canarinho também acusa o Africano, e o coordenador diz que falará em nosso nome com ele. Que as coisas não ficarão mais desta forma e que ninguém pode ter privilégio dentro do colégio, porque todos aqui são filhos.

Eu digo, todos aqui são órfãos, o único filho é o Jabuticaba.

A turma aplaude e o coordenador se retira. Estamos felizes, muito felizes, mostramos que não aceitaríamos mais uma injustiça destas. Volto pro alojamento como se fosse uma espécie de herói, e esta é uma sensação nova. Diminuímos a injustiça do mundo, e como é bom usar a palavra pra esse fim e não apenas pra preencher os cadernos escolares. Quando eu for escritor quero usar a palavra pra aliviar os homens da exploração. Não pretendo ser político, mas como escritor posso escrever contra as injustiças. Durmo pensando que gostaria de ser Jorge Amado. É que estou lendo alguns livros dele. Este é outro que também fez Direito.

No meio da aula, no dia seguinte, eu e o Canarinho somos chamados pelo coordenador. Os chefes da rebelião vão receber as notícias e voltarão vitoriosos. Faço uma gracinha qualquer e todos riem. E é rindo que entramos na sala do Geraldo, que nos recebe sem ao menos nos cumprimentar. Olhando pra mesa onde estão alguns papéis, ele comunica que seremos suspensos por desordem e desacato à autoridade. Geraldo não nos encara, apenas diz que temos que entender que quem manda no colégio são eles e que não será permitida nenhuma manifestação do tipo da de ontem. Além disso, toda a turma do terceiro ano será advertida e qualquer reclamação dará motivos pra uma suspensão coletiva. Não se esqueçam que estamos próximos das provas. A turma inteira poderá ficar sem fazer as provas do quarto bimestre.

Tentamos argumentar e ele diz, é só. Apenas o Miguel deve responder a um questionário que o professor Africano vai colocar em edital na hora do intervalo. Deve copiar e enviar as respostas pra direção. O professor não quer falar com ninguém.

Decido que não devo voltar pra sala, junto com o Canarinho. Que ele dê a notícia de nosso fracasso. Vou até o banheiro e, assim que entro, percebo que

alguém também entrou e está trancando a porta. Não preciso me virar, enquanto mijo, pra saber que é o Jabuticaba que está me segurando pelo pescoço e me prensando contra a parede. A mão negra e imensa me vira e depois me atira no chão. Estou com as calças nos pés. Ele olha pro meu pau e ri. Depois abre a braguilha de sua calça e tira uma mangueira enorme e negra, mais negra do que o resto do corpo. E eu que achava que não existia nada mais negro do que o seu rosto. O Jabuticaba mija apenas um pouquinho. Vem pro meu lado com o pau na mão. Não fala nada, apenas chacoalha a mangueira descomunal, espirrando uns pingos de urina em mim. Ele quer que eu olhe pro seu sexo e faço o gosto dele.

Quando o negro sai do banheiro, rindo de mim, me levanto e arrumo as calças, amedrontado pela advertência. Eu não seria páreo pra ele, estava vencido e como vencido tinha que ir copiar as perguntas do diretor no edital do colégio, onde todos os alunos veriam minha derrota.

EDITAL n.º 45/82

1. *O que o Sr. Miguel tem a ver com a vida particular do diretor?*
2. *O que uma pessoa faz em sua casa é de interesse de quem?*
3. *Que lei infringiu o diretor ao receber em sua casa um aluno?*
4. *Uma pessoa de cor não pode ser tratada como um cidadão comum?*
5. *Se a pessoa acusada fosse branca, haveria resistência por parte dos demais alunos quanto à amizade com o diretor?*
6. *Quais são as provas concretas de que o aluno acusado usou de prepotência?*
7. *Em que momento o diretor prejudicou algum aluno para favorecer o acusado?*
8. *O que autoriza o Sr. Miguel a falar em nome de sua turma?*
9. *O que o acusado fez contra o Sr. Miguel?*

As respostas devem ser entregues em um envelope lacrado ao diretor até, no máximo, 24 horas depois de afixado este edital. Enquanto isso, fica o Sr. Miguel Sanches Neto temporariamente proibido de assistir aula e de se ausentar do colégio.

A Direção

Todo mundo já está em volta do edital, gritando, rindo, me passando a mão na bunda, você se fodeu, hein? O Canarinho recomenda que eu escreva uma carta de desculpas, me rebaixando, pra que esta história tenha logo um fim, senão poderei perder o ano. Digo que vou pensar no assunto, mas que tudo que sei é que preciso escrever a melhor carta possível pra me defender e que eu não sabia que teria que começar tão cedo a minha carreira de escritor. Ou de advogado, não entendo bem a diferença entre os dois.

Pego minha máquina de escrever no armário, usada só pra fazer os deveres

da escola e pra passar a limpo um ou outro poema de amor, e começo a redigir a resposta. Não quero almoçar. Tenho pressa em responder às questões do filho da puta do Africano, que me faz passar por esta humilhação pública.

A primeira frase sai rápida. *Prezado diretor. Em atenção ao edital n.º 45/82, venho comunicar que deve ter havido algum mal-entendido e que, em momento algum, afirmei ou insinuei haver qualquer proteção da parte do senhor para com o aluno Edivaldo Santos*. Leio estas linhas sem nenhum erro de datilografia, eu estou ficando cada vez melhor com a máquina e nem parece que quase não consegui tirar o diploma de datilógrafo. Se continuar batendo bem assim, talvez possa me profissionalizar e viver disso, quem sabe até pagando os meus estudos. Estou alegre, vaidosamente alegre por ter escrito com rapidez e sem erro aquelas linhas, um indício de que atingi um ponto de maturidade na arte da datilografia. Levanto da mesa onde está minha Olivetti portátil, abro a janela e fico pensando quanto deve ganhar um datilógrafo. Uns dez cruzeiros por página. Começo a fazer contas. Tantas páginas por dia, tantos dias por mês, sim, é um bom salário. Dá até pra sair de casa, deixar a família e viver num quarto de pensão, rodeado de livros.

Volto pra máquina, retiro bruscamente a folha, substituindo por outra, e inicio uma datilografia difícil, dolorida, como se cada tecla fosse muito pesada e eu tivesse que fazer um esforço exagerado. A carta vai saindo cheia de erros, de borrões, e parece um lixo. Serei obrigado a bater tudo de novo várias vezes, até conseguir um mínimo de limpeza.

Depois de duas horas tenho um rascunho completo, faço a última leitura, limpando o pântano de meu estilo, melhor chamar de minha falta de estilo, e começo a datilografar num estêncil. A datilografia daí fica mais lenta, cada tecla é apertada com cuidado porque só disponho de uma folha de estêncil e não poderei errar. É quase noite quando termino. Com a folha escondida no armário e com os rascunhos queimados no pátio do dormitório, vou tomar banho e jantar. É uma sensação de conforto muito boa, esta de ter escrito durante uma tarde toda e de estar exausto. Acho até que isso vicia a gente. Trabalhar na lavoura ou na cerealista me deixava cansado, mas não me dava prazer. Ao escrever sinto um cansaço gratificante, depois a gente olha aquela página cheia e vê que tirou tudo aquilo da cabeça, não, acho que não é da cabeça que saem as palavras, elas brotam dos dedos, porque são eles que tocam as teclas, que se esfolam quando enroscam nas ferragens. É um prazer poder extrair tantas palavras da ponta dos dedos, acho que se os alunos tivessem máquinas de escrever na sala de aula eles tirariam notas melhores nas redações, porque as palavras moram nos dedos.

Depois da janta negocio minha sobremesa do resto do ano com o menor aluno do colégio, o Cem Gramas. Ele já começa comendo a gelatina que serviram hoje. Sempre faz barato o serviço pros outros, mas pra mim cobra o preço máximo. Como estou encrencado, tira toda a vantagem possível.

Vamos até a secretaria de noite. Ele penetra pela ventarola larga da janela. E, com meio corpo dentro, abre o vitrô, tirando as madeiras colocadas nos trilhos. O serviço é rápido. Logo estou dentro da secretaria e já saio com o mimeógrafo e um litro de álcool. Encostamos o vitrô pra, em seguida, ganhar o rumo do estábulo. É lá que reproduzo minha carta em várias folhas. Voltamos pra secretaria e, depois de devolvido tudo, Cem Gramas fecha o vitrô e acaba aí o serviço dele.

Espalho cópias da carta em todas as salas de aula, colo nas paredes, nas portas dos banheiros e da secretaria e encho o edital com várias folhas, deixando no meio apenas as perguntas do diretor. Agora o subversivo escritor pode dormir tranquilo até a manhã seguinte quando suas qualidades de datilógrafo serão avaliadas por todo o colégio.

Estou cansado e por isso decido ficar dormindo até tarde, mesmo porque não posso frequentar as aulas até resolver minha pendência. São quase nove da manhã quando o inspetor vem me buscar pra uma passadinha na direção.

Mas, na verdade, quem me recebe é o coordenador. Sobre sua mesa há uma pilha de folhas mimeografadas. E ao lado uma muito bem datilografada, timbre do colégio no alto da página, assinatura do diretor.

— Foi você que espalhou esta carta?

— Não está assinada?

— Está.

— E quem assinou?

— Miguel Sanches Neto.

— Se, por acaso, eu for este Miguel Sanches Neto, de vez em quando tenho dúvida quanto a isso, então podemos concluir que o autor da carta sou eu.

— Pode se divertir bastante. Aliás, você vai ter muito tempo pra diversões.

Geraldo me estende um novo edital, o de n.º 46/82, com a minha suspensão até o último dia do ano, ou seja, quase 30 dias.

— Com isso, você perde todas as provas.

— Mas não perco o direito de fazer recuperação.

Peço licença pra levar uma das cópias da carta comigo.

O coordenador me olha.

— É que, como estava escuro ontem à noite, eu ainda não vi como ficou a reprodução.

Saio da coordenação junto com o Geraldo, que está afixando o novo edital. Sento em um dos bancos, o maior silêncio no colégio, todo mundo nas salas de aula, e leio minha resposta ao professor Africano.

Prezado diretor,

Antes de mais nada, comunico que não pretendo responder ponto por

ponto às suas questões, inclusive porque a maioria delas sequer merece resposta. Mas como o senhor solicita um pronunciamento meu, redijo esta carta que vai tratar de maneira genérica o Caso Jabuticaba.

A vida particular de uma pessoa não é algo totalmente isolado da vida pública, principalmente quando estes dois espaços são confundidos. O senhor recebe constantemente em sua casa uma família que tem um filho estudando nesta escola. O aluno também frequenta a casa do senhor e isso dá a ele credenciais para ser um braço do diretor, usado contra os demais alunos.

Assim, este comportamento particular do senhor diretor interfere, sim, na vida das demais pessoas e é de interesse não só meu, mas de toda a escola. Ele cria privilégios e gera injustiças. Está, portanto, ferindo o direito de outras pessoas. E, na minha opinião, não pode e não deve continuar.

Esse negócio de discriminação dos negros é algo que realmente não entendo. Nasci e cresci em um país em que todas as raças convivem misturadas. Não há, para mim, diferença entre um negro, um japonês ou um alemão. O que há é a diferença entre a pessoa que age corretamente e a que age de forma errada. Logo, discriminação racial não é um assunto sobre o qual eu possa falar, principalmente na frente do senhor, um português que viveu anos da exploração dos negros de Angola, e que só deixou a África quando Portugal perdeu o poder. Passemos por cima deste item, portanto.

Agora, se o senhor quer saber se tenho procuração para falar em nome da minha turma, aviso que não, mas tenho um abaixo-assinado que vale muito mais. E eu não precisaria nem deste abaixo-assinado porque vivemos num país democrático, onde está assegurado o direito de questionar qualquer abuso de poder. A ditadura acabou há dois anos, senhor diretor. Sinto muito ter que ser o anunciador desta triste novidade.

Ah, mas existem ainda algumas regiões dominadas por Portugal. Quem sabe o senhor não encontre nelas o ambiente propício para exercer a opressão?

Cordialmente,

Miguel Sanches Neto

Li e reli a carta, sem achar nenhum erro de datilografia. Isso deve ter deixado o diretor ainda mais nervoso. Agora devo pensar em como contar toda a história em casa. Bem, melhor é não contar nada. Eles logo vão ficar sabendo através do Zé Carlos. Não me interessa em qual versão.

Durante a suspensão não posso ficar lendo ou estudando, tenho que prestar serviço, oito horas diárias, pro colégio. A primeira tarefa é limpar os drenos. O banhado fica logo abaixo do colégio, depois da horta. E de tempos em tempos há necessidade de fazer a limpeza das valetas. O serviço não é pesado, basta trabalhar com uma pá e com uma enxada pra ir desobstruindo o canal, que, por ser um período de seca, está quase vazio. No primeiro dia, todos vão ver o início da maior suspensão da história do colégio. Recebo umas botas de borracha, por causa das cobras, e as duas ferramentas. O Canarinho, que pegou suspensão de apenas um dia, me empresta um chapéu de palha e estou pronto pra enfrentar o meu castigo por saber datilografar bem.

Assim que acordo e tomo café, já estou no banhado, afundando os pés no barro. Almoço correndo e volto pro serviço, onde fico até começar a escurecer, momento em que está sendo servida a janta. Sujo eu janto e sujo me deito, pra, no outro dia de manhã, estar no banhado. Não trabalho muito rápido, mas num ritmo contínuo, deixando pra trás uma infinidade de montículos de terra preta, turfas, como aprendi nas aulas. A vantagem é que a turfa não é um solo pesado, por ser composto de material vegetal em decomposição. No terceiro dia recebo um aviso da direção, não adianta correr com o serviço, não serei perdoado no fim dele. Eu não quero isso, quero apenas mostrar que não tenho medo do trabalho e que sou mais resistente do que eles imaginam. Continuo lidando de sol a sol e, de vez em quando, depois das seis da tarde, vejo o diretor na varanda da casa dele, que dá de frente pro banhado. Ele está me observando e faço questão de me mostrar escravizado pra ele e pra todos os que passam pelo colégio.

No quinto dia de trabalho e sem banho, os meus companheiros me expulsam do alojamento. Pego o meu colchão e me ajeito no fim de um corredor, onde há um pequeno depósito de material de limpeza. Mas quando chego perto de alguém no refeitório, há sempre reclamação. Não tomo banho e nem troco de roupa. Na sexta-feira à noite, ao me aproximar do refeitório, um bando de alunos me pega e me leva até o tanque da horta. Um me segura pelos pés e outro pelas mãos, balançam duas vezes e me atiram na água, com roupa e tudo. Saio, pego as botas que tinham ficado no barranco, calço-as com certa dificuldade, por causa do corpo encharcado, e volto pro refeitório, molhado e mais sujo ainda, por ter me esfregado no barranco na hora de sair do tanque. As tias não querem me servir a comida porque estou fedendo.

— Mas eu acabei de tomar banho, vocês não estão vendo meus cabelos molhados?

Elas riem e me servem. Durmo úmido e isso piora ainda mais o meu aspecto na manhã seguinte, a de sábado, quando todos se arrumam pra ir à cidade ou ver os pais. Eu não posso sair, mas só preciso trabalhar até a hora do almoço. Mesmo assim, fico o dia todo limpando as valetas, mais preto do que o próprio Jabuticaba. Trabalho também no domingo, quando os filhos do diretor vêm

almoçar com ele.

É o próprio Africano que, pela primeira vez desde nosso desentendimento, vem falar comigo.

— Senhor Miguel, pare com esta pantomima. O senhor não vai comover ninguém.

— Mas não quero comover ninguém, quero apenas preencher o tempo.

O diretor sai resmungando e vejo que há mais gente na varanda da casa dele. Volto pro serviço até escurecer novamente, quando as visitas do senhor diretor vão embora.

Na semana seguinte, acabo a limpeza dos drenos e me planto na frente da sala do coordenador, esperando a próxima tarefa. Ele diz, primeiro vá tomar um banho e trocar de roupa. Só sairei daqui quando vocês definirem a próxima tarefa. Não está nem na metade de minha suspensão. O coordenador não sabe o que fazer comigo. Conversa com o responsável pela horta e não existe nenhuma atividade longa. Descobre que há necessidade de alguém pra cuidar da pocilga mas teme me dar o serviço porque daí ninguém vai suportar o meu cheiro, estou decidido a não tomar banho enquanto durar a suspensão. Se eles me levarem forçado vou resistir, e ninguém vai se arriscar a ser processado por agressão.

No dia seguinte, estou trabalhando no horto do colégio, enchendo saquinhos pro plantio de mudas. Não poderiam me arranjar serviço melhor. Fico sentado na frente de um monte de terra peneirada e já adubada, enchendo uns saquinhos de plástico. Depois carrego tudo num carrinho de mão pro viveiro. Mal tomo café, já saio pro horto, que fica no extremo norte da propriedade, que é uma grande tripa. O colégio está no extremo sul e eu tenho que andar bem uma meia hora. Depois vir almoçar e voltar pro serviço. Continuo no mesmo ritmo, mais sujo do que nunca. Ninguém sabe mais a cor de minha roupa nem a de meu corpo. Me lembro então de um personagem de *Os Lusíadas*, livro que estive lendo este ano. Trata-se de Tritão, um deus do mar, que, de tanto ficar colado ao chão marítimo, adquire uma crosta de mariscos, limos, plantas e ostras.

Eu vinha fugindo a vida inteira dos serviços agrícolas, agora era hora de assumir estes serviços, de me tornar um pedaço da terra da qual eu queria me ver longe. Eu sou um torrão fétido, uma minhoca vertebrada, vivendo no interior da terra. Olho pra minhas unhas e não consigo mais distinguir o que é unha do que é dedo. Agora ando de chinelo e os pés são da cor da terra que tenho que colocar nos saquinhos. Pra me esconder de alguém basta me estender no chão.

Já não me deixam mais entrar no refeitório. Quando chego, fecham a porta. Alguém prepara um prato e me traz. Como sentado na calçada, igual a um pequeno deus fétido, cortejado por um bando de moscas vesgas.

Trabalho até o fim do último dia de aula, quando há pouca gente na escola. Agora o meu desafio será outro, estudar pra recuperação em algumas disciplinas. Passei na maioria porque já tinha feito uma das duas avaliações

bimestrais, mas em outras fiquei pra recuperação.

Hoje é o final de meu castigo. Pego um calção limpo e coloco no corpo sujo. Com as roupas imundas, vou até a frente da casa do diretor e faço uma fogueira. É difícil acender o fogo, de tanta terra encalacrada no tecido. Tenho que usar um pano de cera que peguei no depósito onde estou dormindo. Não dá um fogo bonito, com labaredas altas, apenas uma fumacinha acanhada e fedida, por causa do pano com cera. Ninguém está aqui pra ver minha libertação. Mas percebo que há movimento atrás das cortinas da casa do diretor.

Quando o fogo acaba, há apenas um punhado de cinza. Olho aquilo com alegria, antes de ir tomar um longo e esperado banho. E vejo que tudo isto que estou vivendo não é mais do que passado, um passado do qual, mais cedo ou mais tarde, vou ter que me libertar.

Pátria minha

Você se acostuma com o peso de um saco de 60 quilos sobre a tua coluna, mesmo quando tem apenas 17 anos e uma musculatura ínfima. No início, não sente dor no pescoço, apenas no final da coluna. Mas quando para de trabalhar e o corpo esfria, é difícil até de se mexer. Se a pessoa que está soltando a carga da carroceria do caminhão for boa, ela deixa o saco escorregar sobre tua cabeça, diminuindo o impacto e te poupando de dores mais agudas. Daí é mais fácil trabalhar, o teu corpo grita menos e você até pode percorrer a distância entre o caminhão e a pilha, onde está sendo estocado o produto, sem nenhuma careta de dor, com passos largos e medidos, de quem tem experiência no assunto. Mas se o filho da puta que está no caminhão quer te sacanear, ele empurra o saco contra a tua cabeça, te obrigando a tentar segurar o fardo da melhor maneira possível, pra que não te machuque o pescoço e pra que fique razoavelmente equilibrado. O que é quase sempre impossível. Você sai com o passinho miúdo, o saco torto na cabeça, o pescoço latejando, e mal vê a hora de chegar no fim da linha e despejar aquela porra.

É verdade que depois de 20 ou 30 sacos você fica com tanta raiva que nem sente mais os incômodos do corpo, porque tudo que você quer é provar pro filho da puta que está soltando a sacaria que você não é um rapazinho de merda e que pode fazer o que qualquer um daqueles marmanjos faz. E daí você começa a aumentar o ritmo, trabalhar mais rápido só pra não parar nem um minuto, porque quando for hora de descansar a dor vai ser forte. Todos então pensam que você é trabalhador, mas na verdade você está é cagando de medo de quando tiver que conversar em silêncio com o teu corpo. Ele não vai te perdoar esta agressão, mas nesta altura de tua vida você é mesmo um fodido, tudo que você quer é mandar esta merda de corpo pra puta que pariu, se não quer aguentar o tranco então por que raios não produziu um cérebro mais inteligente, capaz de ganhar a vida de outra forma? É que, do jeito que anda, você não quer saber mais de porra nenhuma, e, além disso, o que é o corpo senão a parte que serve de Cristo pra todo vivente? Você descarrega nele a tua raiva, a tua frustração, o teu ódio contra a humanidade, a ele só resta mesmo a via-crúcis e é pra isso que o desgraçado existe, não é? Pra sofrer e depois virar pó.

Agora, pior ainda do que carregar sacaria é trabalhar com soja a granel no barracão. O caminhão entra, obstruindo o movimento do ar na porcaria do barracão, que não tem nenhuma janela. E você fica lá dentro duas, três horas puxando soja pra boca de uma rosca, que leva os grãos até a carroceria. O rodo é grande pra render, tuas mãos são pequenas porque na merda do teu código genético ficou definido que você não precisaria ter nem músculos avantajados nem mãos grandes, que você ganharia a vida, esta porra de vida, fazendo qualquer outra coisa, mas o que te sobrou foi este serviço. Daí você puxa com mais raiva o rodo, teus braços doem, as mãos já soltaram todas as bolhas possíveis, porque, por azar, e por mesquinharia do dono do armazém, o cabo do rodo é feito com madeira tirada do mato, cheia de calombos. Mas por favor não seja ingênuo, esta vida não perdoa os que acham que o pior já passou, o pior nunca passou, porque sempre haverá algo mais difícil pela frente, nem que seja apenas a morte, mas você não pense que é só a dor no corpo, o peso do rodo, o calor insuportável de um verão de 38 graus, não, meu querido, você teve sempre uma vida boa, sorte sua, eu sei, mas tente imaginar como é este troço que chamam de realidade, sei, deve ser uma incógnita pra você, não, não estou com inveja, mas até quando você vai continuar protegido em seu mundinho de faz de conta, em sua vida de rato de *shopping*? Você já reparou que nos *shoppings* a vida é bonita, não tem mendigo, não há bandidos, todo mundo se veste bem e come com gosto estas porras de sanduíches? É, devíamos lutar pra que o mundo inteiro se transformasse num *shopping*, com temperatura condicionada, com banheiros que cheiram melhor do que nossas cozinhas, com buças higiênicas, você já notou que em *shopping* todas as mulheres são desejáveis, e que nos imaginamos com aquelas buças entre nossos dentes? Ah, este o paraíso que os filósofos não puderam prever. Esta a República de Platão, não faz mal que ela se pareça com uma caverna bem equipada. Não sejamos pessimistas, estamos na melhor das sociedades, meu amigo. Tudo bem, você sabe onde quero chegar, quero te mostrar que o pior não é a dor no corpo, pra isso você vai encontrar sempre um analgésico ou um colchão macio, embora talvez ordinário. Tudo bem, isso você aguenta. É, não é tão difícil assim, você vai ver. Bolha nas mãos, ora, o que é isso, meu caro? Todo mundo tem bolha nas mãos, isso vai dificultar quando você, numa noite sem amor, quiser se saciar solitariamente, mas logo você aprende a conciliar o pequeno prazer com a dor, a vida toda não é isso? Esta porra de vida não é mais do que uma mistura de prazer e dor, de alimento e merda. Você sabe quando um alimento começa a virar merda, não sabe? É quando você o toca com os teus dentes, com a tua língua. Dali pra frente ele já é merda, já tem o sabor de merda, a consistência de merda, e o que você engole, não se assuste, sei que estou sendo escatológico, é claro, este não é um assunto pra uma pessoa de boa família como você, mas o que você engole, meu querido, na verdade, não passa de merda. Assim é a vida. Paciência, não é? Tudo que você põe na boca já

sabe a merda. E a mulher bonita que te beija nada mais é do que uma caveira adiada. Você já pensou nisso? Que você beija uma caveira, fode com uma caveira, ama uma caveira. Pois é, sei que tenho umas ideias estranhas, mas é isso, meu puro. Você é um puro e existem muitos iguais a você. Você chegou ao ponto de imaginar que o pior de tudo é a dor nos braços e nas mãos de quem trabalha enfiado num armazém sujo, durante um verão medonho, arrastando um rodo que pesa tanto quanto você. Não, vazio ele não pesa tanto assim, mas quando você arrasta um monte imenso de soja, ele pesa mais do que você. Não tinha percebido? É, você tem que olhar melhor as coisas. Por exemplo, você tem 17 anos, nenhum fio de barba na cara, isso que encanta as meninas, principalmente as mais velhas, é uma desvantagem agora. Faz calor, você ainda não tem o 1,70m que um dia alcançará e pesa 57 ou 58 quilos, não faz mal, mas carrega um saco de mais de 60. Me diga se o teu corpo não tem razão de reclamar?

Mas eu já te disse, o pior não é a dor no corpo, é a terra que você come pelos poros, pelo nariz, pela boca, pelos olhos. A soja vem cheia de terra, porque uma das pontas da plataforma das colheitadeiras acaba sempre resvalando no solo e leva pro depósito uma boa quantidade desta nossa terra vermelha. Você sabe que a terra vermelha, quando molhada, forma um barro grudento. Não, por favor, não me leve a mal, não estou querendo insinuar que você tenha andado descalço na terra, que você tenha sido pobre, sei que você é uma alteza, acostumada com a grama, o asfalto e o assoalho. Mas já deve ter lido ou visto em algum documentário o quanto a terra vermelha gruda, formando um tijolo. Pois é, são tijolos que você começa a cuspir depois de algum tempo trabalhando no barracão fechado. Lá dentro, apesar das luzes acesas e do sol das 11 horas, é uma noite vermelha e você aspira toda aquela terra e de tempo em tempo tem que assoar o nariz e cuspir o seu torrão. Mas isso não deve ser prejudicial, você está pensando. É claro, tem um nobre americano, um escritor, você já deve ter ouvido falar nele nas rodas de amizade de teu pai ou de um parente mais velho, um tal de John dos Passos, que passou algum tempo no interior do Paraná. Sabe o que ele disse? Que a terra vermelha tem um alto teor de penicilina. Então, veja só, você é um sortudo, está recebendo antibiótico de graça.

Por favor, você não acredita neste cara, neste John dos Passos, ou acredita? O teu pulmão está imundo, você está sufocado, perdendo água enquanto arrasta a porra do rodo. E ninguém para até encher o caminhão. Daí, enquanto um caminhão sai e entra o outro, você corre pro lado de fora, sente um pouco o alívio de estar a céu aberto, bebe água numa torneira imunda que fica perto do barracão, água quente, é claro, porque estamos no verão e na cerealista não existe geladeira. Por que esta cara de espanto? Mas não é que você é mesmo um privilegiado? No mínimo, deve tomar só água mineral.

Mas mesmo bebendo água, você tem a garganta pesada. Então você cospe,

imagine sete ou oito homens tossindo ou cuspindo, na verdade, no meio deles tem um mais franzino, deve estar saindo da adolescência, depois, por favor, não o culpe por ter amadurecido rápido. Imagine a cena, sete homens e um rapaz tossindo e cuspindo, e por mais que se tussa e se cuspa a terra não larga da garganta. É uma terra que cola na parede de tua garganta e ama com paixão os teus brônquios. É por isso que você passa a respirar com dificuldade, a sentir mais canseira do que os outros de tua idade, mas isto é normal. Quando acaba o serviço, você não pode descansar, porque estamos na safra da soja e há tanta coisa pra fazer. Num canto do outro barracão há algumas garrafas de pinga, você bebe junto com os saqueiros. Não, não é apenas um gole pra limpar a garganta, porque, na verdade, nem vários goles limpam a tua garganta, você logo adquire o hábito de beber continuamente. É claro que depois vão te chamar de bêbado, mas e daí? Sempre que passa pelas garrafas, dá uma bicada, porque ninguém é de ferro, não é verdade?, e você trabalhou como os homens, como os homens de mãos grandes, então você também pode beber como eles. Não venha me dizer que você está preocupado com estragar a tua saúde bebendo. Ora, não é que estamos mesmo diante de um idiota? Desculpe, mas você é muito idiota. Estragar a saúde? Primeiro, que saúde é um estado utópico, nunca, nem quando nasce, alguém é saudável. Segundo, você está com a coluna estourada e vai ter problema pelo resto da vida, você está arrebentando o teu pulmão, consumindo os músculos malformados, e agora esta preocupação com umas doses de pinga. Francamente, você não conhece o mundo dos homens, dos homens pobres, que compram a vida com o corpo.

Chega uma senhora idosa, toda curvada, e pede meio quilo de arroz quebradinho. Ela paga com o brilho dos olhos. Não, esqueça a literatura. Isso não é uma metáfora. Ela trabalhou dois dias, gastando os restos de sua visão numa casa escura, costurando roupas pros trabalhadores de sua rua. Ela compra aquele arroz com a saúde dos olhos. Cada dia, pra encher a barriga, ela vende os restinhos da visão. E logo estará cega e morrerá de fome ou será recolhida a um asilo.

Daí você atende um caboclo que trabalha numa fazenda qualquer. Ele quer comprar semente de feijão pra plantar num cantinho que o dono reservou pra ele. É um pedacinho de terra cheio de mato, numa colina que é só pedra. Plantar lá vai estragar a enxada, mas ele quer fazer a pequena safrinha. Então vem e compra uns quilos de semente de feijão. Feijão bom, pra poder nascer bem e ter preço na hora de vender. Ele compra este feijão com o restinho de gordura e músculo que queimou no cabo da enxada, trabalhando pro patrão e comendo apenas o que dá na fazenda, mandioca, abóbora, uma ou outra verdura. Carne, nem pensar, porque galinha é pra vender, e ovos também. Pois como é que vai comprar sal, açúcar, o macarrão pro domingo, os trapinhos dos seis filhos? Sim, são só seis, mas a mulher parece que já tá prenhe de novo. Pois é, o peão

compra aquela semente com a gordura e os músculos que consumiu no trabalho. Pra comer, leva as metades do feijão. Nunca viu isso? É o seguinte. O dono da cerealista tem que fazer a seleção da semente. Ele pega um saco de feijão e passa pela máquina de abanar. O feijão bom, que é mais pesado, cai na frente e sai por uma bica. Este é o feijão dos ricos. Pro agricultor sobram as metades de grão (o feijão, sendo uma leguminosa, é uma planta dicotiledônea, isto é, solta duas folhas quando nasce, cada uma destas folhas é a evolução de uma das partes da semente — você já reparou que o grão de feijão tem duas metades, não é? Ah, sim. Tudo isso eu aprendi no colégio, não passei em vão o meu tempo lá). O agricultor vai plantar a semente boa, comprada com sua saúde, e vai comer as metades de feijão, os grãos malformados e chochos. E isso vai fazer com que ele fique ainda mais fraco e que a vida perca ainda mais o sabor.

Sabe aquele negócio da merda? A diferença entre os ricos e os pobres é que pro rico a merda só começa a existir depois que ele mastiga seus pratos requintados. Agora, pro pobre, a comida já é merda antes de chegar na boca. Sei, não devo falar estas coisas, comida é algo sagrado. Merece respeito. Mas o trabalho não é sagrado, não merece respeito também?

Então você que é um menino que sofreu um pouco, não vou ignorar que você também sofreu, você é um menino que sofreu um pouco, que perdeu o pai, que foi criado por um padrasto autoritário e numa escola autoritária, daí você vê tudo isso, você vê as pessoas comprando a janta de ontem, é, ainda não jantaram, e o almoço vai servir como a janta de ontem e a de hoje, você vê estas pessoas comprando a sobrevivência com um resto de saúde que lhes sobrou, ninguém explica como, e daí você já não se preocupa mais com este teu corpo. Porque você faz parte, uma parte privilegiada, desta banda miserável, então você descobre que tem que comprar a vida com a sua saúde. E uma dose a mais de pinga não vai fazer mal, ela vai te ajudar a enfrentar o próximo serviço, olha lá, chegou mais um caminhão. Mas ainda dá tempo de tomar mais um gole. É isso, você é um cidadão deste país de miseráveis. Pela primeira vez você se sente um cidadão. O primeiro saco que vem sobre tua cabeça o filho da puta do teu tio jogou com força. Mas não faz mal, você já se acostumou. E, depois, você está vendo a velhinha quase cega, com seu pacotinho de meio arroz, andando com passos miúdos. Então, você se sente feliz. Você faz parte da pátria, não é verdade? E isso é gratificante.

Mão esquerda

Uma carta pra você, a primeira carta na vida. Não é uma carta de amor. A adolescência passou e você nunca recebeu uma carta de amor, apesar de tantos poemas endereçados às amadas. E olha que você não pode se considerar um rapaz feio. Você agora sabe o que é a feiura dos miseráveis, dos que não têm nenhum atrativo a não ser o brilho nos olhos, o brilho nos olhos quando compram um bocado de alimento, quando viram o copinho de pinga no boteco, agora você está frequentando os botecos mais pobres da cidade. Este é o Brasil, senhor ministro do Turismo.

As suas mãos sujam o envelope branco, onde você vê o timbre da Universidade de Londrina. Este é um tempo morto e a carta não pode trazer nada que seja bom.

Ao longo da vida vão nascendo outros braços. Quando vê que está nascendo o terceiro braço, você amputa um dos velhos pra receber o novo. O vestibular de Direito é um membro amputado, você já não pensa mais nisso. Mas agora vem o envelope com uma notícia qualquer. Só que não servirá pra nada. Apenas pra trazer de volta lembranças.

Primeiro a luta pra que a família te deixe prestar vestibular pra Direito. O padrasto não quer filho estudado, e muito menos formado em leis. Você discute várias vezes e não há como convencer que quer fazer Direito pra ser escritor. Chega a organizar uma lista com mais de 50 nomes de escritores advogados. Mostra pra família. A mãe dá razão ao filho, mas não quer contrariar o marido, um homem sério e trabalhador, só que lá com as ideias dele, como o seu principal argumento: estudar não serve pra nada, só pra ficar longe da realidade.

Você tem sonhos, você se imagina numa sala, usando uma máquina de escrever elétrica, a camisa branca, com colarinho duro, a gravata. Mas o padrasto não autoriza a tua saída de casa, alegando que chegou o momento de trabalhar.

— Não sustento mais vagabundo.

Você diz que pretende cursar Agronomia, que assim poderia cuidar das terras ou trabalhar com os agricultores da região. Novas discussões, até que o padrasto permite. Sei que Agronomia é concorrido, vamos ver se ele passa. Caso não

consiga, no dia seguinte começa a me ajudar na cerealista, ganhando salário mínimo. Nesta casa, vagabundo não come mais.

Você tem apenas umas poucas semanas pra se preparar, mas estuda. Não biologia, matemática ou outras áreas mais próximas do curso de Agronomia, como seria correto, por elas terem mais peso. Estuda literatura, história, português e inglês. Não, você não está desorientado. É que você se inscreveu, às escondidas, no curso de Direito.

Pela primeira vez você entra em uma universidade, quase se perde no *campus*, faz todas as provas, se esforça e vem confiante pra casa. Tantas leituras nos últimos anos, é impossível não passar. O padrasto já quer que você comece no serviço, mas o combinado é depois que sair a lista dos aprovados.

Você ouve o resultado no rádio do carro, sozinho, e não escuta o teu nome. Provavelmente por causa do nervosismo. Depois você compra os jornais, procura longamente entre os 45 aprovados. Nenhum Miguel Sanches. Quem sabe o nome não saiu errado, algo como Misael Sanches? Mas não há nada parecido. O mais próximo é Mílton Santos, mas aí já seria errar muito. Talvez o erro não seja da comissão organizadora, mas teu. Na hora da inscrição. Quem sabe o teu nome não esteja em outro curso? E se o teu padrasto descobriu a armação toda e exigiu que se mudasse a tua inscrição pra Agronomia? Você então confere todos os cursos. Encontra alguns Migueis, mas nenhum é Sanches. Um passou em Medicina. Este você tem certeza que não é você. É o último curso a ser escolhido, você tem pavor de sangue e de doenças. Nem por engano faria uma besteira destas.

O bom é que depois de tudo você está ficando forte, meu chapa. Nenhum escândalo, você não conseguiria mesmo frequentar o curso. Quem iria pagar?

Já está empregado, você é realmente um cara de sorte. No dia seguinte, comparece à cerealista com uma calça de tergal usada apenas pra sair. Semanas depois ela estará com as pernas puídas na altura da coxa. E você se lembrará de um critério que teus antepassados usavam pra diferenciar o pretendente da mão das filhas. O trabalhador tinha as calças remendadas nos joelhos. O vagabundo, na bunda. Você pelo menos preencheria este velho requisito de sua família.

Mas agora o envelope está na tua mão, um mês depois, sujo de teu suor, de uma mão que não é a mesma que resolveu as provas. Aquela você amputou, podem vasculhar por todo o teu corpo, não encontrarão o menor sinal, a mínima cicatriz dela, aquela é uma mão morta. Surgiu esta outra, a que carrega sacos e puxa o rodo. É com essa mão postiça que você abre o envelope e segura a carta, um comunicado da comissão organizadora do vestibular. Você foi aprovado em terceira chamada, quinquagésimo oitavo lugar. E no curso de Direito, noturno. Basta arrumar um emprego em Londrina e tudo está resolvido. Vejam só como você tem sorte. Mas você não compareceu pra fazer a inscrição, eles estão te comunicando isso, que a vaga não é mais tua e sim do quinquagésimo nono lugar.

Uma pessoa que você nem conhece, e isso é o que mais te intriga.

A mão que carrega sacos não é dada a sentimentalismo, e nem pode. A outra, a esquerda, que ainda se lembra dos tempos vividos com a perdida, ameaça alguma reação de revolta, como dar um murro na parede. Mas a direita é a dona da situação. É com ela que está a carta, marcada pelo suor que saiu de teus poros. E esta mão operária amarrota calmamente a carta, depois o envelope, e joga tudo no lixo.

Quando você enfim vai ao fundo do barracão pra buscar um saco de arroz que um cliente havia pedido, a tua mão esquerda alcança a garrafa de pinga. A direita permanece quieta, enquanto a outra leva a garrafa aos lábios, reconhecendo-te o direito de uma dose. Claro que tem. E a mão direita tanto reconhece este direito, pois é ela que limpa a tua boca depois de mais um trago.

Ter 17 anos é começar a deixar as coisas rapidamente pra trás. Até esta idade, tudo demora, o tempo é lerdo, a gente não vê a hora de ser de maior, de poder abraçar um destino. A gente tem 13 anos e falta uma eternidade pros 18, depois, quando a maioridade está chegando, decidir uma profissão, arranjar um emprego, é claro, estou falando desta grande maioria que é obrigada a trabalhar cedo, então, nesta fase, parece que alguém acelera os relógios e tudo começa a passar rápido.

Tenho 17 anos e estou sentindo este aceleramento. Acho que se daqui pra frente eu viver mais 17 anos estará tudo bem. Mas tenho medo de isso não acontecer. É como se já tivesse passado da meia-idade. Meu Deus, tenho 17 anos e ainda não vivi nada, não sei o que sou, o tempo voou sobre mais da metade de minha vida. Sim, sei que já vivi mais da metade de minha vida. Meu pai morreu com 32 anos e eu sempre tomo como idade do homem a de meu pai. Não sou mais forte do que ele pra viver além.

Deixo tanta coisa vazia pra trás e o que tenho pela frente é tão pouco. Não posso morrer sem ter cumprido meu destino. Mas qual seria este destino? É engraçado. A mão direita não responde. A mão direita é analfabeta e muda. Ela só tem músculos. A esquerda escreve mal, mas me avisa que, seja qual for o meu destino, ele é longe daqui. Meu destino não está em Peabiru. Eu vim arrastado pra cá, com a morte do pai. Pouco importa que o seu corpo esteja aqui. Se pudesse, se morto ainda tivesse como manifestar sua vontade, ele nunca se deixaria enterrar aqui. Peabiru é a cidade de meu avô, odiado por meu pai, que se recusou a ser um sitiante aqui. Por que eu deveria fazer uma coisa que o meu próprio pai não quis? Peabiru é a cidade onde meu padrasto fez a vida, onde a sua família se estabeleceu. É isso tudo que minha mão esquerda me fala. É ela que me aconselha a ir guardando o salário que recebo nestes meses.

E é ela que começa a complicar minha permanência na cerealista. Sou humilhado pelo padrasto, que não responde às minhas perguntas, e a mão

esquerda bate a porta quando saio do escritório. Diante da gracinha de meus tios, que exibem seus músculos ao lado de meu corpo fraco, a mão direita segura firme a sacaria, tentando parecer mais forte. Mas a esquerda empurra uma das pontas do saco, desequilibrando-me e fazendo a mercadoria se espatifar no chão. A direita quer recolher tudo e dizer que foi um acidente, mas a sua rival dá um murro na parede e me obriga a dizer um palavrão.

Eu sou apenas um joguete, totalmente dominado por minhas mãos. Elas fazem o que querem e a esquerda tem mais força e acaba se impondo. É ela que manda meu padrasto enfiar a cerealista naquele lugar quando ele diz que se eu não controlar as minhas crises de nervosismo vou ter que sair da cerealista, porque ali quem manda é ele, eu sou apenas um funcionário, abaixo de todos os outros. Os tios são sócios, por isso sou também empregado deles. Dou toda a razão pra mão esquerda, que enfiem tudo, de uma única vez e com bastante força, no cu.

Agora nos encontramos, eu e minhas mãos, dentro de um ônibus. Elas estão calmas enquanto partimos. Olho com nostalgia pra cidade iluminada à meia-noite. Tudo que lembro é da sentença definitiva do padrasto, você pode ir embora mas nunca mais volte. Fico olhando o brilho das luzes, um brilho que me parece úmido, tristemente úmido, como o dos olhos de minha mãe na hora que me disse Deus te guarde, meu filho.

As férias do filho pródigo

Pertenço a uma geração que não encontra mais espaço no Paraná. Não dá mais pra iniciar uma vida de pioneiro em nossas terras, elas já foram desbravadas, já deram o seu sangue, suas matas, seus rios. Cansada, nossa terra longe está de ser virgem, vejam só as erosões sulcando os campos, e pensar que ali havia uma mata, que meus avôs desbravaram estas paragens, conviveram com índios, queimaram matas com madeira de lei, pra plantar. Minha bisavó Rita contava que os índios viviam no quintal da fazenda, pegavam uma galinha ou algum mantimento que estivesse à vista e saíam sem se importar com os donos. Eles não reclamavam, sabiam que os intrusos eram eles e não os índios, que não conheciam a propriedade privada. Depois de 50 anos de desbravamento, minha geração se sente órfã, sem espaço pra crescer, sem horizontes pra desbravar.

Tinha pensado longamente o que podia me valer num início de vida. Sem dinheiro, sem parentes ou amigos influentes, sem uma profissão, sem um corpo robusto, sem nenhuma inteligência particular ou habilidade manual. Minha única habilidade é de me indispor com as pessoas e de cultivar a solidão. Sequela da orfandade? Talvez, mas o fato é que em qualquer circunstância eu sempre arranjo uma encrenca, pra causar uma indisposição de ânimo e me prejudicar sem, é claro, conseguir poupar os que estão ao meu redor. Sinto que tenho um dom pra inflamar as pessoas, despertando nelas o seu lado mais ruim. E isso só dificulta o meu projeto de independência. No momento, preciso de alguma coisa a meu favor, que me dê a segurança de que é possível ganhar a vida, não importa bem em que posição.

Só tenho uma carta pra jogar, o título de técnico agrícola, embora não conheça mais do que meia dúzia de coisas sobre o assunto e justamente as que me parecem menos necessárias. Nunca quis ser técnico agrícola e sempre confiei demais (este é meu problema, quando aposto em algo, empenho todas as fichas, não deixando nenhuma de reserva) na minha carreira na advocacia. Uma carreira que nunca existiu a não ser em minha imaginação. Minha irmã está fazendo o curso de magistério e logo poderá defender algum dinheiro dando aulas em escolas primárias. O Zé Carlos, este sim se formou em técnico agrícola e agora tem uma profissão, embora esteja cuidando, não sem promessas, dos

interesses da família do pai. O Luís, com a minha saída da máquina, entrou de sócio do pai, com conta conjunta nos bancos e poder pra mandar fazer e mandar desmanchar. Aos 15 anos, tem garantido o seu futuro porque o pai quer deixar a ele a cerealista, o único com dom pro comércio. Eu sei datilografar poemas e cartas, mas ninguém vive disso. E tenho que viver de algo. Sem pai, com uma mãe sem rendas, sem nenhum parente com um pouquinho de influência, me resta o diploma de técnico, um diploma comum de uma profissãozinha comum pra qual não me sinto minimamente preparado, não pra desempenhar qualquer atividade, mas pra, ao menos, poder fingir algum preparo. Trata-se de um diploma, portanto, que será usado contra mim e não a meu favor quando alguém procurar os conhecimentos que ele pressupõe. Eu sei de tudo isso, mas o que fazer quando você vive numa cidade que não é sua, com uma família que não é sua e é criado por um pai que nada tem a ver com o que você pensa sobre o mundo?

Meu projeto é ir pra Rondônia ou talvez pro Acre, em busca de terras virgens pra começar a vida. O Mato Grosso é apenas uma passagem. Quero ver o tio Eurico, que, depois de gastar toda a herança de meu avô, é hoje peão em Rondonópolis.

Estou no escritório da Fazenda Santa Mônica e logo em uma camioneta que me levará à sede. O meu tio está trabalhando no refeitório da fazenda, substituindo a cozinheira, que se demitiu. Mal chego e já sou empregado, não ainda como técnico agrícola, mas como auxiliar de cozinheiro. O teste que o administrador me faz pra comprovar meus conhecimentos culinários poderia ser seguido por qualquer restaurante requintado:

— Você sabe fritar ovo?

— Sim.

— Consegue não deixar o arroz queimar?

— Com um pouco de esforço, talvez.

E na mesma manhã que cheguei já fui pra cozinha, com um salário definido com a mesma praticidade do teste de seleção:

— Por enquanto você ganha cama, comida e uns trocados no fim de semana. Está bom?

Como eu ia recusar? Era praticamente meu primeiro emprego e eu começava bem, sem ter que esperar.

No almoço, manejei uma vasta frigideira, que fez ovos fritos com pimenta-do-reino e orégano. A inovação agradou tanto os peões, acostumados apenas com ovos melecados e insossos, que resolveram pedir pra que eu seguisse o ramo. O arroz foi cozido com alguns pedaços de batata que, com os ovos, ficaram realmente deliciosos. No processo de sobrevivência, e isso qualquer escoteiro sabe, a primeira atividade é saber fazer a própria comida. Eu consigo meu

primeiro trabalho preparando não apenas a minha alimentação como a de um bando de 50 peões famintos.

O cardápio, no entanto, vai sendo mudado com invenções do aprendiz. Fazer comida pra tanta gente não exige apenas habilidade culinária, mas principalmente o dom de improvisar. Seria impossível, pra um único cozinheiro, pois meu tio voltou pro serviço, fazer, por exemplo, bife rolê pra toda a tropa. Assim, posso apenas contar com as coisas mais simples. O macarrão aparece em várias versões, na macarronada tradicional e no macarrão gelado com salada de batata e ovo. Outro prato apreciado, de minha invenção, é a macarronada com feijão. Consideram um requinte aqui na fazenda a linguiça com molho de tomate e pimentão frito.

Só entendi o quanto meu cardápio maluco era variado e gostoso quando, um mês depois, chegou a nova cozinheira e passei a comer a meleca de ovo com arroz malcozido. Os peões estão reclamando, exigindo a volta do cozinheiro, mas este já está trabalhando no secador, por fim um serviço de homem.

A manutenção dos secadores é feita antes da colheita, e a fazenda tem os maiores armazéns da cidade. Eu ando sujo, apertando parafusos, subindo em elevadores por escadas precárias. Meu turno: do meio-dia à meia-noite. Com meia hora pra jantar.

Nos finais de semana vamos à cidade, mesmo sem receber nenhum trocado. Mas este não é um privilégio só meu. Os outros também não recebem e meu tio não vive sem dinheiro.

Em nossas conversas, ele reclama do meu padrasto, que nunca me repassou a herança deixada pelo velho Zé-Zabé. Concordo com o tio. Fui prejudicado. Ele diz que eu não precisaria estar aqui, que era obrigação do padrasto me dar uma parte das terras. Quer saber se me deu algum dinheiro. Digo que não, só trouxe o que juntei nos meses de serviço na cerealista. Isso deixa meu tio irritado, onde já se viu? Não tem a menor consideração por você. Sem a sua mãe o Sebastião não passaria de um feirante. Até que enfim encontro alguém que me defende, que sabe que fui injustiçado. A cerealista devia ficar com você e não com o Luís. Concordo mais uma vez. E parece que enfim encontrei a figura do pai que tanto tenho procurado. Um pai mais jovem e que conhece os prazeres da vida, que contou com tudo que o dinheiro pode comprar, mulheres bonitas, carros potentes, dias inteiros de amor e diversão. Estou diante de um homem que viveu intensamente, dá pra ver isso nos dentes podres, nos dedos amarelos de cigarro, na pele queimada do sol do Mato Grosso. Ele fala bastante contra meu padrasto, até eu ficar meio embriagado com toda a conversa. Daí pede um pouco de dinheiro, que o Elói só vai pagar na semana que vem. Eu, é claro, dou. Como poderia negar alguma coisa pro meu pai?

No começo, saía com o tio, ia pros bares, pros bordéis, mas descobri que não indo a conta ficava menor e o meu dinheiro diminuía mais devagar.

Agora, quando o tio começa a criticar meu padrasto, já corto o assunto. Quanto é que o senhor quer hoje? Ele diz a quantia, dou um pouco menos e me poupo de ouvir a mesma conversa de sempre.

Na fazenda, me deslocam pra boca da fornalha. Colocar lenha no fogo num calorão infernal. Quando deixo o serviço, penso que estou cozido, que irei parar no hospital. Mas um banho gelado, depois que o corpo esfria, me devolve a temperatura normal da região. As mãos estão mais machucadas do que em outros tempos difíceis. É que a madeira tem farpas e não usamos luva. Nem qualquer outro equipamento de segurança. Apenas de calção e chinelos.

Continuo trabalhando pela comida, e isso não seria tão ruim se a comida tivesse melhorado. Mas está cada vez pior. Novamente, a mão esquerda reclama da direita.

— Veja só, confiamos nesta mão estúpida e tudo que ela consegue é um emprego destes, que nem emprego é, apenas uma ocupação temporária. Não foi pra isso que nos esforçamos tanto, Miguel. É hora de exigir nossos direitos.

Não sei bem por que, mas minha mão esquerda tem sempre argumentos fortes. No primeiro encontro com o dono da fazenda digo que só continuarei aqui em alguma atividade condizente com a de um técnico agrícola.

— Que pena, já estávamos até nos acostumando com você.

Saio da fazenda sem receber um centavo. Nem do Elói, nem do tio. Mas os dois me prometem pagar assim que for possível. O que tio Eurico arranja é um convite pra eu morar na casa de uma tia dele, irmã da dona Gasparina e do pai de meu padrasto.

São seis numa casinha de vila: o casal de velhos, dois filhos e duas filhas. Durmo no chão, a casa não tem forro e a comida é pouca. Tento dar dinheiro pra ajudar nas despesas, mas a tia diz que só vai aceitar depois que eu arrumar emprego. Os rapazes são pintores, mas não precisam de ajudante. A filha mais velha é balconista de uma loja de sapatos, onde também não há nada pra mim. A mais nova não trabalha e fica em casa dormindo. Eu levanto cedo e vou ajudar a tia. Faço pequenos serviços. Quando entro no quarto das primas pra varrer o chão, a caçula ainda está na cama, algumas vezes apenas de calcinha. De olhos fechados, ela resvala sua mão em meu pau.

Assim, a mão esquerda se contenta. Trabalhamos menos e recebemos o mesmo salário da fazenda, comida. E mais os mimos da prima, festa pros olhos.

Um upa e já estou saindo à noite com ela e mais uma colega. Vamos aos bailes e me sinto bem-acompanhado. No caminho, as duas me fazem sempre agrado, recebo beijos e a amiga já me entregou por duas vezes os seios, seios adolescentes, recompensa pras duas mãos que têm sofrido meus fracassos. Depois que entramos no baile, com os ingressos pagos por mim, elas me deixam na mesa com os restos de bebida que comprei e saem com os amigos. Apenas no fim da noite me procuram. Não reclamo, nunca aprendi a dançar. Não sou

mesmo companhia divertida.

Na volta, sempre me sobra algum beijo sem ânimo, alguma oferta de corpo sem entusiasmo. E como a tia confia em mim, elas agora saem duas ou três vezes por semana.

Num domingo, o primo mais velho pergunta o que sei fazer. Já faz um mês que estou na cidade e não consegui nenhum serviço.

— Só sei datilografar, mais nada.

— Está com o diploma aqui?

— Não sabia que ia precisar. Deixei em casa.

— Mesmo assim vamos ver o que se arranja.

Dias depois me dá o endereço de uma escola, dizendo que achou um emprego de auxiliar de secretaria. Vou até a escola animado. A vaga ainda não existe, mas dentro de pouco tempo poderei estar trabalhando. Enquanto espero meu emprego, vou a uma banca de jornal e compro *A metamorfose*. Tinha ouvido falar tanto deste livro que mal vejo a hora de começar a ler.

Começo e logo paro. Várias vezes. Como um livro ruim pode ter uma fama dessas? É realmente insuportável. Cansa no final da primeira página. Tento de novo, uma, duas, três, quatro vezes. Deixo o livro num canto e começo a ler um romance de Vasco Pratolini, *História de pobres amantes*, e fico encantado. E este não é um livro tão conhecido como *A metamorfose*. Será que o sucesso é sempre um mau sinal? Quem gostaria deste livro? Decididamente, é uma obra ruim. Não quero mais saber de nenhum livro de Kafka.

Quando termino o de Pratolini, tento mais uma vez ler o outro. Começo lendo pela capa. Ah?!, o autor não é Kafka, mas alguém brasileiro. Deixo o livro de lado e saio à procura de outros títulos na banca de revista.

Apenas leio e saio com as duas amigas. O dinheiro míngua tão rápido quanto minha paciência. Começo a fazer as contas de um salário que vou receber em um emprego que ainda nem tenho. Tantos cruzeiros pra ajudar a tia, tantos pra prima, tantos pros livros e tantos pra alguma roupa. Vou ter que ganhar três vezes mais do que me prometeram.

Está na hora de seguir viagem. Alcançar Rondônia ou o Acre. Ouço dizer que o garimpo no Rio Madeira está bom. Mas eu teria coragem pra aprender a mergulhar sem saber nadar? A mão direita diz que sim, que tudo se aprende nesta vida quando não se tem outra opção a não ser aprender. Em todo caso, ligo pra mãe, quero que mandem o diploma do curso de datilografia. Posso precisar.

Quem atende é o padrasto, é a primeira ligação nestes três meses de independência.

— Sua mãe está angustiada. Queremos que volte.

Mas aquele *nunca mais* ecoa em meu ouvido. Digo que não voltarei. Que já estou empregado e que só terei férias daqui a mais ou menos um ano.

— Volte, que dou um dos sítios pra você cuidar.

— Enquanto eu tiver duas mãos não preciso de esmola de ninguém.

E já estamos discutindo e ouço o choro de minha mãe. Desligo o telefone. Volto pra casa, arrumo a mala, a mesma mala preta que usei nos primeiros dias de colégio, me despeço de quem está em casa, tentando deixar um pouco de dinheiro pra tia, mas ela não aceita. Você vai precisar, meu filho. Sigo sozinho pra rodoviária.

O preço da passagem pra casa é quase o mesmo da passagem pra Rondônia. O ônibus que faz o retorno só sai daqui a dez horas. O que segue em frente, daqui a uma hora. Calculo o que dá pra fazer com o dinheiro que me sobrou. Talvez uma semana de hotel, se eu comer pouco.

Quando estou dentro do ônibus, encontro uma amiga do tempo de escola. Ela me pergunta se também estou a passeio.

— É, também a passeio.

— Você se divertiu muito nas férias?

— Bastante.

— Eu estou louca pra voltar o ano que vem.

— Eu também.

Minha última estação rural

A casa não tem nenhum móvel, mas levamos uma cômoda velha e dois colchões. Um fogareiro a gás, um banco e algumas panelas. Não fica com cara de lar, mas quem quer um lar? A primeira refeição é uma sopa de legumes com macarrão, e tomamos como lenhadores que trabalharam o dia inteiro, embora ainda não tenhamos nem começado, apenas organizamos as coisas na casa de madeira. Tudo está sujo e não se perderá tempo com nenhuma atividade burguesa. Já não sinto tanto nojo da sujeira e apenas varro o chão com uma vassoura de guanxuma que eu mesmo fabriquei. Ela deixa um cheiro de mato na casa, um cheiro bom, posso confessar, bem melhor do que o da cera que a mãe passa no assoalho.

É nossa primeira noite e temos que comemorar. A pé, em menos de 20 minutos, vencemos a distância que nos separa de Silviolândia e logo estamos em uma venda, bebendo cerveja quente. Jogar sinuca é uma coisa que nunca aprendi, por isso perco todas as partidas. Você nem parece um rapaz, me diz. Não gosta de futebol, não sabe jogar sinuca, vive lendo, acho que você não é muito certo, Miguel.

Voltamos rindo pela estrada. A lua nos acompanha e súbito sou morador do pequeno vilarejo. À beira da estrada, combalidas casas de madeira. Não nos conhecem, mas todos cumprimentam e daí dá um orgulho de estar morando neste fim de mundo, o orgulho, que já senti várias vezes, de estar do lado dos pobres, de me ver como um deles.

A poeira suja nossos pés e não há água na casa, nem pra beber. Seguimos juntos até o riozinho que passa no fundo da propriedade, um rio acanhado, mas de água razoavelmente limpa. Uma pedra de sabão na mão, um balde na outra, não tiramos a roupa. Arregaçadas as calças, lavamos os pés, os chinelos. Depois o rosto, as mãos e os braços. A lua espia lá do alto, mas encontra a gente de roupa. A noite continua linda. O silêncio do campo, cortado por uma ou outra voz na estrada, não muito longe. Vontade louca de viver sempre ali, à margem do rio numa noite de verão. Subimos até a casa. Na varanda mesmo, usamos a água do balde pra tirar a terra dos pés.

Sei que esta será a rotina de todas as noites. Primitivos, voltamos no tempo.

Sem luz, geladeira, televisão ou rádio. Tenho comigo alguns livros, mas duvido que consiga tempo pra ler.

É a primeira noite de uma nova vida. Já fiz 18 anos e é só começar a labuta dos homens. O sítio é grande, há muito serviço.

Irmanados pelo silêncio, pela noite, pelo campo, pela lua que ilumina o Oriente e o Ocidente, a América do Sul e a América do Norte, eu e Zé Carlos estamos juntos pra assumir a mais distante propriedade do pai.

Durante os três anos de colégio nos distanciamos, agora viveremos como irmãos, talvez como família. Ele fica com uma metade do sítio, eu com a outra. Pra quem não teve nada, de repente eu possuía muito.

Comida, só eu sei fazer. Mas trabalhar no trator é com ele. Tenho que aprender a arar, a nivelar, a erguer curva de nível. Começar tudo do zero. Fazer o curso de técnico agrícola na prática. E agora possuo um lugar meu e estou começando a vida, meio tarde, mas sempre é animador.

Estamos preparando a terra. São dias de trabalho e comemos mal, porque não dá tempo de ficar caprichando no fogão. Logo o feijão está plantado. Eu entrei só com o trabalho, o Zé com o conhecimento e o trabalho. Mas não há qualquer rivalidade. Aprendemos a camaradagem de quem depende um do outro. Ele não consegue fazer nada pra comer.

Um dia vou à vila e antes explico como se faz arroz. Chego pra almoçar e a panela está cheia de uma água esbranquiçada. Ele havia despejado uma xícara de arroz, sem lavar, sem fritar cebola, sem nada. Era antes uma sopa apenas com sal. Joguei tudo fora e reiniciei a tarefa. Depois comemos juntos e ele me ensinou como aplicar defensivo no feijão, a regulagem da bomba e outras coisas misteriosas que vão entrando na minha cabeça povoada por personagens de romances, por filosofias, por trechos de poemas. Fico pensando se será preciso esquecer tudo isso pra aprender a lidar na lavoura.

Acredito que sim. Por mais que me ensine, não consigo guardar nada na memória. Ou melhor, guardo por algumas horas e no outro dia sou o mesmo ignorante de sempre. Então começo a fazer força pra apagar tudo que li e prestar atenção nas explicações, mesmo sem conseguir.

Mas trabalhamos, e com o tempo, com a paisagem rural que tanto me entusiasma, o mundo real deverá ganhar contorno sobre o imaginário e me livrar das leituras que não me deram nada, nem um único centavo. Nada mais inútil que o mundo de papel.

E quando chega a noite, acendemos a lamparina, comemos o resto do almoço, lavo as poucas louças e já deitamos com os livros nas mãos. O Zé estuda um folheto sobre adubo foliar ou plantio direto. Eu leio alguns poemas ou contos. Ele me fala da produtividade por hectare do feijão-carioquinha, enquanto penso na beleza dos poemas de Augusto dos Anjos e vou decorando os seus sonetos, em voz baixa, pra não atrapalhar meu irmão.

Não é que eu não tenha vontade de aprender. Vontade tenho. Mais ainda. Tenho necessidade. Preciso me transformar em agricultor. Até agora não sou nada, não sei que caminho seguir, minha vida vai se tornando cada vez mais curta. Conto quantos anos tenho até o dia que vou morrer, com a idade de meu pai. Quero fazer algo que dê dinheiro nos poucos anos que me restam, pra, pelo menos, poder comprar livros e mobiliar a casa. Pode ser esta aqui mesmo, mas um banheiro dentro seria tão bom, água encanada também, porque estou cansado de ter que buscar água na mina. Só me resta ser agricultor. Mas as leituras me estragaram até pra isso. Como diz o pai, melhor que fosse um bêbado, pelo menos não ficaria o dia todo dentro de casa, me envergonhando e me irritando.

Aqui estou, vivendo de literatura enquanto trabalho no trator, pensando no que um livro quer dizer, em como o poema tal marca bem o ritmo da marcha. Tenho medo de esquecer estas observações e não posso falar pro Zé Carlos, então começo a escrever num caderno. Tudo que penso sobre um livro ou sobre um autor eu anoto rapidamente. De vez em quando me pergunto por que estou fazendo isso, mas não sei responder. Talvez apenas pra ter a ilusão de que estou dialogando com alguém.

Vou dormir cedo, nunca sem ler algumas páginas e rabiscar meia dúzia de linhas. Acordar cedo é mais fácil ainda, e quando o sol nasce já estamos no meio da roça, chapelão de palha na cabeça, botina suja, sem meia, roupa amarrotada e encardida. Não sei se meu pai gostaria de me ver aqui, neste estado. Iria dizer, não foi pra isso que te fiz. Mas não foi pra isso que me preparei, pai, só que acabaram as fichas, a realidade não dá chances e apostei no cavalo errado. O meu cavalo era de passeio. Devia ter jogado num animal que puxasse arado.

Faz muito frio à noite e pela manhã vamos até a roça de feijão. Quando chegamos, o sol já está alto e não há uma planta viva. Todas queimadas pela geada. Tudo que consigo dizer é a primeira estrofe de um poema de Augusto dos Anjos, decorado há poucos dias: “Eu, filho do carbono e do amoníaco, monstro de escuridão e rutilância, sofro desde a epigênesis da infância a influência má dos signos do zodíaco.” O Zé Carlos está rindo enquanto pergunto fazer o que agora?

— Plantar soja, ainda dá tempo.

Todo o serviço de novo. O arado virando o solo, a grade niveladora, a semeadeira (Se tivéssemos uma semeadeira de plantio direto, resmunga o Zé), regulagem pra adubo e semente, profundidade do sulco. Tantas sementes por metro linear. Não, nunca vou aprender. Na minha cabeça entupida de literatura não cabe isso.

A soja está nascendo e o mato mais ainda, muita grama-seda, que dará um trabalho lazarento.

O Zé Carlos resolve ficar uns dias em Peabiru, eu permaneço em meu posto,

livre pra ler o tempo todo e trabalhar nas horas de folga. Pego a enxada e fico uma ou duas horas carpindo, mas é muita terra pra uma pessoa só. E como o Zé não está aqui, também tenho direito de descansar.

Numa manhã em que, por sorte, eu estava lutando com o mato na roça, o pai chega com uns homens. Mostra nossa plantação, anda pelo sítio, conversa em volta do carro, em cujo capô está estendido um mapa. E depois me procura. O Zé Carlos não vai mais trabalhar aqui, está reclamando que você não se interessa por nada e que ele tem que fazer tudo sozinho. A metade dele eu vou arrendar pros vizinhos e a sua metade você toca. Já deve ter dado tempo pra aprender.

Faço de conta que não é comigo. Sei que não adianta reclamar. Ele é dono de tudo. Das terras, da semente, do defensivo agrícola, do trator, do *diesel*, do ar que respiro. Eu sou dono apenas das histórias que li, não dos livros, porque a grande maioria era emprestada. Não tenho nada, nem mesmo um pouquinho de conhecimento agrícola.

Hoje trabalhei o dia todo sob o sol. Agora sou eu e minha sombra, eu e meus fantasmas. Sozinho na casa. À noite, vou até um dos vizinhos e me informo sobre o que fazer. Ele dá a sugestão, chapear toda a plantação pra controlar o mato. Digo que não tenho chapeador e ele me empresta um. No outro dia, vou com o trator, o vizinho me ajuda a engatar, diz qual a marcha que devo usar, em tantas mil rotações. E passo o dia todo cortando o mato. As chapas enroscam nas moitas de grama-seda, que crescem com muita rapidez. Sem experiência, corto não apenas o mato, mas uma boa quantidade de soja. Os novos arrendatários trabalham com alguns cavalos e têm um grupo pra limpar com a enxada as moitas de grama. A roça deles vai ficando bonita, a minha pouco muda com o meu esforço. Na verdade, muda... pra pior. Espalho a grama com o bico do chapeador e ela logo começa a nascer mais na frente. Na segunda semana, um empregado do pai vem buscar o trator. O teu irmão vai precisar dele no outro sítio e vocês vão ter que dividir.

O Zé Carlos já tinha levado a camioneta e agora o trator. O pai deu pra ele o sítio mais perto da cidade, todo plantado. Sei que não adianta reclamar, o sítio está no nome dos irmãos do pai. E eles fazem o que bem querem. Embora todo mundo esteja cansado de saber que quem manda é o pai. As ordens são sempre dele, os outros apenas obedecem.

Fico lutando com a grama-seda, deixo os outros matos à vontade. Mas a cada chuva o mato está mais viçoso e a soja mais raquítica.

Falo novamente com o vizinho, já não sei mais o que fazer, e ele diz que só vou conseguir salvar a plantação pondo uma turma grande de boias-frias. O problema é que em Silviolândia não tem mais boia-fria sem serviço, está todo mundo nas lavouras.

Em todo este tempo que tenho estado sozinho, não tomo nenhum banho, nem mudo de roupa, não penteio o cabelo, que já está imenso. Não tenho espelho,

mas quando vejo minha sombra no chão, sei que devo estar assustador. Não vai ser agora que vou tomar banho. Pego uma carona até Peabiru e desço na frente da máquina. Os empregados do pai riem.

— Ué, não tem chovido em Silviolândia? Será que os rios secaram?

Quando a mãe me vê, põe-se a chorar. Ainda bem que teu pai está morto, se não estivesse ia ter uma grande tristeza.

— Se estivesse vivo eu não estaria assim.

O banho é demorado, mas não me tira toda a sujeira. E o encardido da pele se mistura com o queimado do sol. Aqui está, diante do espelho, o boia-fria que o padrasto sempre quis criar. Mas ainda não está completo, eu sei. E ele vai fazer de tudo pra realizar a sua profecia. Pra que ler tanto se no final das contas você vai ser um boia-fria e vai me pedir emprego?

— Vim atrás de trabalhadores pra limpar a plantação, pai.

Ele diz que posso escolher quem eu quiser, é só ir de manhã no ponto. Aproveito e peço a camioneta. Nós estamos usando, não é só a sua roça que está no mato.

Decido ficar em casa até que ele me empreste a camioneta. Mas isso acontece apenas uma semana depois, numa sexta-feira que amanhece com cara de chuva. São oito horas quando ele me avisa que a camioneta está livre e que é só eu procurar o pessoal no ponto. O senhor não pode me arrumar a turma que trabalha pra vocês? Não, precisaremos de todos em outro serviço.

Vou até o ponto, onde encontro apenas mulheres velhas. Nenhum homem. Quando passo na frente da cerealista com a carga de saias, todos riem e fazem gracinha.

A roça está mais suja do que nunca e começamos a trabalhar. Mas o serviço não rende. Eu que tenho pouca experiência saio disparado na frente do meu batalhão de mulheres. Elas param, conversam e erguem sem vontade a enxada, olhando pro céu, à espera de uma pancada de chuva pra correr em busca de abrigo.

Logo desce a chuva.

Coloco todo mundo na camioneta e esta na estrada, que está lisa como sabão. Na ponte do Rio da Várzea, depois de uma rabeada, quase caímos no rio. A chuva aumenta, minha raiva também, mas não na mesma proporção. Estou muito mais feroz do que a chuva. E corro. As mulheres batem na cabina. Piso no freio com tanta força, que viramos na estrada e damos com a lateral no barranco. Mando todas descerem. Estão assustadas com os dois perigos recentes e, por isso, obedecem em silêncio. Vou pagando as diárias. Que voltem a pé, vão chegar antes do fim do dia e já estão com a grana no bolso. Se acharem carona, melhor; se não, problema de vocês.

A camioneta já está virada, então saio jogando lama no barranco e volto pro sítio. Junto minhas coisas, dois ou três livros, as roupas, o caderno, e fecho

definitivamente a casa. Engraçado, estou sempre fechando definitivamente as portas.

Na estrada, passo pelas mulheres com as enxadas nas costas. Fico olhando pelo retrovisor até uma curva tirá-las de meu campo de visão. Entro correndo no pátio do armazém. Não freio. Deixo a camioneta acertar o muro, derrubando parte dele. Saio debaixo da chuva, que engrossou, mas ainda dá pra ouvir o motor funcionando. Não olho a camioneta. A mão direita bate a porta com força. A esquerda carrega meus pertences.

Não há mais necessidade de ter pressa, e enquanto não estou longe ninguém vai desligar o motor. O pai não brigará comigo. A gente não humilha ainda mais o perdedor, olha ele nocauteado no chão, veja o sangue que escorre de seu olho estourado. É bastante sangue. Mas muito sangue mesmo. Eu poderia até jurar que é a enxurrada correndo na terra vermelha.

Estou indo sozinho pra casa. E quem ainda tem as pernas firmes não está vencido de todo. É cedo demais pra dizer que o rapaz que caminha sob a chuva está vencido. Ele só está machucado.

O pai comemora sua vitória. Agora as terras ficarão na mão do Zé Carlos. Já consegui provar pra todo mundo que não sirvo pra lavoura e nem pro comércio. E o pai de família não errou, este é o filho à toa, o que só presta pra ler. Não vamos ter dó dele agora. Ele ainda tem dois braços, não são braços fortes, mas já é alguma coisa.

Fico mais um tempo na casa paterna, tolerado como um doente mental que habita os escuros. Há sempre o dinheiro pra uma ou outra bebedeira com amigos, a mãe continua costurando, uma pena que as freguesas nunca mais foram as putas. Os livros da biblioteca pública permanecem à minha espera, os cadernos continuam cheios de anotações e de poemas, a Olivetti range ao toque de meus dedos, cada vez mais íntimos. Estou numa faculdade de Letras local e descubro que este curso é o lugar onde menos se lê. Mas este é um problema dos outros, não meu. Suporto os professores medíocres e supero os bons, colocando todas as minhas fichas neste cavalo manco. Depois de várias tentativas frustradas de namoro, estou noivo de uma menina chamada Juliana, não sei bem como, nem pra quê.

A Carmen está fazendo o curso de Bioquímica em Londrina, e da pequena mesada do pai reserva algum dinheiro pra mim. Não mereço a mãe que tenho, não mereço a irmã que tenho, mas também não mereço o destino que me coube. Viver não tem sido buscar o meu destino, mas lutar contra uma destinação.

O pai e os irmãos dele estão com bastante terra, trabalham muito e acham que sou o maior idiota do mundo. No que, no final das contas, estão certos. Os homens não acreditam em mim, somente as mulheres, e isso tem alguma beleza. A Juliana espera por um casamento que talvez nunca venha, pra horror da família dela, que me odeia. Nisso, eles são bem parecidos com os meus parentes.

Leio muito mais do que escrevo e falo. Quero que seja assim a vida inteira. Do magistério só temo isso, que me tire as horas de leitura, que me faça falar mais do que ler.

O Luís não está conseguindo terminar o segundo grau e a cerealista quase faliu. Gasta tudo que ganha em farras, pro desespero do pai. Que agora não pode confiar no Zé Carlos, também revoltado com o fato de seus tios terem mais poder do que ele, o filho absoluto do pai.

Vejo tudo de longe, nada que venha da família me atinge. Da pequena nave

espacial, contemplo o planeta Terra e não sinto saudades.

Na cidade, sou o filho vagabundo do Sebastião, logo dele, que é tão trabalhador. Na família, sou o grande idiota, mas pra minha mãe eis o filho querido e ela guarda todos os poemas que escrevo com o intuito de jogar fora, como este, que ela lê com lágrimas nos olhos:

Quando eu morrer afogada
ainda não terei conhecido o amor
nem usado um vestido com rendas
e mal saberei escrever meu nome
— Conceisão do Nacimento.

Agora tiro esta foto
com minha cara de espanto
minha feição roceira
e dedico à prima Nelsa
que também não pôde seguir estudando.

Este meu poema
só será mesmo escrito
por seu filho
que realizará nosso sonho
de meninas pobres.

Agora deixo esta história de lado
e retomo minha sina de moça magra.
Que bom não saber
que logo morrerei afogada.

É a história de sua prima Conceição do Nascimento, que morreu quando elas eram mocinhas e sonhavam estudar e sair da roça. Por causa deste e de outros poemas, quando alguém pergunta do filho mais velho, a mãe diz é um menino bom, está estudando pra ser poeta. Não adianta repreendê-la. Mãe, o seu filho vai ser um professorzinho de interior, ganhando um salário curto e vivendo uma vidinha obscura, como tantos outros, e não um poeta. Mas quem diz que ela abandona a ideia fixa?

Se continuar assim, é até capaz que me convença.

Mãos pequenas

Faz uma década e meia que estou longe de Peabiru. O Luís hoje é motorista de ônibus. O Zé Carlos está empregado como técnico agrícola em Iretama. Minha irmã se formou e está casada com um cardiologista. O pai ficou com os irmãos dele, hoje fazendeiros com terras no Paraná e no sul da Bahia. Não me fiz poeta, muito menos escritor, mas minha mãe não deixa de acreditar nisso, talvez porque eu escreva nos jornais, talvez porque me veja com meus caderninhos de rascunho, que continuo preenchendo agora sem a desculpa juvenil de que é para melhorar a caligrafia.

Foi um amigo de meu cunhado que um dia me perguntou qual o sentido de gastar a vida com a literatura e se não havia nada mais útil para uma pessoa fazer. Entrei em depressão, chocado com a maneira sumária com que este médico reduzia toda minha vida a uma poeirinha na vasta estrada dos seres úteis. De uma certa forma, este livro é para tentar responder a esta pergunta, respondê-la para mim mesmo, que é o que importa. Mas também é para dar um fundo de verdade ao que minha mãe fala. Agora poderá dizer para os amigos e parentes que tem um filho escritor. Não um escritor em especial, longe disso, minha história nunca permitirá que eu chegue a coisa desta importância, mas um escritorzinho como tantos outros. Melhor seria dizer, um autor de livros, o que é uma definição mais simples, sem a pompa que o termo escritor pressupõe.

E se um leitor estiver se perguntando para que ele escreveu tudo isso? onde o sentido?, já tem aqui a resposta. Para contentar uma mãe. E também para acabar um pouco com o longo silêncio vivido por minha família.

Vindo de um povo basicamente iletrado, recebi a tarefa de ser seu porta-voz. Escrevo por isso, para fazer com que falem estes entes sem discurso. Pode até ser uma justificativa tola, mas como ela pesa pra mim. Se você não a compreende, é porque a sua história é outra, você não sente o travo amargo de um silêncio centenário.

Posso dizer que minha missão é antes de tudo familiar. Escrevo agora as cartas que meu pai jamais escreveu à minha mãe e as escrevo com lágrimas nos olhos, não de tristeza, mas de alegria. Não fui prefeito de Bela Vista do Paraíso, não aprendi a discursar, continuo ruim na arte da diplomacia, mas tomei alguma

intimidade com as palavras e acho que isso já paga a dívida que meu pai deixou, não a dívida em dinheiro, mas a moral.

Daí esta minha vontade de habitar folhas em branco para gastar este extenso estoque de silêncio, para dissipar esta herança de desejos. Aprender a escrever foi a única saída para dar uma condição letrada à extensa ignorância de meus antepassados.

Não pude ser mais útil à sociedade, não salvo vidas como os médicos, não luto pelos miseráveis, não minimizo a solidão dos homens como as prostitutas, mas pronuncio palavras que viviam apenas virtualmente na cabeça de meus antepassados, eu toco estas palavras em estado imaterial com meu sopro, com meu corpo, com estes lábios rotos. Por favor, não me peçam mais, isto já é bastante para um ser tão ínfimo.

Meu pai viveu 32 anos, eu já ultrapassei esta idade. Estou no limite. Isto também justifica o livrinho. Deixo aqui não a minha história, mas uma história. Caso venha a morrer jovem como meu pai, não transferirei este legado de silêncio a ninguém.

(A vantagem de ter mãos pequenas é o fato de serem impróprias para tarefas e gestos grandiosos.)

Herdeiro de ruínas

Querido irmão,

Li seu livro emocionada não só por ter participado dos acontecimentos mas porque vejo como a leitura te livrou de um destino que insistia em ficar grudado em nossa família.

Agora compreendo melhor o que se passava em sua cabeça, suas angústias e mesmo este profundo sentimento de orfandade, que definiu sua personalidade. Você foi sempre centralizador nas relações afetivas porque não conseguiu até agora superar a perda do pai e nem aceitar a figura de um padrasto também centralizador.

Havia, no entanto, fatos que você desconhecia. Para poupar o filho já revoltado, a mãe escondeu muita coisa, que aos poucos foi revelando para mim. Sofri com o silêncio, ouvindo as confissões e o choro dela quando você se ausentava e presenciando na mãe a luta entre o amor pelo homem com quem tinha se casado e o do filho, sem poder tomar o partido de nenhum, ou melhor, tomando o partido dos dois.

Como sofrem as mulheres quando os homens da casa lutam! Nós apenas assistíamos e tentávamos ajudar às escondidas, criando recompensas, e você e o pai sempre em atrito. Um senta na mesa para almoçar, o outro sai. Um usa calça larga; o outro, justa. Um, cabelo curto; o outro, comprido. O pai era o mais forte e a gente protegeu você para não criar mais revoltas. A gente queria viver unido, queria que os dois tivessem razão, mas cada um tinha o seu mundo e a necessidade de provar que conseguia sobreviver nele.

Sei também o que representou para você aprender a ler e a escrever e depois ter conseguido viver apenas da literatura, não importa se dando aula ou escrevendo para jornais, e sei a frustração do pai por ver que os outros dois filhos não seguiram o caminho que ele planejou. Se a gente olhar por este lado, você era o mais fraco e venceu, e este livro, no fundo, seria mais para comemorar esta vitória.

Mas ele não deve significar isso, seria mesquinharia e daí eu estaria

do lado do pai assim como estive ao seu lado quando você era o oprimido. O que quero dizer é que você não deve usar sua história contra o pai. Embora esteja bem de vida, ele não tem os filhos para receber a herança, e então todo o seu projeto de enriquecimento fica sem sentido. O pai está preso nas engrenagens que ele mesmo inventou. Sabe que o Zé e o Luís não vão cuidar do que ele construiu e isso faz dele um perdedor.

Você se lembra da letra de *A enxada e a caneta*? Acho que não, fui eu que herdei o dom musical da mãe. Guardei aquela letra na memória, ela fala tanto de nossa vida...

A ENXADA E A CANETA
(Capitão Balduíno-Teddy Vieira)

Disse a caneta pra enxada
Não vem perto de mim, não
Você tá suja de terra
De terra suja do chão
Sabe com quem tá falando?
Veja a sua posição
E não esqueça a distância
Da nossa separação
Eu sou a caneta dourada
Que escreve nos tabelião
Eu escrevo pros governo
As leis da constituição
Escrevi em papel de linho
Pros ricaço e pros barão
Só ando na mão dos mestre
Dos home de posição.
A enxada respondeu
De fato eu vivo no chão
Pra poder dar o que comer
E vestir o seu patrão
Eu vim no mundo primeiro
Quase no tempo de Adão
Se não fosse o meu sustento

Ninguém tinha instrução.
Vai-te, caneta orgulhosa
Vergonha da geração
A tua arta nobreza
Não passa de pretensão
Você diz que escreve tudo
Tem uma coisa que não
É a palavra bonita
Que se chama educação.

Não foi você mesmo que disse que nas tragédias gregas não existem culpados e vítimas, e que as desgraças não são efeitos de determinados comportamentos, tal como na civilização cristã, e sim uma mera frivolidade dos deuses do Olimpo? Eu ouvi isso quando me explicava a diferença entre a visão maniqueísta e a trágica. Não me lembro sobre qual livro falávamos, mas na hora estas informações ficaram na minha cabeça. O destino colocou você e o pai dentro desta pequena tragédia, dentro de um embate de dois mundos, de valores diferentes, de duas sensibilidades. Se os valores representados pela caneta vencessem, o pai teria negado a sua luta desde menino para conseguir sobreviver. Ele não lutou contra você, mas contra um universo que você representava para ele. Transformar o filho em trabalhador rural era mostrar que o trabalho é mais importante do que o poder dos letrados. O pai, assim como todos os homens que começam do nada e conseguem conquistar uma posição honestamente, fez uma revolução sozinho, lutando contra todas as armadilhas apenas com o pouco estudo que teve, o seu tino comercial e o seu corpo. Veja, ele tem 55 anos e parece 20 mais velho. Deu a saúde para mostrar que é possível vencer pelo trabalho, que a força da enxada é maior do que a da caneta.

Não, meu irmão. Agora, depois de ler este livro, tenho certeza, ele não lutava contra você, mas contra aquilo que você simbolizava. Você era o perigo, o assaltante inteligente que lhe tiraria tudo, que o deixaria na rua. A lógica das coisas queria que esta fosse sua função dentro da vida dele. Então o pai fez de tudo para te derrubar e te derrubou, mas ao te derrubar ele te deu a chance de fugir, de procurar outro caminho, onde você conseguiu, no mínimo, provar que podia ficar de pé.

A grande falha do livro é que ele não abraça também a história do padrasto. Não quero dizer que você deva transformá-lo em herói, ele não foi um herói, ele simplesmente cumpriu um papel. Você também

cumpriu o seu, mas conseguiu mostrar o que te levou a assumir esta postura. E ele? O que parece é que houve uma recusa de entender a história do padrasto. Ficou faltando a pré-história dele, o período anterior ao casamento com a mãe, e assim é mais fácil incriminá-lo, colocá-lo na pele apertada do vilão.

Para você, a coisa que o pai mais ama é o dinheiro. E está certo e errado ao mesmo tempo. A coisa que ele mais ama é a caixa de engraxate que usou, aos seis ou sete anos de idade, e que continua perfeita até hoje. O que o pai mais ama são os instrumentos de trabalho, todos representados nesta caixa de engraxate. De pequeno engraxate a vendedor ambulante, de vendedor a trabalhador na roça durante a semana e, nos fins de semana, barbeiro de vila ou carpinteiro. Depois motorista de caminhão, o casamento, a separação da primeira mulher, a vida de feirante em Maringá, onde dormia no porão de uma escola. Depois novamente caminhoneiro, desta vez com veículo próprio.

O pai sai de uma família de vários filhos, não recebe nenhum apoio, muito pelo contrário, ajuda na criação dos irmãos. A vida inteira trabalhando, se jogando de corpo inteiro no serviço, até hoje, quando já não precisa, acreditando sempre que com esforço não há dificuldade que não se vença. O padrasto que tanto trabalhou, mas que não sabe falar, que não sabe se expressar, que nunca escreveu uma carta, jamais se intimidou diante de qualquer situação difícil.

Quando ele tentava te arrastar para o mundo dele, era uma forma de te amar, de te ensinar o que ele sabia. É claro que ele não tinha jeito, tanto que conseguiu distanciar o Zé e o Luís. Só que não dá para dizer que ele queria o teu mal, desejava apenas te chamar para a realidade.

No fundo, seu livro também valoriza o padrasto. Apesar do ódio aparente, dá para enxergar na sua vitória a dele. Indiretamente, você também salda a dívida de silêncio do padrasto. Ao descrevê-lo, ao relatar sua participação nesta não família, você está, por meio da escrita, dando visibilidade a ela. E isso todos devem ao rapazinho dado a leituras, que não conseguiu trabalhar na lavoura, que gostava de ficar trancado em casa. Eles devem isso a você. Da mesma forma que você deve muita coisa a eles, principalmente ao pai. É que você se vale da caneta como uma enxada, numa literatura sem enfeites. Veja só. Você detesta relógio de pulso da mesma forma que o pai. Tem vergonha de sair de óculos escuros e de bermuda assim como o pai. Gosta de levantar cedo, de trabalhar até ver o fim do serviço. Tal padrasto, tal filho. Toda esta herança está na sua maneira de ver a literatura e de escrever. Você é um camponês no meio de civilizados e isso é o reflexo da educação que, mesmo contrariado, você herdou do lado mais rústico da família.

Nem o Zé e nem o Luís se parecem tanto com o pai como você, por isso seu livro é uma celebração do mundo dele, não é verdade? E eu acho isso bonito, lutando contra o padrasto você conseguiu ser o herdeiro dele, enquanto os que apenas aceitavam as imposições se perderam pelo caminho. Sei que foi difícil não contar com a ajuda de ninguém, porque a nossa foi pouca, mas foi isso que te moveu.

Durante anos eu guardei um segredo. Mas não há mais sentido em manter você longe da realidade. O padrasto tinha e continua tendo os defeitos dele, que foram insuportáveis porque a mãe sempre mostrou o nosso pai como modelo. A verdade é que você não se lembra do pai, ele nos chegou apenas pela única foto e por aquilo que a mãe contava. A mãe sempre foi uma contadora de histórias e soube pôr a ficção na frente do real. Ela não queria que você se revoltasse ao descobrir o lado feio do pai. Mas com isso te jogava contra o padrasto, porque você queria que ele fosse perfeito como o pai. E essa era uma perfeição criada.

No último ano de vida, por estar desesperado, o pai se envolveu com roubo de café nas fazendas da região. Foi assim que ele conseguiu o dinheiro para fazer a maldita viagem em que morreu. Você pode pensar que foi um ato de desespero, e deve ter sido, mas ele fez isso para não enfrentar o trabalho pesado, por vergonha do trabalho.

Ele também teve várias amantes durante o casamento, chegava em casa com marcas de batom na roupa e a mãe aguentava estas coisas em silêncio, não reclamava para a vó Carmen porque não queria que ninguém mais sofresse, por isso nunca contou para você e nem terá coragem de contar. Apenas nós duas sabíamos.

Pude assim compreender melhor o padrasto. É um homem que leva a sério a honestidade, tanto nos negócios como na família, e que nos passou esta gana pelo trabalho. Veja como você tem sempre tantos projetos, isso você deve a ele. Me conte, quando você o viu fazendo qualquer coisa desonesta? Enganando alguém na cerealista?

Meu irmão, fico contente que você tenha escrito este livro, me dando a oportunidade de revelar este segredo, que agora não é mais segredo.

Um beijo de sua irmã,

Carmen Sanches

Epílogo

As casas novas logo envelhecem, criando uma crosta de poeira e limo, as chuvas dão cria a enxurradas gordas de terra vermelha enquanto, nos muros, invariavelmente sem reboco, o tijolo ainda guarda a sua cara de barro.

Percorro de volta as ruas de Peabiru, depois de uma ausência de 15 anos. Não vou direto para a casa do pai, saio pelas ruas desviando de meus itinerários antigos. Quem passou a infância aqui só pode ter esta alma encardida. A poeira vermelha dá a tudo um véu de velhice. Percorro a cidade vazia desviando de meu destino.

Nesta rua brinquei com meninos que hoje são mecânicos, bandidos, pequenos funcionários, ganhando com sacrifício o salário do lento suicídio, neste campo soltei pipas, aprendi a andar de bicicleta, tirei a roupa de uma menina que hoje tem cinco filhos (por favor, não me deixem sozinho comigo).

No velho barracão, onde funcionava nossa cerealista, encontro apenas um oco povoado por pó e teias de aranha — útero seco da infância. Aqui ajudei meu padrasto quando Peabiru ainda tinha vida, carreguei sacos, vendi arroz, feijão e amendoim no varejo, roubei dinheiro do caixa para comprar *O capital*, de Marx, que, sem nunca ler, vendi, muito depois, a um sebo de Curitiba.

No barracão de madeira encontro as velhas balanças usadas para pesar a fartura de pequenos sitiantes nas manhãs de sábado quando a cidade fervilhava de gente roceira comprando macarrão, querosene, sal e açúcar — era tudo de que precisavam.

Nestas balanças que jamais roubaram acumulei minha reserva de honestidade. Tento como outrora me pesar numa das balanças velhas e ela não se mexe — ou sua maquinaria rude não funciona ou sou apenas um fantasma desprovido de minhas arrobas.

Na rua de baixo, a casa da professora que me alfabetizou e me ensinou a conjugar solitariamente o verbo amor é um edifício de tábuas podres.

Por onde ando esbarro em meu passado. Uma outra menina que amei durante três anos e infindáveis pileques me olha com um olhar murcho de vergonha e escombro. Está mais velha do que eu uns 15 anos. Uma das desgraças desta cidade coberta de poeira é que tudo envelhece mais rápido. Tudo

ganha a imagem de coisa abandonada.

Abandonado o pequeno comércio no centro, onde os turcos vendem quinquilharias para o vento. Abandonada a praça onde outrora exercíamos os dons da chalaça. Abandonados os bares em que nos iniciamos nos caminhos do álcool. Abandonados os corpos flácidos das mulheres que um dia receberam o olhar indiscreto de nossa puberdade.

Quando é que morreu esta cidade que insiste em viver em mim?

Se tivesse ficado aqui, eu hoje não a teria comigo. Ela se apagaria, seria sorrateiramente substituída pelas ruínas de agora. E eu talvez fosse um agricultor plantando uma semente cara para dar de graça a colheita.

Os jovens não me conhecem e nos velhos não me reconheço. O grande amigo da infância que queria ser músico é agora um gordo entregador do mercado da cidade. Tantos amigos viraram inimigos, me olham como intruso por ter traído um destino, por não ter vestido a sina que a cidade me preparara, por não ter tido paciência com esta maldita poeira que envelhece as casas, racha os pés das mulheres, das mulheres que amei, hoje gordas madonas, andando de chinelas de dedo e falando mal das meninas em flor que bebem bebem bebem para esquecer que logo serão velhas e arrastarão seus filhos e seu destino estúpido pelas ruas imundas deste povoado de pó.

Os caminhos de Peabiru não levam a lugar algum. Aqui todo futuro é sempre passado — a população, pobre e suja, não tem a dignidade de tempos remotos quando a sujeira era de outra ordem; — a lama e a poeira de então eram a da cidade que estava sendo feita, a dos destinos em construção — hoje são de decadência.

Deixo o carro numa esquina e caminho em silêncio pelas ruas do passado. No portal deste armazém ermo sentávamos para aprender o idioma quente das ruas. Nesta velha casa, toquei o primeiro corpo de mulher — era bem mais velha e gostava de exibir coxas e seios luzidios. Hoje, deve estar escondendo até do marido uma flacidez que não a deixa olhar-se de frente no espelho. Aqui neste portão eu namorava uma menina linda e fanhosa — as pedras desta calçada são de saudosa memória.

No labirinto repleto de armadilhas, encontro um bar íntimo sem nenhuma pessoa conhecida. Quero ficar com as paredes, com o velho ladrilho e os vidros sujos — eles doem menos do que a humana ruína.

Peço uma cerveja, uma mulher me serve e não pergunto onde andarão os outros donos, que tinham um sobrinho roqueiro — o Beleza — que nunca nos cobrava as bebidas.

Bebo em silêncio, olhando cada detalhe. O balcão é o mesmo, talvez seja outra a mesa de sinuca, há garrafas de pinga que datam do dilúvio. Chove lá fora e olhando a paisagem embaçada é como se fosse a mesma de antigamente.

A mulher se aproxima do balcão para perguntar se sou daqui.

Respondo seco.

— Fui.

— Muita gente que partiu tem voltado, mas não conheço ninguém. Sou nova na cidade.

Não digo nada, apenas olho as árvores do outro lado da rua, a velha praça e o local onde havia uma televisão. Ali, nós, crianças pobres, assistíamos velhas novelas.

— Onde o senhor mora?

— Numa cidade chamada memória.

— Não sei onde fica — diz a mulher enquanto me vira as costas para atender um jovem.

Chove sobre minha infância:

Sobre o livro
- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=23492

Sobre o autor
- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=54

Livros do autor
- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=54

Página do livro no Skoob
- http://www.skoob.com.br/livro/4505

Página do livro no O Livreiro
- http://www.olivreiro.com.br/livros/1432857-chove-sobre-minha-infancia

Blog do autor
- http://herdandoumabiblioteca.blogspot.com.br/

Página do autor na Wikipédia
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Sanches_Neto

Twitter do autor
- http://twitter.com/#!/miguelsanchesnt

Vídeo com dicas de leitura
- http://www.youtube.com/watch?v=_RFQrn6nsl4

Página do autor no Facebook
- http://pt-br.facebook.com/pages/Miguel-Sanches-Neto/121782381219370